

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

Rui Zanata Jr.

**Mecanismos da homofilia:
a invisibilização dos desiguais no associativismo urbano.**

Porto Alegre, setembro de 2012.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

Rui Zanata Jr.

**Mecanismos da homofilia:
a invisibilização dos desiguais no associativismo urbano.**

Dissertação de Mestrado apresentada
junto ao Programa de Pós-Graduação em
Sociologia da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul como requisito final à
obtenção do título de Mestre em
Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Kunrath Silva

Porto Alegre, setembro de 2012.

Rui Zanata Jr.

**Mecanismos da homofilia:
a invisibilização dos desiguais no associativismo urbano.**

Dissertação de Mestrado apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito final à obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Aprovada em 14 de setembro de 2012.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Marcelo Kunrath Silva (PPGS/UFRGS)
(Orientador)

Prof. Dr. Carlos José Naujorks (Depto. de Psicologia/UFSC)
(Membro)

Prof. Dr. Fernando Coutinho Cotanda (PPGS/UFRGS)
(Membro)

Prof. Dr. Luciano Joel Fedozzi (PPGS/UFRGS)
(Membro)

DEDICATÓRIA

*Para meus pais, Rui e Cecília,
e meus avós, Devino e Nadir,
Ulisses e Angela.*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço aos meus pais, Rui e Cecília, pelo apoio incondicional nos momentos mais difíceis destes mais de dois anos de mestrado.

Ao professor e amigo Marcelo, com quem compartilho há mais de cinco anos inúmeras “aventuras sociológicas”, agradeço pela orientação sempre atenciosa que tornou esta dissertação possível.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul e ao seu Programa de Pós-Graduação em Sociologia – seus professores e funcionários – pelo ensino de qualidade oferecido.

À CAPES pelo subsídio da bolsa de pesquisa.

À professora Soraya Maria Vargas Cortes e ao professor Eber Pires Marzulo por participarem da banca de qualificação do projeto desta pesquisa.

Aos professores Carlos José Naujorks, Fernando Coutinho Cotanda e Luciano Joel Fedozzi por terem aceitado participar da banca de avaliação desta dissertação.

Ao Laboratório de Tratamento de Imagens e Geoprocessamento, na pessoa do professor Régis Alexandre Lahm, pela produção dos mapas analisados no Capítulo 7. Em especial, agradeço ao Thiago Bazzan pelo cuidado e rigor com que produziu os referidos mapas.

Um agradecimento muito especial aos entrevistados e às entrevistadas pela sua paciência e disponibilidade.

Por fim, agradeço aos familiares e amigos/as pelo apoio e incentivo nos momentos difíceis.

RESUMO

Esta dissertação visa dar prosseguimento às investigações realizadas com duas associações de moradores de Porto Alegre – uma localizada numa vila popular e outra situada num bairro de classe média. Essas pesquisas evidenciaram que as distâncias estruturais e relacionais entre agentes que ocupam posições distintas em contextos de desigualdades extremas se reproduzem também na conformação das redes associativas. Frente a esses resultados, coloca-se a finalidade central desta pesquisa: identificar e analisar processos sociais que permitem explicar a associação causal entre distância social estrutural e distância social relacional – ou seja, a homofilia – observada no associativismo urbano de Porto Alegre. Devido à impossibilidade de abordar adequadamente os diversos mecanismos que concorrem para a (re)produção da homofilia, optou-se por focalizar um mecanismo que, hipoteticamente, parece desempenhar um papel central em um contexto de profunda desigualdade como o brasileiro: o mecanismo de invisibilização. Argumenta-se que a invisibilização de indivíduos e grupos em posições inferiorizadas por parte daqueles ocupantes de posições superiores na hierarquia social constitui um mecanismo importante na constituição das fronteiras sociais e simbólicas em espaços sociais marcados por desigualdades extremas. A hipótese aventada é de que a invisibilização tende a bloquear os contatos entre indivíduos desigualmente situados no espaço social ao estabelecer fronteiras sociais e simbólicas entre eles, contribuindo, assim, na reprodução das distâncias estruturais e relacionais no associativismo. Para fins de análise, tomam-se como objetos de investigação indivíduos engajados em duas associações de moradores de classe média de Porto Alegre. São investigadas as relações e os deslocamentos desses indivíduos como um recurso metodológico para analisar os padrões homofílicos observados na atuação das organizações às quais eles pertencem. A opção por indivíduos como unidade de análise se fundamenta no argumento de que as relações entre agentes sociais são conformadas pelos grupos aos quais eles pertencem conjuntamente, enquanto que os laços entre grupos são formados pelos integrantes que eles compartilham. Para compreender como opera a invisibilização nas redes de relações, empregou-se a metodologia de análise de redes sociais. As técnicas de produção de informações reticulares conhecidas como gerador de nomes e *name interpreters* possibilitaram construir a trama de relações dos *egos* entrevistados e explorar os atributos socioeconômicos dos seus *alters*, respectivamente. Para dar conta da invisibilização nos deslocamentos e destinos dos agentes pesquisados foram realizadas entrevistas semiestruturadas. Foi solicitado a eles que desenhassem em um mapa até três

percursos dentro do bairro e três trajetos dentro da cidade, bem como fazer comentários sobre tais deslocamentos. A análise das redes relacionais e dos deslocamentos dos oito casos investigados permite sustentar empiricamente a presença e a operação do mecanismo de invisibilização. De um lado, ela se expressa na tendência de que indivíduos em posições subalternizadas estejam ausentes dos espaços e das relações que estruturam o cotidiano dos indivíduos pesquisados. Tal ausência diminui (e, no limite, impede) a possibilidade de que relações significativas e duradouras se estabeleçam entre os desiguais. Por outro, mesmo quando aquela tendência é rompida e os entrevistados interagem com indivíduos e organizações em posições inferiorizadas, observa-se que tal interação tende a não produzir vínculos relevantes.

Palavras-chave: associativismo urbano, distância social, invisibilização, homofilia.

ABSTRACT

This dissertation aims to continue the investigations carried out with two residents' associations in Porto Alegre – one located in a poor neighborhood and the other in a middle class neighborhood. These surveys have shown that the structural and relational distances among agents who occupy distinct positions in contexts of extreme inequality are reproduced in the conformity of the associative networks as well. Based on these results, the main purpose of this research is presented: to identify and analyze the social processes that help explain the causal association between structural social distance and relational social distance – in other words, homophily – observed in the urban associations in Porto Alegre. Given the impossibility of adequately covering the numerous mechanisms that compete to the (re)production of homophily, we chose to address a mechanism that, hypothetically, seems to play a central role in a context of profound inequality, as it is the case in Brazil: the invisibility mechanism. It is argued that the invisibilization of individuals and groups in inferior positions by the ones that occupy superior positions in the social hierarchy constitutes an important mechanism in the formation of social and symbolic boundaries in social spaces characterized by extreme inequalities. The suggested hypothesis is that invisibilization tends to impede the contact between individuals unequally situated in the social space by establishing social and symbolic boundaries between them, contributing, thus, to the propagation of the structural and relational distances in associations. For the analysis, individuals engaged in two middle class residents' associations in Porto Alegre are taken as objects of investigation. The relationships and displacements of these individuals are investigated as a methodological resource to analyze the homophylic patterns observed in the performance of the organizations they belong to. The choice for individuals as units of analysis is based on the argument that the relationships among social agents are shaped by the groups in which they participate together, whereas the relations between groups are formed by the participants they have in common. In order to understand how the invisibilization on the networks of relations operates, a method of social network analysis was used. The reticular information production techniques, known as *name generators* and *name interpreters*, facilitate the construction of a web of relations of the interviewed *egos* and the exploration of the socioeconomic attributes of their *alters*, respectively. To address the invisibilization on the dislocations and destinations of the participants, semi-structured interviews were made. They were asked to draw in a map up to three routes inside their neighborhood and three routes

inside the city, as well as to comment about these dislocations. The analysis of the networks of relations and dislocations on the eight cases investigated allow empirical sustention of the presence and operation of the invisibility mechanism. On the one hand, it is expressed on the tendency that individuals in subordinated positions are absent in spaces and relations that structure the daily lives of the participants. This absence decreases (and, ultimately, prevents) the possibility of establishing significant and lasting relationships between the unequal. On the other hand, even when this tendency is broken and the participants interact with individuals and organizations in inferior positions, it is observed that this interaction tends not to produce relevant bonds.

Key-words: urban associations, social distance, invisibility, homophily.

LISTA DE QUADROS E ILUSTRAÇÕES

Quadro 1. Relações entre conceitos e variáveis que sustentam a proposta de análise.....	30
Sociograma 1. A Rede egocentrada da AM_1.....	55
Sociograma 2. A Rede egocentrada da AM_2.....	63
Sociograma 3. Rede egocentrada_001.....	71
Sociograma 4. Rede egocentrada_002.....	75
Sociograma 5. Rede egocentrada_003.....	79
Sociograma 6. Rede egocentrada_004.....	84
Sociograma 7. Rede egocentrada_005.....	88
Sociograma 8. Rede egocentrada_006.....	93
Sociograma 9. Rede egocentrada_007.....	97
Sociograma 10. Rede egocentrada_008.....	103
Figura 1. Mapa dos deslocamentos urbanos de ego_001 – escala da cidade.....	108
Figura 2. Mapa dos deslocamentos urbanos de ego_001 – escala ampliada.....	109
Figura 3. Mapa dos deslocamentos urbanos de ego_002 – escala da cidade.....	112
Figura 4. Mapa dos deslocamentos urbanos de ego_002 – escala ampliada.....	113
Figura 5. Mapa dos deslocamentos urbanos de ego_003 – escala da cidade.....	117

Figura 6. Mapa dos deslocamentos urbanos de ego_003 – escala ampliada.....	118
Figura 7. Mapa dos deslocamentos urbanos de ego_004 – escala da cidade.....	120
Figura 8. Mapa dos deslocamentos urbanos de ego_004 – escala ampliada.....	121
Figura 9. Mapa dos deslocamentos urbanos de ego_005 – escala da cidade.....	124
Figura 10. Mapa dos deslocamentos urbanos de ego_005 – escala ampliada.....	125
Figura 11. Mapa dos deslocamentos urbanos de ego_006 – escala da cidade.....	128
Figura 12. Mapa dos deslocamentos urbanos de ego_006 – escala ampliada.....	129
Figura 13. Mapa dos deslocamentos urbanos de ego_007 – escala da cidade.....	132
Figura 14. Mapa dos deslocamentos urbanos de ego_007 – escala ampliada.....	133
Figura 15. Mapa dos deslocamentos urbanos de ego_008 – escala da cidade.....	137
Figura 16. Mapa dos deslocamentos urbanos de ego_008 – escala ampliada.....	138
Ilustração 1. Matriz de informações relacionais.....	156

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Perfil sociodemográfico e associativo dos indivíduos entrevistados.....	51
Tabela 2. Associações de moradores envolvidas no <i>Movimento Não ao Pontal do Estaleiro</i> e no <i>Movimento em Defesa da Orla do Guaíba</i>	57
Tabela 3. Perfil profissional dos <i>alters</i> da rede egocentrada_001.....	69
Tabela 4. Perfil sócio-geográfico da rede egocentrada_001.....	70
Tabela 5. Perfil profissional dos <i>alters</i> da rede egocentrada_002.....	73
Tabela 6. Perfil sócio-geográfico da rede egocentrada_002.....	74
Tabela 7. Perfil profissional dos <i>alters</i> da rede egocentrada_003.....	77
Tabela 8. Perfil sócio-geográfico da rede egocentrada_003.....	78
Tabela 9. Perfil profissional dos <i>alters</i> da rede egocentrada_004.....	82
Tabela 10. Perfil sócio-geográfico da rede egocentrada_004.....	83
Tabela 11. Perfil profissional dos <i>alters</i> da rede egocentrada_005.....	86
Tabela 12. Perfil sócio-geográfico da rede egocentrada_005.....	87
Tabela 13. Perfil profissional dos <i>alters</i> da rede egocentrada_006.....	91
Tabela 14. Perfil sócio-geográfico da rede egocentrada_006.....	92
Tabela 15. Perfil profissional dos <i>alters</i> da rede egocentrada_007.....	95

Tabela 16. Perfil sócio-geográfico da rede egoncentrada_007.....	96
Tabela 17. Perfil profissional dos <i>alters</i> da rede egocentrada_008.....	100-101
Tabela 18. Perfil sócio-geográfico da rede egoncentrada_008.....	102

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ACAD-RS: Associação das Academias do Rio Grande do Sul.
- ACMCB: Associação Comunitária dos Moradores da Cidade Baixa.
- AGAPAN: Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural.
- AGITRA: Associação Gaúcha dos Inspetores do Trabalho.
- AM: Associação de Moradores.
- AMA: Associação dos Moradores da Auxiliadora.
- AMABI: Associação dos Moradores e Amigos do Bairro Independência.
- AMACHAP: Associação dos Moradores do Bairro Chácara das Pedras.
- AMATRES: Associação dos Moradores do Bairro Três Figueiras.
- AMBI: Associação dos Moradores do Bairro Ipanema.
- AMC: Associação dos Moradores do Centro.
- AMOBELA: Associação de Moradores dos Bairros Bela Vista e Mont' Serrat.
- AMOVITA: Associação dos Moradores da Vila São Judas Tadeu.
- AMSC: Associação dos Moradores do Sétimo Céu.
- AMs: Associações de Moradores.
- ARCCVOR: Associação Representativa e Cultural dos Comerciantes do Viaduto Otávio Rocha.
- ARS: Análise de Redes Sociais.
- ASCOMJIP: Associação Comunitária Jardim Isabel.
- ASDERT: Associação dos Servidores da Superintendência Regional do Trabalho e Emprego do Estado do Rio Grande do Sul.
- CAR: Centro Administrativo Regional.
- CCMQ: Casa de Cultura Mario Quintana.
- CDL/POA: Câmara de Dirigentes Lojistas de Porto Alegre.
- CEUCAB/RS: Conselho Estadual da Umbanda e dos Cultos Afro-Brasileiros do Rio Grande do Sul.
- CMDUA: Conselho Municipal de Desenvolvimento Urbano e Ambiental.
- CMVA: Conselho Gestor dos Moradores da Vila Assunção.
- DEFENDER: Defesa Civil do Patrimônio Histórico.
- DMAE: Departamento Municipal de Águas e Esgotos.
- DMLU: Departamento Municipal de Limpeza Urbana.

EPTC: Empresa Pública de Transporte e Circulação.

F: Feminino.

IDH: Índice de Desenvolvimento Humano.

IDHs: Índices de Desenvolvimento Humano.

IAB/RS: Instituto dos Arquitetos do Brasil.

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

IEL: Instituto Estadual do Livro.

M: Masculino.

MBA: Master Business Administration.

MMM: Movimento Morumbi Melhor.

NAT/Brasil: Núcleo Amigos da Terra.

OP: Orçamento Participativo.

OSPA: Orquestra Sinfônica de Porto Alegre.

PDDUA: Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental.

PGM: Procuradoria Geral do Município.

PMPA: Prefeitura Municipal de Porto Alegre.

PP: Partido Progressista.

PSOL: Partido Socialismo e Liberdade.

PUCRS: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

RP 1: Região de Planejamento 1.

RS: Rio Grande do Sul.

SC: Santa Catarina.

SMAM: Secretaria Municipal do Meio Ambiente.

SMGL: Secretaria Municipal de Coordenação Política e Governança Local.

SMIC: Secretaria Municipal da Produção, Indústria e Comércio.

SMOV: Secretaria Municipal de Obras e Viação.

SPM: Secretaria do Planejamento Municipal.

UDH: Unidade de Desenvolvimento Humano.

UFRGS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

UPV: União Pela Vida.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
CAPÍTULO 2: QUADRO CONCEITUAL: DISTÂNCIA SOCIAL, HOMOFILIA, FRONTEIRAS SOCIAIS E SIMBÓLICAS E INVISIBILIZAÇÃO	26
CAPÍTULO 3: METODOLOGIAS E TÉCNICAS DE PESQUISA	34
3.1. A análise de redes sociais	34
3.2. Redes egocentradas e redes pessoais	35
3.3. Técnicas de produção de dados relacionais: gerador de nomes e <i>name interpreters</i>	37
3.4. Deslocamentos urbanos: um indicador do mecanismo de invisibilização?	40
3.5. Gerador de nomes e <i>name interpreters</i>: considerações do pesquisador e impressões dos entrevistados	41
CAPÍTULO 4: OS INDIVÍDUOS PESQUISADOS: PERFIL SOCIOECONÔMICO E HISTÓRICO DE ENGAJAMENTO ASSOCIATIVO	43
CAPÍTULO 5: AS ASSOCIAÇÕES DE MORADORES DE BAIRRO PESQUISADAS	53
5.1. A AM_1	53
5.2. A AM_2	60

CAPÍTULO 6: IDENTIFICANDO O MECANISMO DE INVISIBILIZAÇÃO NO ASSOCIATIVISMO URBANO ATRAVÉS DA ANÁLISE DE REDES SOCIAIS.....68

6.1. Os casos investigados a partir da Associação de Moradores 1 (AM_1).....68

6.1.1. Caso 1.....68

6.1.2 Caso 2.....73

6.1.3 Caso 3.....76

6.1.4 Caso 4.....80

6.2 Os casos investigados a partir da Associação de Moradores 2 (AM_2).....85

6.2.1 Caso 5.....85

6.2.2 Caso 6.....89

6.2.3 Caso 7.....94

6.2.4 Caso 8.....99

6.3 Síntese dos resultados construídos a partir da Análise de Redes Sociais.....105

CAPÍTULO 7: IDENTIFICANDO O MECANISMO DE INVISIBILIZAÇÃO NO ASSOCIATIVISMO URBANO ATRAVÉS DOS DESLOCAMENTOS DOS INDIVÍDUOS PESQUISADOS.....107

7.1 Os exemplos empíricos investigados a partir da Associação de Moradores 1 (AM_1).....107

7.1.1 Exemplo empírico 1.....107

7.1.2 Exemplo empírico 2.....111

7.1.3 Exemplo empírico 3.....116

7.1.4 Exemplo empírico 4.....119

7.2 Os exemplos investigados a partir da Associação de Moradores 2 (AM_2)..	123
7.2.1 Exemplo empírico 5.....	123
7.2.2 Exemplo empírico 6.....	127
7.2.3 Exemplo empírico 7.....	131
7.2.4 Exemplo empírico 8.....	136
7.3 Síntese dos resultados construídos a partir dos deslocamentos dos indivíduos pesquisados.....	140
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	142
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	145
ANEXOS.....	151

INTRODUÇÃO

Esta dissertação visa dar prosseguimento às investigações empíricas realizadas entre 2007 e 2009 com duas associações de moradores (AMs) de Porto Alegre – uma localizada numa vila popular e outra situada num bairro de classe média. Essas pesquisas evidenciaram, grosso modo, que as distâncias estruturais e relacionais entre agentes que ocupam posições sociais distintas em contextos de desigualdades extremas se reproduzem também na conformação das redes do associativismo urbano. Dessa maneira, identificou-se uma expressiva tendência de que os membros das AMs pesquisadas se relacionem com indivíduos, entidades, instituições e organizações ocupantes de posições similares no espaço social. Em linhas gerais, foi verificado que as distâncias estruturais se desdobram em distâncias relacionais, gerando laços sociais homofílicos – ou seja, relações entre indivíduos que compartilham características socioeconômicas e culturais (estilos de vida) semelhantes.

Em um primeiro estudo (ZANATA JR., 2009), observou-se uma composição e um volume muito diferenciados dos capitais sociais – ou a sua reconversão em outras formas de recursos – detidos pelas duas AMs pesquisadas. Assim, a associação de moradores (AM) situada no bairro de classe média fundamentava suas ações através da mobilização de amplo leque de relações com políticos, empresários, organizações sociais e instituições. Já a AM localizada na vila popular possuía uma rede relacional muito menor e, sobretudo, constituída por atores com posições sociais bem menos proeminentes do que as ocupadas pelos agentes com os quais a primeira associação costumava se relacionar. Esses “achados” empíricos informam que as conexões sociais (responsáveis, em grande medida, pelo acesso a diversos tipos de oportunidades e recursos) destas duas AMs são estabelecidas com indivíduos e grupos situados em posições relativamente similares a cada uma delas no espaço social.

No segundo trabalho (SILVA; ZANATA JR., 2010), por sua vez, a partir de uma pesquisa empírica sobre as relações sociais de uma AM localizada em bairro de classe média de Porto Alegre, reafirmou-se a constatação de uma expressiva segmentação do tecido associativo da cidade em decorrência das marcantes distâncias estruturais e relacionais entre seus habitantes. Observou-se que as AMs dos bairros de classe média tendem a estabelecer vínculos e ações junto a agentes e a AMs em posições semelhantes no espaço social. Ao mesmo tempo, elas tendem a não manter laços e ações com agentes e associações de bairros e vilas populares, ainda que espacialmente próximas. Dessa forma, a proximidade social, ao

invés da proximidade territorial, parece ser o fator central na definição das possibilidades de relacionamento entre as AMs da cidade.

Essas investigações empíricas lançam luz sobre um associativismo urbano conformado, em grande medida, por relações sociais homofílicas. Isso porque as distâncias estruturais traduzem-se, na maioria das vezes, em distâncias relacionais, gerando homofilia. Frente a esses resultados, coloca-se a finalidade central desta pesquisa, qual seja: *identificar e analisar processos sociais que permitem explicar a associação causal entre distância social estrutural e distância social relacional observada no associativismo urbano de Porto Alegre*. Em outras palavras, o objetivo principal é contribuir para uma melhor explicação sobre como a homofilia – a qual é, em geral, tomada como um dado – é produzida e reproduzida no mundo associativo.

Nesse sentido, adota-se o argumento hipotético de que são os processos sociais associados à (re)produção de fronteiras sociais e simbólicas que explicam, em grande medida, a presença reduzida (e, no limite, a ausência) de relações sociais entre indivíduos e grupos em posições desiguais, configurando, assim, um associativismo urbano caracterizado pela segmentação e pela homofilia. O intuito desta investigação é, então, contribuir para desvendar a “caixa-preta” que possibilita explicar a correspondência empiricamente observada entre as distâncias estruturais e relacionais.

Desse modo, construído e definido o objetivo geral desta pesquisa, a qual é realizada com indivíduos engajados em duas AMs de classe média¹ (ambas situadas em bairros que apresentam indicadores socioeconômicos bastante elevados²), podem ser estabelecidos os seus objetivos específicos:

- 1) identificar e analisar os padrões e as dinâmicas configuracionais das redes de relações dos indivíduos envolvidos nas duas AMs de bairro de classe média pesquisadas;
- 2) identificar e analisar os padrões de homofilia nas redes de relações dos atores sociais engajados nas duas AMs de bairro de classe média investigadas;

¹ A *classe média* investigada nesta dissertação é constituída por indivíduos posicionados nos estratos ocupacionais *médio-médio* (formado por trabalhadores não-manuais, profissionais de nível baixo e pequenos proprietários), *médio-superior* (conformado por profissionais de nível médio e médios proprietários) e *alto* (composto por profissionais de nível superior e grandes proprietários), conforme o esquema de classificação construído por Pastore e Valle Silva (2000). Além desses grupos, os autores indicam a presença de outros três: um *baixo-inferior*, constituído por trabalhadores rurais não-qualificados; um *baixo-superior*, formado por trabalhadores urbanos não-qualificados; e um *médio-inferior*, composto por trabalhadores qualificados e semi-qualificados. No presente estudo, são empregados indicadores como *profissão/ocupação*, *escolaridade* e *Índice de Desenvolvimento Humano do bairro de residência* para a operacionalização deste esquema de classificação socioeconômica. Para uma discussão mais detalhada ver também Neto (pp.69-73, 2009).

² No Capítulo 5, são apresentadas as duas AMs investigadas e caracterizados socioeconomicamente os bairros onde elas estão localizadas.

3) mapear e analisar os deslocamentos urbanos dos (sobretudo, *para onde vão* os) agentes sociais envolvidos nas duas AMs de bairro de classe média pesquisadas.

Devido à impossibilidade de abordar adequadamente os diversos mecanismos que concorrem para a (re)produção da homofilia, optou-se por focalizar um mecanismo específico que, hipoteticamente, parece desempenhar um papel central em um contexto de profunda desigualdade como o brasileiro: *o mecanismo de invisibilização*. Argumenta-se, assim, que a invisibilização de indivíduos e grupos em posições inferiorizadas por parte daqueles ocupantes de posições superiores na hierarquia social constitui um mecanismo importante na constituição das fronteiras sociais e simbólicas em espaços sociais marcados por desigualdades extremas. A hipótese aventada é de que a invisibilização tende a bloquear os contatos entre indivíduos desigualmente situados no espaço social ao estabelecer fronteiras sociais e simbólicas entre eles, contribuindo, assim, na reprodução das distâncias estruturais e relacionais no mundo social e, mais especificamente, no associativismo urbano.

Para a operacionalização deste argumento, foram construídas duas dimensões teórico-analíticas com vistas a explorar como opera na realidade social o mecanismo de invisibilização. A primeira delas diz respeito à significativa tendência de que atores sociais situados em posições de classe subalternas estariam, em certa medida, ausentes das redes de relações dos agentes sociais em posições superiores no espaço social. Já a segunda dimensão estaria vinculada à dinâmica de estruturação dos deslocamentos urbanos realizados pelos (*de onde vem e para onde vão* – ou seja, quais são os espaços de sociabilidade frequentados pelos) indivíduos em seu cotidiano.

Essas duas dimensões do mecanismo de invisibilização estabeleceriam, de forma hipotética, situações, encontros e eventos configurados por indivíduos socialmente similares, com o conseqüente ocultamento dos “diferentes”. Tal dinâmica social explicaria, em grande parte, como e por que a homofilia se produz e reproduz no espaço social e, mais designadamente, no associativismo urbano.

A argumentação desenvolvida nesta pesquisa sustenta-se, em grande medida, no pressuposto de que a persistência histórica das profundas desigualdades observadas na sociedade brasileira tende a se refletir nas mais diversas relações sociais. Entende-se, desse modo, que a desigualdade social é um fator constituinte da (e, certamente, um dos mais impactantes sobre a) sociedade brasileira. Apesar disso, ainda são poucas as pesquisas empíricas que exploram mais detidamente as implicações de tais desigualdades na conformação do associativismo urbano e na estruturação dos padrões de atuação das organizações sociais.

A maior parte dos trabalhos que exploraram a relação entre associativismo e desigualdade concentrou-se, sobretudo, na investigação dos efeitos das desigualdades sobre os processos de envolvimento associativo. Autores como Ferreira (1999), Reis (1996) e Santos (2006) sublinharam que a extrema desigualdade social produziria significativos obstáculos ao engajamento associativo das camadas da sociedade brasileira ocupantes das posições subalternas do espaço social.

Quando o foco de investigação recaiu sobre os processos associativos conformados no extremo oposto da pirâmide social, houve uma tendência em enfatizar a fragilidade de tais processos frente à força de ações não coletivas de encaminhamento de demandas e de acesso a recursos por parte deste segmento³. Haveria, assim, pouco estímulo ao desenvolvimento de processos organizativos coletivos entre os segmentos superiores da sociedade, pois a elevada desigualdade tenderia a conferir a este estrato social uma posição privilegiada no acesso aos tomadores de decisões governamentais e na distribuição dos recursos sociais⁴.

Porém, o reconhecimento de tais obstáculos ao engajamento associativo não deve levar à conclusão, apressada, de que eles são totalmente eficazes no bloqueio de tal engajamento ou que produziram uma sociedade completamente fragmentada e desorganizada. Ao contrário, apesar desses obstáculos, corretamente destacados pelos autores citados, houve uma significativa ampliação e complexificação do tecido associativo na sociedade brasileira, conforme apontam pesquisas recentes (LANDIM, 2005; SILVA, 2007; IBGE; IPEA; ABONG; GIFES, 2008).

Não obstante esse associativismo ter sido objeto de inúmeras investigações, a compreensão de como as desigualdades incidem sobre os processos organizativos foi dificultada, em grande medida, pelas orientações teóricas predominantes. Em especial, a ênfase normativa no caráter igualitário e democratizante das organizações da sociedade civil – que marcou tanto as pesquisas sobre os movimentos sociais nos anos 1980 quanto os estudos sobre sociedade civil e capital social em décadas mais recentes (SILVA, 2006; LÜCHMANN, 2011) – restringiu a capacidade de problematizar a relação dessas organizações com os processos de produção e reprodução das desigualdades no Brasil.

Buscando suplantar esses limites e contribuir para a discussão sobre a relação entre desigualdade e associativismo na sociedade brasileira, questiona-se nesta pesquisa: quais seriam os efeitos das acentuadas e persistentes desigualdades socioeconômicas sobre o

³ Uma exceção importante a esta tendência encontra-se nos trabalhos de Dreifuss (1981; 1989).

⁴ Tal argumento expressa-se, por exemplo, na ênfase de Marques (1999; 2000; 2003) nas relações interpessoais como mecanismo central de acesso ao Estado no Brasil.

associativismo urbano no Brasil? A resposta a esta pergunta é importante, pois, conforme coloca Kerstenetzky, “quando as desigualdades socioeconômicas são ‘duráveis’ e elevadas é bem plausível que se repliquem no interior da vida associativa, bem como entre grupos organizados e não organizados, enfraquecendo a habilidade da inclusão política da participação associativa” (KERSTENETZKY, 2003, p.132).

Essas significativas implicações das desigualdades socioeconômicas sobre a vida associativa no Brasil, apontadas por Kerstenetzky (2003), tenderiam a se expressar nas e a reproduzir as diferenças no acesso a recursos entre organizações de grupos desigualmente posicionados na estrutura social, gerando desigualdades na capacidade de ação e de intervenção das mesmas. Isso porque, seguindo o argumento construído por Lin (2001), em função do princípio de homofilia, as relações tendem a se constituir entre atores em posições estruturais semelhantes, fazendo com que o intercâmbio de recursos ocorra entre iguais.

Em uma sociedade altamente desigual, este princípio de homofilia levaria os ocupantes de posições socialmente subalternas a estabelecerem relações e a compartilharem a precariedade de recursos com seus iguais, enquanto que os situados em posições dominantes tenderiam a monopolizar as relações que possibilitam o acesso aos recursos que seus iguais controlam. Portanto, o argumento formulado por Lin estabelece uma forte associação entre interação, similaridade social e acesso a recursos. Em suas palavras,

nós podemos ainda estender o princípio de homofilia aos ocupantes de posições similares em múltiplas estruturas de recursos (por exemplo, autoridade, status ou classe), porque, pelas regras de congruência e de transferência de recursos, as interações podem envolver parceiros com diferentes tipos de recursos, desde que os valores de seus recursos sejam equivalentes (LIN, 2001, p.39-40 – tradução própria).

Portanto, e de forma mais específica, nesta investigação são exploradas as implicações das profundas distâncias sociais (estruturais e relacionais) entre os indivíduos, geradas pelos altos níveis de desigualdades existentes no Brasil, sobre a dinâmica associativa. Argumenta-se que em um contexto marcado por profundas e persistentes desigualdades como o brasileiro, haveria uma forte tendência de que atores sociais localizados em posições inferiores na hierarquia social estariam, em grande medida, *ausentes* no cotidiano relacional e nos deslocamentos urbanos daqueles mais bem posicionados no espaço social. *Ausentes* e, no limite, *invisíveis* porque encobertos por situações cotidianas (tais como: relações, percursos e espaços frequentados) marcadas pela desigualdade historicamente construída no Brasil.

Busca-se, dessa maneira, explorar como se configura a invisibilização dos diferentes e desiguais para compreender a reprodução das distâncias sociais e das desigualdades na sociedade brasileira e, neste caso específico, no associativismo urbano. Essa proposta de

investigação se mostra relevante na medida em que explora empiricamente atores sociais (situados em posições superiores na hierarquia social e envolvidos em AMs de bairro) que desempenham papel relevante na constituição (heterogênea) da sociedade civil⁵, mas que são pouco estudados pela ciência social brasileira⁶. Desse modo, pesquisar o associativismo de bairro configurado nos grupos sociais mais bem situados na hierarquia social é relevante frente à heterogeneidade de atores que conformam a sociedade civil, pois, conforme pondera Almeida, “o reconhecimento da diversidade intrínseca à sociedade civil, no Brasil e fora dele, ganhou razoável consenso em face das críticas endereçadas às concepções que lhe conferiam um caráter essencialmente virtuoso no debate dos anos 90” (ALMEIDA, 2010, p.10).

Ao mesmo tempo, pode-se estabelecer a relevância desta pesquisa na medida em que grande parte das AMs (sejam elas conformadas por indivíduos situados em posições superiores ou inferiores no espaço social) está envolvida em diversos arranjos institucionais de participação para atores da sociedade civil (dentre os quais, podem ser ressaltados, na cidade de Porto Alegre, o Orçamento Participativo (OP), o Conselho Municipal de Desenvolvimento Urbano e Ambiental (CMDUA), as Regiões de Planejamento, o Fórum Municipal de Entidades etc.). Em geral, são nessas estruturas participativas que a maioria das AMs (dentre elas as duas entidades de bairro pesquisadas) da cidade busca se engajar a fim de estabelecer suas prioridades e demandas e acessar os recursos sociais disponíveis.

Conforme já assinalado nos parágrafos precedentes, para fins de análise, tomam-se como objetos de investigação empírica indivíduos engajados em duas AMs de bairro de classe média de Porto Alegre. Desloca-se a unidade de análise, que nos primeiros estudos foram AMs como entidades coletivas de bairro (ver ZANATA JR., 2009; SILVA; ZANATA JR. 2010), para atores sociais engajados em AMs de bairro de classe média. Portanto, são indivíduos situados em uma posição de classe média na hierarquia do espaço social e que participam da AM do bairro onde residem que constituem a unidade de investigação empírica construída para identificar e explorar como opera o mecanismo de invisibilização. Esta opção teórico-metodológica pelos indivíduos como unidade de análise se justifica na medida em

⁵ O conceito de sociedade civil designa, ao longo desta pesquisa, o conjunto de práticas associativas existentes em um determinado contexto. Neste sentido, é empregado para apreender um conjunto amplo e diversificado de atores sociais, despidido dos aspectos normativos que parte da literatura associa a este conceito (LAVALLE, 2003).

⁶ Os estudos realizados por Boschi (1987; 1990) em princípios dos anos 1980 sobre associativismo de bairro de classe média constituem uma importante referência nesta temática de investigação. Contudo, nos últimos 20 anos, a organização coletiva de classe média em AMs não se estabeleceu como objeto relevante na agenda de pesquisa da ciência social brasileira. Apesar desse “desaparecimento” do associativismo de bairro de classe média nos estudos sobre a sociedade civil brasileira, pode-se arguir que, a partir de meados dos anos 2000 (pelo menos na cidade de Porto Alegre), AMs de vários bairros de classe média passaram a ter destacada atuação em diversos movimentos e espaços participativos da cidade.

que, nesta pesquisa, toma-se como princípio analítico o argumento de que as relações entre os agentes sociais são conformadas pelos grupos aos quais eles pertencem conjuntamente, enquanto que os laços entre os grupos são formados pelos integrantes que eles compartilham (MISCHE, 2008). No final do próximo capítulo é construída, de forma mais detalhada, a justificativa para a escolha de indivíduos como objeto de investigação empírica.

Além desta Introdução, a presente dissertação se encontra assim estruturada: no próximo capítulo, é construído o quadro conceitual da proposta analítica defendida; em seguida, são apresentadas e discutidas as questões metodológicas da pesquisa. No Capítulo 4, são apresentados os oito indivíduos entrevistados. No capítulo seguinte, são apresentadas as duas AMs pesquisadas, bem como são investigadas as suas redes de relações sociais. No sexto capítulo, são investigadas e exploradas a presença e a operação do mecanismo de invisibilização nas redes relacionais dos entrevistados. No Capítulo 7, encontra-se a análise de como opera o mecanismo de invisibilização nos deslocamentos dos indivíduos pesquisados. Por fim, nas Considerações Finais, são discutidos os principais “achados” da pesquisa, bem como são estabelecidas possibilidades de investigação futura a partir da análise construída e dos seus resultados.

CAPÍTULO 2

QUADRO CONCEITUAL: DISTÂNCIA SOCIAL, HOMOFILIA, FRONTEIRAS SOCIAIS E SIMBÓLICAS E INVISIBILIZAÇÃO

Neste capítulo serão discutidos, inicialmente, os conceitos de distância social, homofilia e fronteira social e simbólica, os quais instrumentalizam a análise das (não) relações entre indivíduos envolvidos em AMs de bairros de classe média e indivíduos engajados em AMs de bairros e vilas populares. Num segundo momento, é explicitado o que se compreende por mecanismos causais, os quais constituem, grosso modo, os processos que possibilitam explicar como as distâncias estruturais se prolongam em distâncias relacionais, (re)produzindo, por sua vez, fronteiras sociais e simbólicas no associativismo de bairro.

Em seguida, é construído teórica e analiticamente o mecanismo de invisibilização entre agentes sociais situados em diferentes e desiguais posições no espaço social. É através da identificação e da análise de como opera na realidade social o mecanismo de invisibilização que se busca apreender como as distâncias estruturais se desdobram em distâncias relacionais. Ou seja, como se dá a geração de laços sociais homofílicos e, por conseguinte, a reprodução das múltiplas e expressivas desigualdades que marcam a sociedade brasileira. Por fim, é discutido o princípio de “dualidade de pessoas e grupos”, conforme defendido por Mische (2008), enfatizando-se a opção teórico-metodológica em tomar como objeto empírico de investigação os indivíduos e não as AMs nas quais eles estão engajados.

O conceito de distância social apresenta uma extensa trajetória e diferentes acepções. Pode-se, de forma geral, delimitar duas perspectivas teórico-epistemológicas a respeito da noção de distância social: uma marcadamente psicológica e outra mais propriamente sociológica⁷ (LAGO; RIBEIRO, 2001), a qual é discutida nos parágrafos seguintes.

Sorokin (1973), ainda em meados dos anos 1920, estabelece uma perspectiva de caráter mais propriamente sociológico para o conceito de distância social. Este autor enfatiza que a distância social é estabelecida dentro de um espaço social total, no qual a posição do indivíduo é determinada por muitos aspectos. Segundo Sorokin, para “conhecer a posição social de um homem, o status de sua família, sua cidadania, nacionalidade, religião, ocupação, partido político, status econômico, raça e muitas outras coisas necessitam ser conhecidas”

⁷ Entre as abordagens clássicas de cunho mais designadamente psicológico se destacam autores como Bogardus (1925a; 1925b) e Park (1924). Para uma atualização crítica da proposta analítica construída por Bogardus ver Banton (1960).

(SOROKIN, 1973, p.226). Não obstante, somente a construção da posição social a partir de tais critérios não é suficiente. Considerando-se que no interior de um grupo existem posições diferentes, é preciso, segundo sua perspectiva, conhecer também a posição do indivíduo dentro do grupo social ao qual ele está inserido.

Desse modo, na abordagem proposta por Sorokin, “a posição social do homem é a totalidade de suas relações para com todos os grupos da população e, dentro de cada grupo, para com seus membros” (SOROKIN, 1973, p.227). Segue-se que os indivíduos integrantes de um mesmo grupo social e possuidores de uma mesma função dentro do grupo têm posição social idêntica. Já os agentes sociais que diferem quanto ao grupo e/ou à função no interior dele, segundo o autor, diferem também em termos de sua posição social. E, assim, “quanto maior for a semelhança das posições desses diferentes homens, maior será a sua proximidade no espaço social. [E] quanto maior e mais numerosas forem suas diferenças, maior será a distância social entre eles” (SOROKIN, 1973, p.227).

Buscando sintetizar o debate sociológico contemporâneo, Bottero (2005) ressalta que a apreciação dos estudos sobre estratificação permite delimitar, muito esquematicamente, duas perspectivas distintas sobre o conceito de distância social. Numa visão estrutural, a distância social é entendida em termos de localizações diferentes dentro de uma estrutura externa de estratificação. Num olhar relacional, a distância social é observada em termos de relações de proximidade ou distância em que a estratificação é conformada pelos padrões das vinculações existentes. Ademais, podem-se sublinhar outras diferenças fundamentais. Conforme resume a autora,

nas perspectivas estruturais, grupos são definidos como socialmente distantes se eles são muito *diferentes* entre si (em termos de categorias de classe, gênero ou raça), enquanto que nas perspectivas relacionais eles são definidos como socialmente distantes se eles raramente se *associam* entre si. Grupos podem ser muito diferentes (pertencendo a diferentes categorias de classe ou raça), mas ainda assim serem socialmente próximos se eles se relacionam por amizade ou por parceria sexual regularmente (BOTTERO, 2005, p.7 – tradução própria – grifos da autora).

Articulando estas perspectivas estrutural/posicional e relacional, Bourdieu (1996; 2005) percebe a sociedade como constituída por relações de proximidade e de separação que são, antes de tudo, relações hierárquicas. As posições geradas pela distribuição desigual do volume e da composição dos múltiplos tipos de capitais – econômico, cultural, político, simbólico, social etc. – expressam as relações de dominação entre as classes e definem as posições ocupadas pelos indivíduos no espaço social. A distância social entre os atores sociais decorre, segundo Bourdieu, das relações das posições sociais nas quais eles estão inseridos.

Em outros termos, Bourdieu (1996; 2005) esboça uma concepção teórica que

compreende o mundo social como um espaço (composto de múltiplas dimensões) organizado sob a base de princípios de diferenciação e de distribuição formados pelas propriedades atuantes em determinado universo social, as quais conferem, ao detentor, força ou poder. Dessa forma, “os agentes e grupos de agentes são assim definidos pelas suas posições relativas neste espaço” (BOURDIEU, 2005, p.134). Além disso, conforme sublinha Bourdieu,

a ideia de diferença, de separação, está no fundamento da própria noção de *espaço*, conjunto de posições distintas e coexistentes, exteriores umas às outras, definidas umas em relação às outras por sua *exterioridade mútua* e por relações de proximidade, de vizinhança ou de distanciamento e, também, por relações de ordem, como acima, abaixo e *entre*; por exemplo, várias características dos membros da pequena-burguesia podem ser deduzidas do fato de que eles ocupam uma posição intermediária entre duas posições extremas, sem serem objetivamente identificáveis e subjetivamente identificados com uma ou com outra. (BOURDIEU, 1996, p.18-19 – grifos do autor).

Partindo das elaborações teóricas desses autores, nesta pesquisa o conceito de distância social é construído levando em consideração tanto a sua dimensão estrutural – na qual a distância social decorre das diferenças de atributos entre os indivíduos – quanto a sua dimensão relacional – na qual a distância social é devida à ausência de relações entre os atores sociais. A partir desta conjugação entre distância social estrutural e distância social relacional, pode-se ressaltar o fato de que as pessoas que interagem socialmente também tendem a ser socialmente semelhantes em termos atributivos.

Segundo McPherson, Smith-Lovin e Cook (2001), isso significa que as distâncias em termos de características socioeconômicas e culturais se traduzem em distâncias relacionais – o que corresponde ao princípio de homofilia, segundo o qual, similaridade social produz conexões sociais. Assim sendo, no entendimento de Bottero,

o padrão de *homofilia* (o princípio de que semelhança gera relação) tem um grande impacto sobre as redes sociais. Semelhança social (não só em termos de status ocupacional, mas também ao longo de dimensões de raça, etnia, educação, idade, religião, atitudes, gostos e crenças) estrutura fortemente uma gama de rede de relações (de relações intensas e de longa duração como casamento/parceira e amizade, a laços mais curtos e circunscritos, tais como fornecer apoio a carreira, a ‘conhecer alguém’, ou aparecer junto no espaço público) (BOTTERO, 2005, p.166 – tradução própria – grifos da autora).

A partir das considerações acima construídas, em especial, daquelas fundamentadas em Bourdieu (1996; 2005) e Bottero (2005), são definidas as duas dimensões do conceito de distância social. Por um lado, tem-se a dimensão denominada de *distância social estrutural*, a qual corresponde às diferenciações estabelecidas com base nos atributos sociais, econômicos e culturais dos atores sociais. Então, grupos e/ou indivíduos são socialmente distantes se eles apresentam diferenças em termos de categorias como classe, escolaridade, gosto, raça, renda

etc. Por outro lado, tem-se a dimensão chamada de *distância social relacional*, a qual diz respeito à presença/ausência de laços e vínculos entre os indivíduos. Desse modo, grupos são socialmente distantes se eles raramente ou nunca se relacionam entre si.

O outro conceito fundamental para a construção desta pesquisa é o de fronteira. Em anos recentes, a noção de fronteira tem ocupado um papel chave em diferentes áreas das ciências sociais (LAMONT; MOLNÁR, 2002; PACHUCKI; PENDERGRASS; LAMONT, 2007). Pode-se, antes de qualquer coisa, arguir, conforme Tilly (2004; 2005), que as fronteiras “nos” separam “deles”. Elas interrompem, dividem, circunscrevem e segregam a distribuição de populações no interior das sociedades.

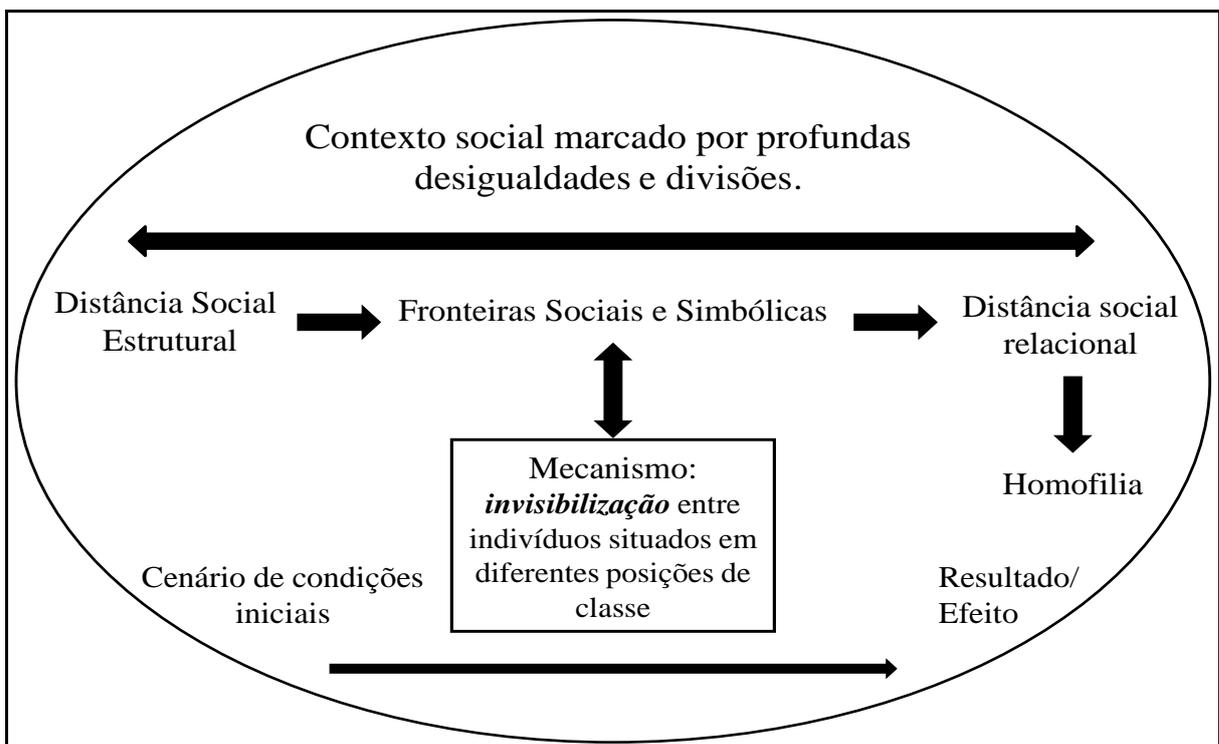
Saint-Martin, Rocha e Heredia (2008) e Labache e Saint-Martin (2008) realçam, por sua vez, a relação entre distância social e a produção de fronteiras sociais. Para as autoras, o conceito de fronteira constitui uma ferramenta teórico-metodológica particularmente pertinente para pesquisar as múltiplas formas de manutenção e de recomposição da distância entre grupos em sociedades atravessadas por profundas desigualdades e divisões. Já Lamont e Molnár (2002) destacam a relação entre fronteiras e a produção de semelhanças e de diferenças. Em suas palavras, “a noção de fronteiras é crucial para analisar como os atores sociais constroem grupos como similares e diferentes e como isso divide seus entendimentos e suas responsabilidades para com tais grupos” (LAMONT; MOLNÁR, 2002, p.187 – tradução própria).

Lamont e Molnár (2002) distinguem, então, duas dimensões constitutivas do conceito de fronteira. São elas: as *fronteiras simbólicas* e as *fronteiras sociais*. As primeiras existem no nível intersubjetivo, enquanto as segundas se manifestam em agrupamentos de indivíduos. Os autores consideram que, num nível causal, as fronteiras simbólicas podem ser entendidas como uma condição necessária, mas insuficiente para a existência de fronteiras sociais.

As *fronteiras simbólicas* se referem a distinções conceituais feitas pelos atores sociais para categorizar objetos, pessoas, práticas etc. Elas constituem ferramentas pelas quais indivíduos e grupos disputam sobre e entram em acordo sobre definições do mundo social. Ao investigá-las é possível capturar as dinâmicas das relações de como os grupos competem na produção, difusão e institucionalização de sistemas alternativos de princípios de classificação e de demarcação. Já as *fronteiras sociais* correspondem, por sua vez, a formas objetivadas de diferenças manifestadas no acesso e distribuição desiguais de recursos e de oportunidades. Elas são reveladas, dessa maneira, através de padrões estáveis de associação e interação entre os indivíduos.

A partir das considerações construídas nos parágrafos precedentes, sustenta-se, nesta pesquisa, a existência de uma interdependência entre as posições sociais ocupadas pelos agentes na estrutura do espaço social e as suas estruturas de relações cotidianas. Os processos de (re)produção de fronteiras sociais e simbólicas e os mecanismos a eles associados explicariam, então, como as distâncias estruturais traduzem-se, muito frequentemente, em distâncias relacionais entre os indivíduos – ou seja, em conexões homofílicas. Fato esse que contribui, sobremaneira, para a reprodução das desigualdades no espaço social e, mais especificamente, para a sua replicação no interior do associativismo urbano.

A busca dos “mecanismos da homofilia” implica em ir além da possível e provável associação causal entre distância estrutural e distância relacional e a consequente produção de conexões sociais homofílicas. Nesse sentido, coloca-se a necessidade de desvendar quais são os mecanismos que constituem o que é denominado pela literatura sociológica como a “caixa-preta” entre uma causa (input) e um efeito (outcome) (HEDSTRÖM; SWEDBERG, 1996; MAHONEY, 2001; 2003; MAYNTZ, 2004). Desse modo, esta proposta de análise tem por objetivo central “abrir” a “caixa-preta” do processo de (re)produção de vínculos sociais homofílicos no associativismo urbano, analisando, mais especificamente, a *invisibilização* como um dos mecanismos explicativos de tal processo. O Quadro 1, abaixo, sistematiza as associações entre os conceitos que sustentam o argumento desenvolvido.



Quadro 1. Relações entre conceitos e variáveis que sustentam a proposta de análise.

Fonte: elaboração do autor.

Para Mayntz (2004), as análises baseadas em mecanismos causais procuram explicar *como e por quais passos intermediários* um determinado resultado segue de um cenário de condições iniciais. Se uma causa produz um efeito sem passos intermediários, certamente, nenhum mecanismo está envolvido e, neste caso, a própria relação de causa-efeito corre o risco de ser uma tautologia. Hedström e Swedberg (1996), por sua vez, empregam o termo mecanismo para se referirem ao componente de um processo social que conecta uma causa (input) a um efeito (outcome). Isso pode ser formalmente expresso da seguinte forma: $I - M - O$. O mecanismo M serve para explicar a relação observada entre as condições iniciais específicas I e o resultado específico O .

A partir das ponderações acima apresentadas, este trabalho busca explorar a “caixa-preta” que seria, hipoteticamente, constituída pelo mecanismo de invisibilização entre agentes situados em diferentes posições de classe. Mais designadamente, nesta pesquisa com AMs de bairro de classe média, tal mecanismo estaria associado à invisibilização daqueles indivíduos situados em posições socialmente inferiores por parte daqueles situados em posições superiores no espaço social. Visa-se, em outras palavras, investigar como ocorre a invisibilização daquelas AMs formadas por (e/ou que buscam representar) indivíduos e grupos situados em posições inferiores por parte daquelas AMs formadas por (e/ou que buscam representar) indivíduos e grupos em posições superiores. É essa invisibilização, segundo o argumento aqui sustentado, que explica, em grande medida, o estabelecimento de fronteiras sociais e simbólicas e a configuração homofílica do associativismo urbano.

Conforme estabelecido na Introdução desta pesquisa, a construção teórico-analítica do mecanismo de invisibilização se dá em duas dimensões. A primeira diz respeito ao fato de que indivíduos situados em determinadas posições de classe estão, em grande medida, ausentes das (ou, até mesmo, ocultos nas) redes de relações consideradas significativas pelos agentes sociais posicionados em outras posições no espaço social. Mais especificamente, a invisibilização está associada, nessa sua primeira dimensão, à ausência de laços sociais mais próximos e constantes entre agentes posicionados desigualmente no espaço social. Pode-se arguir, de forma hipotética, que haveria uma expressiva tendência de que atores sociais situados em posições de classe subalternas estariam ausentes das (e/ou ocultos nas) redes de relações dos agentes sociais em posições dominantes no espaço social⁸.

⁸ Para dar conta de tal dimensão, é empregada a metodologia de análise de redes sociais, operacionalizada pelas técnicas de produção de informações relacionais conhecidas como gerador de nomes e *name interpreters*, conforme será detalhado na terceira seção do próximo capítulo.

Já a segunda dimensão do mecanismo de invisibilização está associada à forma como se conformam os deslocamentos realizados pelos indivíduos em seu cotidiano. Nesse sentido, é importante investigar *de onde partem* e, sobretudo, *para onde vão* os atores sociais no espaço da cidade. Desse modo, busca-se responder ao seguinte questionamento: *para onde vão* os indivíduos pesquisados quando saem de suas casas? Tais informações pretendem trazer à tona quais locais são mais frequentados pelos indivíduos que integram as AMs de bairro de classe média pesquisadas. A ideia essencial é, ao identificar esses espaços, aferir que espaços são esses. Conforme pondera Bottero, “*é o modo pelo qual nossas vidas diárias são afetadas por nossa localização no espaço social que produz padrões de homofilia e homogamia. São encontros classificados que conduzem a cruzamentos classificados*” (BOTTERO, 2005, p.170 – grifos da autora – tradução própria).

Além disso, na construção desta segunda dimensão da invisibilização, pode-se estabelecer o argumento de que ao longo dos seus deslocamentos pela cidade os indivíduos constroem uma determinada imagem mental deles. Segundo Lynch (2006), cada ator social estabelece associações com as partes da cidade onde reside, sendo que a imagem construída por cada um está carregada de lembranças e significados. Assim, visa-se, ao explorar *para onde vão* os entrevistados, acessar as imagens construídas por eles dos seus deslocamentos, buscando, em especial, o *não percebido*, o *não visto*. Isso porque essa imagem tenderia a omitir e/ou, no limite, ocultar os grupos inferiormente situados no espaço social⁹.

Essas duas dimensões (a relacional e a de deslocamentos e destinos) constitutivas do mecanismo de invisibilização produziriam, hipoteticamente, situações, encontros e eventos sociais conformados por indivíduos socialmente similares, com o conseqüente ocultamento dos desiguais e diferentes. Na verdade, é no *não dito*, no *não percebido*, no *não visto*, enfim, no construído como *invisível* que é possível “acessar” (e, portanto, compreender como opera) o mecanismo de invisibilização dos diferentes e desiguais. Tal dinâmica social explicaria, em grande parte, como e por que a homofilia se (re)produz no espaço social e, de forma mais específica, no associativismo urbano.

Conforme expressam os parágrafos precedentes, esta pesquisa focaliza as relações e os deslocamentos de indivíduos como um recurso metodológico para a análise dos padrões homofílicos observados na atuação das organizações às quais eles pertencem. Esta opção se

⁹ Na quarta seção do capítulo seguinte são discutidas a metodologia e a técnica de pesquisa que foram empregadas para investigar os trajetos urbanos dos entrevistados.

baseia no argumento de Georg Simmel, recentemente recuperado por Mische (2008), sobre a “dualidade de pessoas e grupos”. Segundo a autora,

o indivíduo pode ser visto como uma intersecção de todos os grupos aos quais ele ou ela pertencem; de maneira recíproca, grupos podem ser entendidos como a intersecção de todos os seus membros. [...] relações entre indivíduos são formadas pelos grupos aos quais eles pertencem conjuntamente, enquanto relações entre grupos são formadas pelos membros que eles compartilham (MISCHE, 2008, p. 42-43 – tradução própria).

Diante das dificuldades teórico-metodológicas e, no limite, da impossibilidade de “acessar” a operação do mecanismo de invisibilização através da exploração empírica das tramas relacionais de AMs, optou-se, então, por investigar as relações e os percursos dos indivíduos envolvidos nos processos associativos configurados nas AMs investigadas. É por meio da investigação empírica das redes egocentradas em (e dos deslocamentos urbanos de) agentes engajados em AMs que se busca compreender como a homofilia é (re)produzida no interior da vida associativa – ou seja, nas redes das AMs às quais eles pertencem. Portanto, aquela tendência homofílica do tecido associativo porto-alegrense que foi identificada em pesquisas anteriores (ZANATA JR. 2009; SILVA; ZANATA JR., 2010.), pode ser analisada e explicada, em parte, a partir da investigação de como opera o mecanismo de invisibilização no cotidiano relacional e nos trajetos urbanos dos indivíduos engajados nas AMs da cidade.

CAPÍTULO 3

METODOLOGIAS E TÉCNICAS DE PESQUISA

Este capítulo tem por objetivo apresentar e discutir as metodologias e as técnicas de pesquisa empregadas, visando explorar a relação delas com a fundamentação teórica construída, sobretudo no que diz respeito às dimensões do mecanismo de invisibilização. Desse modo, na próxima seção é apresentada a metodologia de análise de redes sociais (ARS). Em seguida, é discutida a opção metodológica pelas redes individuais egocentradas. Num terceiro momento, são debatidas as técnicas de produção de informações reticulares conhecidas como gerador de nomes e *name interpreters* e a relação delas com a primeira dimensão do mecanismo de invisibilização. Posteriormente, são construídas a metodologia e a técnica utilizadas para investigar a segunda dimensão do mecanismo de invisibilização: os deslocamentos urbanos. Por fim, são feitas breves considerações sobre o emprego do gerador de nomes e do *name interpreters*, bem como exploradas as impressões dos entrevistados sobre tais técnicas da ARS, visto que, praticamente, inexistente uma discussão mais detalhada a respeito da operacionalização dessas técnicas de pesquisa na ciência social brasileira.

3.1. A análise de redes sociais

A ARS é uma metodologia de pesquisa que procura identificar e analisar os padrões e as dinâmicas dos vínculos sociais. Ela não corresponde a uma teoria social propriamente dita, mas, sem dúvida, compartilha com a chamada sociologia relacional os seus pressupostos epistemológicos e ontológicos. Assim, a ARS oferece uma ferramenta metodológica para a operacionalização dos pressupostos analíticos do que se costuma qualificar de uma abordagem relacional do mundo social. Ao mesmo tempo, não é correto definir a ARS apenas como um conjunto restrito de métodos e técnicas de pesquisa (WELLMAN, 1983; EMIRBAYER, 1997). Isso porque, conforme destaca Boissevain (1979), a análise de redes como um instrumento de investigação tem significativas implicações teóricas, embora não constitua uma teoria social. Para o autor,

ela é um instrumento analítico que considera círculos de parentes e amigos, coalizões, grupos e casas de negócios, complexos industriais, e, até mesmo, Estados-Nação como dispersões de pontos conectados por linhas que formam redes. [...] A análise de redes faz questões sobre quem está ligado a quem, o conteúdo das ligações, o padrão que elas formam, a relação entre o padrão e o comportamento e a relação entre o padrão e outros fatores sociais. Isso tem implicações teóricas na

medida em que ela forma parte de uma mudança paradigmática para além do estrutural-funcionalismo (BOISSEVAIN, 1979, p.392 – tradução própria).

Emirbayer (1997) e Emirbayer e Goodwin (1994) estabelecem importante correspondência epistemológica e metodológica entre a sociologia relacional e a ARS. Para os autores, a abordagem de redes investiga as restrições e as possibilidades de relações entre atores sociais dentro de um sistema. Por isso, ela fornece uma ligação entre seus *insights* teóricos e as suas contribuições para o desenvolvimento da pesquisa empírica. Nesse sentido, Emirbayer (1997) destaca que a ARS é a perspectiva mais desenvolvida e mais amplamente empregada para a investigação da estrutura social. Para o autor, a análise de redes

não é fundamentalmente uma teoria ou mesmo um conjunto de técnicas de pesquisa complicadas, mas, ao invés, uma nova família compreensiva de estratégias analíticas, um paradigma para o estudo de como recursos, bens e, até mesmo, posições circulam através de figurações particulares de laços sociais (EMIRBAYER, 1997, p.298 – tradução própria).

Assim, a ARS e a sociologia relacional compartilham, epistemológica e ontologicamente, o pressuposto de que as relações sociais têm centralidade na análise dos fenômenos sociais. Para ambas, as relações entre os atores sociais são fundamentais na explicação social e, assim, elas criticam os modelos de análise que focam exclusivamente nos atributos (as características socioeconômicas) individuais. As unidades básicas de análise são as relações sociais entre os atores sociais. Desloca-se, portanto, a investigação social dos atributos individuais para as relações entre os agentes sociais¹⁰. As características das relações explicam a realidade social. Nesse sentido, o que as pessoas *são, pensam e fazem* são produtos das relações estabelecidas entre elas. Conforme explica Marques,

de acordo com essa vertente de análise [a sociologia relacional], as instituições, a estrutura social e as características de indivíduos e grupos são cristalizações dos movimentos, trocas e “encontros” nas múltiplas e inter-cambiantes redes de relações ligadas e superpostas. A matéria-prima das ciências sociais seria, portanto, o conjunto das relações, vínculos e trocas entre entidades, e não suas características (MARQUES, 1999, p.47).

3.2. Redes egocentradas e redes pessoais

Para compreender como opera o mecanismo de invisibilização nas redes de relações sociais dos indivíduos envolvidos nas AMs de bairro de classe média pesquisadas, empregou-se a metodologia de ARS. A técnica de produção de informações relacionais denominada de gerador de nomes (*name generators*) possibilitou construir a trama de relações dos

¹⁰ Ao invés de uma visão de oposição entre atributos e relações, a tendência contemporânea é a sua combinação em modelos de análise mais complexos.

entrevistados. Essas redes individuais foram levantadas através de duas questões vinculadas aos contextos da vida pessoal e associativa de cada um dos pesquisados.

Nas discussões metodológicas acerca da ARS há duas formas básicas de investigar os padrões e as dinâmicas das redes de relações sociais: as redes individuais e as redes totais (MARQUES, 2010). Quando o objetivo é analisar os padrões e as dinâmicas dos vínculos das redes individuais, uma das principais questões a ser respondida diz respeito à definição do que se compreende por rede pessoal (*personal network*) e por rede egocentrada (*ego-network*, *egocentric network*, *ego-centered network*). Essas duas abordagens das redes individuais incluem os contatos de sociabilidade mais próximos de cada indivíduo. Já nas chamadas redes totais, o foco da investigação empírica recai sobre o estudo de redes inteiras ou parciais em contextos sociais específicos – como, por exemplo, os padrões e as dinâmicas de relações internas e externas em agências estatais e nas suas políticas (MARQUES, 1999; 2006a).

Segundo Marques (2006b; 2009; 2010), a maior parte das investigações empíricas de redes individuais considera somente os laços sociais diretos de um agente social (*ego*) e as vinculações existentes entre os seus contatos primários (*alters*) – ou seja, redes egocentradas. Contudo, para o autor, tal escolha metodológica confina a sociabilidade dos atores sociais aos seus contatos primários, enquanto que a opção pelas redes pessoais não restringe previamente a abrangência da rede pesquisada. Então, Marques toma como estratégia metodológica as “redes pessoais entendidas como os contextos de relações que os indivíduos reconhecem como seus, mas que podem ou não estar ligados diretamente a eles” (MARQUES, 2010, p.50).

Segundo Marques (2006b; 2009; 2010), é importante notar que rede pessoal não deve ser entendida como sinônimo de rede egocentrada, como parece acontecer algumas vezes na literatura internacional. Em geral, as redes pessoais são definidas como uma rede de relações descrita do ponto de vista de um ator social (*ego*) (MARIN; HAMPTON, 2007; WELLMAN, 1983; BOISSEVAIN, 1974). Considera-se, nesta investigação, imprescindível definir adequadamente o que se compreende por rede pessoal – já definida acima segundo a construção feita por Marques (2010) – e por rede egocentrada. Assim, redes egocentradas dizem respeito “[...] apenas as relações diretas do indivíduo e as eventuais relações entre esses contatos primários, ou seja, apenas as relações diretas e não mediadas a no máximo um passo de distância do ego [...]” (MARQUES, 2010, p.49).

Sem dúvida, as ponderações feitas por Marques (2009; 2010) sobre os limites e problemas das redes egocentradas são corretas e relevantes para o desenvolvimento da ARS no Brasil, sobretudo quando a atenção analítica recai sobre indivíduos em situação de

pobreza. Isso porque, conforme destaca o autor, “uma parcela importante da sociabilidade que influencia a pobreza e as condições de vida ocorre a distâncias maiores do ego do que do seu entorno imediato” (MARQUES, 2009, p.478).

Contudo, nesta pesquisa optou-se por investigar redes egocentradas. Tal opção metodológica se fundamenta em um argumento principal. Ao que tudo indica, o estudo de redes egocentradas permite compreender, adequadamente, o modo como opera o mecanismo de invisibilização nas redes de relações. Isso porque possibilita evidenciar empiricamente *com quem* indivíduos situados numa posição social de classe média costumam, nos seus laços sociais cotidianos, relacionar-se, discutir questões relevantes e conversar sobre os problemas do bairro, no caso de atores sociais engajados em AMs. É preciso, portanto, ter claro que as redes egocentradas lançam luz sobre o que é fundamental para investigar o mecanismo de invisibilização. Ou seja, redes egocentradas possibilitam identificar e analisar aqueles vínculos sociais mais íntimos, mais próximos e mais visíveis de um determinado *ego*.

3.3. Técnicas de produção de dados relacionais: gerador de nomes e *name interpreters*

No estudo das redes pessoais e das redes egocêntricas uma das técnicas de coleta de dados mais comumente empregada é a que se convencionou denominar de gerador de nomes (*name generators*). Através dela é possível identificar os contatos primários (*alters*) de um determinado ator social (*ego*), bem como as relações entre os *nós* que compõem a rede centrada em *ego*.

O gerador de nomes pode ser utilizado através de surveys ou de entrevistas. Aos entrevistados são feitas uma ou mais questões, as quais têm por objetivo obter uma lista de nomes dos seus contatos primários. Em geral, ao entrevistado é requerido listar as pessoas “*com quem você conversou sobre assuntos importantes*” (BERNARD et. al., 1990; MARIN; HAMPTON, 2006; BIDART; CHARBONNEAU, 2007; VEHOVAR et. al., 2008; BURT, 2009). Esta questão pode ser limitada a um determinado contexto social (família, trabalho, atividades associativas etc.) e/ou a um período de tempo – como, por exemplo, nos últimos seis meses. Em seguida, o entrevistado informa quais dos seus contatos mantêm alguma relação entre si. Através de tais procedimentos é obtida a estrutura da rede centrada em um ator social.

Contudo, o referido procedimento de construção de informações relacionais não se encerra no gerador de nomes. Junto a essa técnica, pode-se acrescentar o que a literatura denomina de *name interpreters*. Esta técnica consiste, basicamente, em questões que visam

produzir informações socioeconômicas sobre os contatos primários de *ego* (MARIN; HAMPTON, 2006; BIDART; CHARBONNEAU, 2007; VEHOVAR et. al., 2008; BURT, 2009). Em linhas gerais, *name generators* e *name interpreters* possibilitam identificar e analisar a estrutura de uma rede de relações sociais centrada em um determinado ator social, bem como ter uma delimitação aproximada da posição social ocupada pelos *nós* que compõem a sua trama de relações sociais.

Portanto, tais técnicas de produção de dados relacionais permitem dar conta da investigação de como opera na realidade social o mecanismo de invisibilização das classes populares pelas classes médias, visto que uma das suas duas dimensões, apresentadas precedentemente, está associada às seguintes questões: 1) *com quem os indivíduos situados numa posição social de classe média costumam se relacionar mais frequentemente?* 2) *E, que posição social ocupam os indivíduos e grupos que são “vistos” e/ou “notados” pelos agentes sociais posicionados nas classes médias?*

A fim de acessar as informações sobre o cotidiano relacional dos agentes pesquisados, foi construído um questionário com dois geradores de nomes – ou seja, com duas questões diferentes que visavam identificar os *alters* do *ego* entrevistado. A primeira delas buscava descobrir os indivíduos *com quem* ele costumava dialogar sobre assuntos mais específicos do seu cotidiano, entre os quais foram destacados no gerador de nomes como exemplos: trabalho, educação, lazer, viagens, religião, família, amizade, dinheiro, saúde, política e relacionamentos. Já a segunda pergunta tinha por objetivo desvendar *com quem ego* conversava sobre os principais problemas e demandas do seu bairro de residência. Como durante o período inicial do trabalho de campo foi identificado que os problemas e as demandas construídas pelas duas AMs pesquisadas eram, em grande medida, diferentes, os exemplos utilizados no gerador de nomes foram distintos para os entrevistados engajados em cada uma delas¹¹.

As informações relacionais produzidas através do gerador de nomes foram inseridas na matriz de relações do software para ARS chamado UCINET na sua versão 6.361 (BORGATTI; EVERETT; FREEMAN, 2002). Construída, então, a matriz de vínculos entre *ego* e *alters* e entre *alters*, esses dados reticulares foram explorados em outro software para ARS, o NETDRAW versão 2.117 (BORGATTI, 2002). O NETDRAW possibilitou, por sua vez, a construção de um sociograma para cada caso empírico investigado. Nos sociogramas produzidos é possível visualizar os *nós* e as vinculações existentes entre eles.

¹¹ Para ver os questionários de ARS aplicados aos entrevistados da AM_1 e da AM_2 ver Anexos 1 e 2, respectivamente.

Já o *name interpreters* foi construído para explorar alguns dos principais atributos socioeconômicos dos *alters* do *ego* pesquisado. Assim, aos indivíduos entrevistados foi questionado: 1) a escolaridade, 2) a inserção profissional (profissão ou ocupação) 3) e o bairro de residência dos atores sociais por ele identificados como sendo suas relações sociais mais próximas e constantes¹². Conhecer o bairro onde vive cada um dos *alters* possibilita, juntamente com os dados sobre rendimento médio dos responsáveis por domicílios por bairro fornecidos pelo IBGE, auferir, por aproximação, as faixas de renda em que se poderiam encaixar os *nós* que conformam as tramas relacionais dos entrevistados.

Essas informações foram, então, empregadas para analisar o perfil socioeconômico das redes de relações egocentradas nos indivíduos pesquisados. Isso porque os dados sobre escolaridade, inserção profissional e bairro de residência permitem, grosso modo, investigar *quem são e que posição social* ocupam os *alters* de cada *ego*. Portanto, essas informações sobre os atributos socioeconômicos dos *alters* constituem dados que subsidiam a caracterização do padrão relacional homofílico das redes dos *egos* entrevistados.

O questionário construído com base na técnica de pesquisa chamada *name interpreters* é constituído também por questões sobre o tipo de relação estabelecido entre *ego* e seus *alters*, bem como sobre o engajamento destes em AMs, entidades, movimentos, organizações e partidos políticos. As informações a respeito do tipo de conexão construída entre *ego* e seus contatos possibilitou investigar, mais detalhadamente, a dinâmica relacional das redes egocentradas. Contribuindo, desse modo, para uma melhor compreensão da produção e da reprodução da homofilia e, por conseguinte, do mecanismo de invisibilização nas tramas relacionais investigadas. Já as informações sobre o envolvimento associativo e/ou político dos *alters* contribuiu para explorar o nível de envolvimento associativo e/ou político dos *nós* das redes egocentradas investigadas.

É preciso destacar, por fim, que a produção de um diário de campo (resultado das observações das reuniões dos membros das diretorias das AMs pesquisadas) também contribuiu para a investigação da presença e da operação do mecanismo de invisibilização. Em primeiro lugar, essas observações orientaram a construção do gerador de nomes (conforme colocado precedentemente) e a realização das duas entrevistas feitas com cada *ego*. Em segundo lugar, as informações obtidas durante as observações também guiaram a análise dos dados construídos através do gerador de nomes e da entrevista sobre deslocamentos e destinos (a qual será discutida na seção seguinte). Em muitos casos, a operação do mecanismo

¹² Para ver o questionário construído para explorar as informações socioeconômicas e demográficas dos *alters* ver Anexo 3.

de invisibilização se tornou empiricamente manifesta ao se analisar conjuntamente os dados relacionais ou de deslocamentos com as informações sobre o cotidiano dos *egos* entrevistados. Informações essas que “surgiram” nas conversas entre pesquisador e pesquisado durante a realização das entrevistas, bem como ao longo das reuniões das AMs investigadas.

3.4. Deslocamentos urbanos: um indicador do mecanismo de invisibilização?

Para dar conta da segunda dimensão do mecanismo de invisibilização – qual seja: a invisibilidade (ou seja, a ausência *não declarada e/ou não percebida*) daqueles indivíduos situados em posições inferiores nos deslocamentos urbanos daqueles agentes sociais mais bem localizados na hierarquia social –, foram realizadas entrevistas semiestruturadas. Estas foram construídas com base em duas questões sobre os principais trajetos cotidianos dos *egos* entrevistados na escala do seu bairro de residência e na escala da cidade de Porte Alegre. Foi solicitado a eles que desenhasssem em um mapa até três percursos dentro do bairro e em outro mapa até três trajetos dentro da cidade, bem como fazer comentários sobre tais deslocamentos¹³.

Desse modo, cada um dos entrevistados foi convidado, em um primeiro momento, a identificar o ponto de origem dos seus deslocamentos, sendo que os espaços de residência e de trabalho foram os únicos mencionados, sobretudo o primeiro. Em segundo lugar, foi requerido a eles que apontassem os destinos dos seus principais percursos cotidianos, bem como que desenhasssem os caminhos realizados entre o ponto de origem e o de chegada. Por fim, os entrevistados eram instigados a fazer comentários sobre os deslocamentos realizados e, em especial, sobre os pontos de chegada.

Essas entrevistas visavam explorar duas situações fundamentais para a compreensão de como opera o mecanismo de invisibilização na realidade social. Primeiramente, o objetivo era identificar quais são os espaços mais frequentados pelos indivíduos pesquisados no seu cotidiano. Isso porque, conforme sublinha Bottero (2005), há uma significativa tendência de que as situações (ou os eventos) nas quais as pessoas estão envolvidas sejam conformadas por indivíduos similares em termos sociais, econômicos e culturais. Pode-se arguir, segundo a autora, que são encontros socialmente classificados que conduzem, por sua vez, a cruzamentos socialmente classificados.

¹³ Ir ao Anexo 4 para ver as questões feitas para a exploração os deslocamentos urbanos dos entrevistados.

Em segundo lugar, buscou-se examinar *como são* conformados os deslocamentos realizados pelos *egos* entrevistados. A partir de tais informações, o objetivo era identificar por quais bairros, regiões, ruas, avenidas, parques e/ou praças eles passam em seus deslocamentos cotidianos. Um dos propósitos do emprego de tal técnica de pesquisa era acessar a imagem construída por esses indivíduos dos seus percursos cotidianos. Isso porque, conforme sublinha Lynch, “cada cidadão tem vastas associações com alguma parte de sua cidade, e a imagem de cada um está impregnada de lembranças e significados” (LYNCH, 2006, p.1). Para esta pesquisa em especial, é importante “divisar”, “descobrir” *o oculto, o invisível* nestas imagens construídas pelos *egos* pesquisados em seus deslocamentos cotidianos.

As informações construídas sobre os pontos de partida, os itinerários e os destino dos deslocamentos dos entrevistados foram, inicialmente, inseridas no software Google Earth e, posteriormente, tratados no software para geoprocessamento chamado ArcGIS. Este software possibilitou construir os mapas dos deslocamentos analisados no Capítulo 7 desta dissertação¹⁴.

3.5. Gerador de nomes e *name interpreters*: considerações do pesquisador e impressões dos entrevistados

O gerador de nomes e o *name interpreters* se mostraram técnicas de pesquisa de complexa e de difícil aplicabilidade. As entrevistas, em geral, foram muito longas e cansativas, tanto para o entrevistador, quanto e, sobretudo, para o entrevistado. Isso porque, quanto maior o número de *alters* elencados, mais difícil foi identificar as conexões entre eles, bem como investigar suas informações socioeconômicas. Todos esses dados necessitaram ser conferidos e complementados em uma segunda entrevista. Fato esse que exigiu grande disponibilidade e cooperação dos agentes pesquisados. Não obstante, essa segunda entrevista mostrou-se, ao longo do trabalho de campo, imprescindível à qualidade e à confiabilidade dos dados construídos, visto que foi possível, então, confirmar, complementar e aprimorar as informações produzidas na primeira entrevista¹⁵.

Os entrevistados fizeram poucos comentários ou considerações sobre o gerador de nomes e o *name interpreters*. Em geral, enfatizaram o árduo e complexo trabalho para

¹⁴ As informações sobre os deslocamentos foram inseridas no Google Earth e tratadas no ArcGIS pelo Laboratório de Tratamento de Imagem e Geoprocessamento da PUCRS. Sendo que o autor desta dissertação é o responsável pela exatidão dos dados reconstruídos através destes softwares. Antes da finalização da produção dos mapas, o autor desta pesquisa conferiu todos os deslocamentos analisados.

¹⁵ Em relação a alguns *egos* entrevistados, foi preciso, inclusive, entrar em contato via telefone ou e-mail a fim de esclarecer pequenas dúvidas restantes sobre as informações produzidas.

sistematizar e organizar as informações fornecidas por eles. Por exemplo, um dos entrevistados, quase ao final da segunda entrevista, no momento de conferir as conexões entre os *alters*, fez o seguinte comentário: “*na hora que se tirar todas essas informações que nós estamos colocando no papel é que vai ser o parto*”. Eram comuns considerações semelhantes a essa, revelando que os próprios agentes pesquisados compreendiam a complexidade das suas tramas relacionais e das dificuldades para acessá-las e reconstruí-las empiricamente.

Outro indivíduo pesquisado, ao final da entrevista, construiu a seguinte pergunta: “*e aqui, só pra eu entender, assim, o objetivo é mais ou menos traçar como é que eu me relaciono?*”. Esse questionamento feito após o entrevistado passar pelo processo de entrevista revela que o gerador de nomes alcança um dos seus objetivos ao proporcionar aos próprios pesquisados a reflexão sobre *quem são* as suas conexões sociais mais próximas e constantes.

Em outro comentário, esse mesmo indivíduo enfatizou suas dificuldades para identificar seus *alters*: “*eu nunca participei desse tipo de entrevista, com esse método. E é uma coisa assim, que não é tão fácil também (...). Claro, eu acho também que é o que está acontecendo no momento, né; mas tem muitas pessoas importantes que às vezes tu fica um ano sem falar*”. Desse modo, apesar de avaliar como positivo o período de seis meses, informou que, durante a entrevista, lembrou-se de um amigo muito próximo e que, atualmente, vive na cidade do Rio de Janeiro. Segundo informou, era uma pessoa com quem costumava conversar bastante, mas que nos últimos seis meses ele havia conversado muito pouco, quase não se lembrando de mencionar seu nome. Então, o entrevistado avaliou que somente identificou pessoas que residiam naquele momento em Porto Alegre. Ao final, decidiu relacionar esse amigo como uma das suas conexões.

Além disso, as duas questões que compõem o gerador de nomes levaram este mesmo entrevistado a se questionar se o seu envolvimento na AM_1 seria separado das outras esferas de sociabilidade da sua vida. Após algumas considerações, o entrevistado enfatizou que as relações constituídas em função da AM_1, apesar de não se configurarem aparte das suas demais conexões, têm a sua própria especificidade.

CAPÍTULO 4

OS INDIVÍDUOS PESQUISADOS: PERFIL SOCIOECONÔMICO E HISTÓRICO DE ENGAJAMENTO ASSOCIATIVO

Neste capítulo são apresentados os oito agentes sociais entrevistados. Conforme discutido anteriormente, esta pesquisa foca as relações e os deslocamentos de indivíduos como um dos recursos metodológicos para investigar os padrões homofílicos observados na atuação da AMs às quais eles participam. Isso porque, segundo o argumento defendido por Mische (2008), um ator social pode ser compreendido como o cruzamento de todos os grupos aos quais ele pertence; e, do mesmo modo, grupos podem ser vistos como a intersecção de todos os seus membros. É possível, então, arguir que os laços entre indivíduos são formados pelos grupos aos quais eles pertencem simultaneamente, enquanto que os vínculos entre grupos são constituídos pelos integrantes que eles compartilham. Por isso, além de analisar a homofilia encontrada nas redes das entidades pesquisadas (Capítulo 5), este trabalho toma como objeto de análise empírica indivíduos engajados nestas AMs a fim de explorar e explicar o padrão homofílico (e o mecanismo de invisibilização a ele associado) que marca, em grande medida, o associativismo de bairro porto-alegrense.

O formato de apresentação e de análise para cada caso segue a seguinte estruturação: inicialmente, são exploradas, brevemente, as características socioeconômicas dos entrevistados; em seguida, reconstroem-se, de forma concisa, os seus históricos de envolvimento associativo. Ao final do capítulo, são retomadas as principais informações de cada entrevistado (sexo, idade, escolaridade, profissão, desde quando reside no bairro e desde quando participa da AM do bairro), tendo por objetivo estabelecer um perfil padrão dos agentes sociais tomados nesta pesquisa para investigação empírica.

O primeiro indivíduo analisado (denominado de *ego_001*) apresenta as seguintes características: homem, 44 anos, graduado em Sociologia e pós-graduado em Antropologia, com envolvimento na diretoria da AM_1 a partir de 2008 e residindo no bairro desde 2006. Atua profissionalmente como assessor e consultor em planejamento estratégico e gestão para instituições sem fins lucrativos e organismos internacionais.

O seu envolvimento comunitário remonta ao período da adolescência no bairro Jardim do Salso, onde os pais participaram da constituição da AM. A elaboração de um abaixo-assinado, solicitando a construção de uma praça com equipamentos esportivos e recreativos

em uma área baldia foi sua primeira ação comunitária (ocorrida em fins da década de 1970 e início dos anos 1980). Cumprindo promessa feita ao filho, o pai encaminhou o abaixo-assinado a um vereador que, por sua vez, repassou a demanda ao então prefeito nomeado Guilherme Socias Villela. Três anos depois, foi inaugurada a Praça dos Cataventos. O entrevistado considera essa sua primeira ação de mobilização e a experiência com a AM do bairro como as principais causas do seu interesse pelo associativismo e pela Sociologia.

Não obstante tal envolvimento associativo na adolescência, somente em fins de 2007 e início de 2008 (já como presidente da AM_1) que a atuação comunitária de *ego_001* se constituiu de forma mais ativa e participativa. Entre 1989 e 1999, residiu na cidade de São Paulo. Quando regressou a Porto Alegre, morou, primeiro, no bairro Rio Branco e, depois, no seu atual bairro. Neste último, percebeu a existência de inúmeros problemas, tais como: a construção de obra viária de grande impacto, a (in)segurança e a “algazarra noturna”. Diante disso, junto com alguns moradores, vislumbrou a necessidade e decidiu organizar uma AM no bairro.

A partir desse engajamento na AM_1, *ego_001* acabou se envolvendo e se relacionando com outras AMs, bem como em diversos espaços participativos e associativos da cidade (Região de Planejamento 1 (RP 1), Movimento Porto Alegre Vive, Fórum Municipal de Entidades, CMDUA). Assim, pode-se dizer que a vida associativa do entrevistado se espalhou do seu engajamento comunitário no bairro de residência para o contexto mais amplo da cidade¹⁶.

O entrevistado aqui denominado de *ego_002* tem 39 anos, possui ensino superior em Artes Visuais, exercendo, atualmente, a profissão de artista plástico. Começou a viver no bairro no ano de 2005, tendo participado da reativação da AM em meados de 2007. Desde 2008, compõe a diretoria da AM_1, ocupando o cargo de diretor cultural. Contudo, *ego_002* considera-se, na prática, mais um colaborador da entidade, pois acabou se envolvendo com questões mais gerais do bairro, não restritas ao âmbito cultural.

Seu engajamento na AM_1 constitui sua primeira experiência de participação em entidades comunitárias. Segundo relatou, o fato de ter sido vizinho de *ego_001* influenciou, sobremaneira, seu envolvimento na reativação e na atual gestão da AM do bairro. Além disso, ele constrói a justificativa do seu engajamento enfatizando “ter uma afinidade com o esse tipo

¹⁶ Essa ampliação dos seus vínculos associativos se dá ao mesmo tempo em que ocorre a revisão do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Ambiental (PDDUA) de Porto Alegre. Para o entrevistado, a revisão do PDDUA se constituiu em um espaço de conexão dos indivíduos que se reuniam, antes, apenas nos seus próprios bairros e que, desde então, buscaram se integrar, constituindo, por ocasião, o Fórum Municipal de Entidades. A partir deste fórum, outros movimentos e organizações foram constituídos, tais como: o Movimento em Defesa da Orla do Guaíba e o Movimento Contra o Pontal do Estaleiro.

de pensamento [associativista]”; e também por considerar o associativismo de bairro como uma alternativa para se estabelecer um modo de vida urbana distinto do atual – o qual é qualificado por ele como desenvolvimentista, que visa o fluxo de capitais.

Ademais, *ego_002* informou que tanto a (re)constituição da AM_1 quanto o início do seu envolvimento comunitário estão estreitamente vinculados à tentativa da EPTC e de alguns comerciantes de ampliar a extensão de uma das ruas do bairro. Nessa rua se localiza(va) a residência de *ego_002* e, naquele momento, ainda residia *ego_001*. Segundo o primeiro, ele, como morador, compreendia que o projeto, “na verdade, mudaria muito o perfil da nossa rua; e que isso não era interessante pra gente; [...] e que, além disso, a gente não achava que isso [...] pudesse ser uma solução pra esse fluxo intenso da [Rua] Vinte e Quatro de Outubro”. Assim, segundo *ego_002*, os moradores se mobilizaram a fim de estabelecer uma alternativa para o local de intervenção. A proposta da AM_1 de construir no local uma passagem de pedestres foi atendida, encerrando-se, assim, o projeto de ampliação da extensão da rua¹⁷.

A terceira agente social pesquisada (identificada aqui como *ego_003*) tem 50 anos, reside desde os dezessete no mesmo bairro e, atualmente, é funcionária pública, ocupando função no Centro Administrativo Regional (CAR) da PMPA. Anteriormente, foi professora da rede municipal de ensino de Porto Alegre. No que se refere à escolaridade, possui graduação em História e Pedagogia, com pós-graduação em Orientação Sexual e Supervisão Escolar e MBA em Gestão Pública.

Sua participação na AM_1 começou em meados de 2008, devido a problemas de “algazarra noturna” causados por uma boate. Conheceu a AM_1 ao ler notícia em jornal. Não obstante tal engajamento associativo no bairro, *ego_003* considera que seu envolvimento em atividades comunitárias remonta ao período em que trabalhava como professora, pois, naquele tempo, procurava se envolver nas ações e atividades entre pais e escola.

Com relação à sua atuação associativa, informou que antes de ingressar na AM_1 buscava resolver os problemas que identificava no bairro através dos seus contatos na PMPA. Segundo *ego_003*, o fato de trabalhar na administração municipal facilita, em certa medida, seu acesso aos órgãos competentes para a resolução dos problemas. Ressaltou que, apesar da sua participação na AM_1, continua buscando recursos através dos espaços aos quais tem acesso na PMPA. Contudo, enfatizou também que nem sempre essa facilidade de acesso aos órgãos municipais possibilita solucionar, de fato, os problemas e demandas do bairro.

¹⁷ A passagem de pedestre será construída com recursos investidos pelo Supermercado Zaffari como contrapartida à Prefeitura Municipal de Porto Alegre (PMPA) devido às obras de ampliação da sua rede de supermercados na cidade.

O quarto entrevistado (*ego_004*) tem 50 anos e reside há mais de 20 no bairro; porém, sua convivência é de mais ou menos 44 anos, pois o pai possuía ali um estabelecimento comercial. Antes, morava no bairro Ipiranga, na Estrada do Forte, nas proximidades da estação de ônibus chamada Triângulo, na Avenida Assis Brasil. Possui graduação em Educação Física. Contudo, não exerce profissão relacionada com a sua formação acadêmica, uma vez que é o atual proprietário do estabelecimento comercial referido.

Ego_004 nunca havia participado de nenhuma outra AM. Seu engajamento associativo se inicia na AM_1 e ocorre por intermediação do pai, que participou da AM do bairro fundada nos anos 1960. Apesar de tal proximidade familiar com o associativismo comunitário no bairro, *ego_004* não sabia da atual existência da AM_1. Assim, começa a participar apenas em meados de 2008, quando *ego_001* já era o presidente da entidade.

Os motivos que levaram *ego_004* a se engajar na entidade comunitária do bairro são semelhantes e, praticamente, os mesmos que levaram muitos outros moradores a se envolverem na AM_1. Esses motivos, segundo suas próprias palavras, são: “os problemas do bairro: segurança, higiene, casas comerciais irregulares. A especulação imobiliária, que está assim: prédios gigantes saindo aí, obras irregulares. Essas coisas, assim, que realmente perturbam os moradores. O tráfego [e a] falta de segurança, principalmente”.

O quinto indivíduo tomado para investigação, denominado de *ego_005*, apresenta as seguintes características: homem, 56 anos, graduado em Educação Física, cursando pós-graduação e com envolvimento mais ativo na AM_2 desde 2009. Além disso, atua profissionalmente como professor de educação física em sua própria academia de ginástica e musculação, a qual se localiza no bairro vizinho ao de sua residência.

Não obstante tal fato, *ego_005* é presidente da AM do bairro onde se localiza seu local de trabalho e não a sua moradia¹⁸. Dois fatos podem explicar essa situação: 1) o primeiro diz respeito à proximidade geográfica entre os bairros; 2) o segundo e, certamente, mais significativo está associado à expressiva importância que o (local de) trabalho tem na vida cotidiana de *ego_005*.

De acordo com o entrevistado, seu envolvimento nas diversas formas de engajamento associativo remonta ao tempo da faculdade. Já naquele período, ele costumava se envolver em ações relacionadas com diretório acadêmico, comissão de formatura, coordenação de jogos etc. Além disso, ressalta que o pai participava ativamente de sindicatos, de cooperativas – enfim, de ações que visassem melhorar as condições da vida comunitária. Posteriormente ao

¹⁸ O bairro onde o entrevistado tem sua residência possui uma AM, que não é tão ativa quanto a AM tomada nesta pesquisa para exploração empírica.

término da graduação, *ego_005* integrou o Conselho de Educação Física (do qual abdicou para assumir a presidência da AM_2) e colaborou na fundação e organização da Associação das Academias do Rio Grande do Sul (ACAD-RS), da qual foi vice-presidente.

Apesar de tais momentos de engajamento, a participação no associativismo de bairro acontece apenas em meados dos anos 2000. Nesse período, foi convidado a integrar o movimento dos moradores da Rua Gonçalo de Carvalho. Contudo, considerava o movimento muito específico, uma vez que tratava, fundamentalmente, dos problemas e das demandas da referida rua. Assim, somente quando a organização dos moradores da Rua Gonçalo de Carvalho passou a abranger o bairro como um todo, *ego_005* começou a se envolver mais ativa e diretamente, o que ocorreu em meados de 2009. Ao final deste ano, participou da organização de uma chapa para concorrer à direção da AM_2, sendo então eleito presidente.

Entre os principais motivos que *ego_005* constrói para justificar seu engajamento associativo estão os que seguem: a degradação, a deterioração e, sobretudo, a (in)segurança do bairro¹⁹. Diante dessas questões estabelecidas como problemas, o entrevistado e mais alguns moradores (dos quais, muitos integram a atual diretoria da AM_2) organizaram reuniões, visando construir reivindicações em torno da Avenida Independência. Assim, em meados de 2009 ocorreu a associação desse grupo na AM_2.

Ego_006 tem 43 anos, possui formação superior em Arquitetura, exercendo a profissão de arquiteta. Reside no bairro desde 1982/1983. Contudo, ela morou entre 1997 e 2001 em São Miguel do Oeste (Santa Catarina – SC), cidade onde ainda vivem seus irmãos e sua mãe.

A primeira experiência em movimentos associativos e/ou organizativos de *ego_006* se deu ainda quando residia em São Miguel do Oeste. No caso, a entrevistada foi presidenta de entidade voltada aos menores carentes: a Associação do Menor Carente.

Foi *ego_005*, o atual presidente da AM_2, quem a convidou para ingressar no grupo de moradores que se reuniu em meados 2009 a fim de buscar soluções para a degradação, a deterioração e a (in)segurança do bairro. Ao final desse ano, *ego_006* e o referido grupo viabilizaram uma chapa para concorrer às eleições da AM_2. Assim, ela ingressou na diretoria da entidade do bairro em princípios de 2010.

Anteriormente, a entrevistada não mantinha ligações com a AM_2, apesar de manter laços de amizade com *ego_005* há mais de 20 anos e também cultivar vínculos com

¹⁹ Em diversos momentos do trabalho de campo *ego_005* ressaltou que seu envolvimento na AM_2 estava relacionado, sobretudo, ao problema da insegurança vivenciada pelos moradores do bairro – fato esse que começou a prejudicar sua atividade profissional ao afastar muitos alunos do período noturno.

moradores engajados na AM_2 e no movimento da Rua Gonçalo de Carvalho. Dos membros da atual equipe diretiva da AM_2, *ego_006* já conhecia, em especial, uma moradora que tinha significativo engajamento no movimento da Rua Gonçalo de Carvalho e na AM_2. No entanto, essa pessoa nunca convidou *ego_006* para participar da AM ou do referido movimento.

O sétimo indivíduo pesquisado, chamado de *ego_007*, tem 59 anos e possui, segundo seu entendimento, o ensino médio incompleto, pois não concluiu o terceiro ano do antigo nível científico. Foi publicitário e fotógrafo, considerando-se, atualmente, artista gráfico. Participa da AM_2 desde sua fundação, ocorrida no final de 2005. Viveu no bairro Independência até 2006, passando a morar no Centro, e, finalmente, há pouco mais de dois anos reside no bairro Bom Fim.

Apesar do fato de que se pode considerar *ego_007* o indivíduo pesquisado da AM_2 mais envolvido nos espaços participativos e associativos da cidade de Porto Alegre, seu engajamento é recente, construído a partir de meados dos anos 2000. Antes desse período, *ego_007* nunca havia participado de AMs de bairro. É um dos agentes sociais fundadores da AM_2. Inicialmente, estava engajado, sobretudo, no movimento da Rua Gonçalo de Carvalho, participando da AM_2, mas não do seu quadro diretivo. Somente com o falecimento do presidente da entidade no início de 2006, é que começa a se envolver mais diretamente na AM_2, reorganizando-a através de um organograma de funções. Foi, nesse período, o responsável pela propaganda e divulgação das ações e atividades da AM.

Pode-se organizar o seu engajamento no associativismo porto-alegrense em três momentos bastante significativos para ele. O primeiro está vinculado à (ao problema da) construção de um edifício garagem junto ao projeto do Teatro da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (OSPA), nas proximidades das ruas Gonçalo de Carvalho e Santo Antônio, onde viveu até 2006. Essa obra, segundo o entrevistado, transformaria o perfil das ruas e dos arredores, pois, com a abertura de outra via, aumentaria a circulação de automóveis.

Assim, *ego_007* decidiu se envolver no processo, iniciando sua participação no movimento da Rua Gonçalo de Carvalho. Quando os moradores decidiram constituir uma AM do bairro, defendeu a necessidade de se manter o movimento da Rua Gonçalo de Carvalho, visto que se havia alcançado importante adesão em torno desse movimento. Então, o processo foi organizado da seguinte forma: um grupo de moradores constituiria a AM do bairro, enquanto *ego_007* sustentaria o movimento da Rua Gonçalo de Carvalho a fim de não perder o apoio já estabelecido.

O segundo momento se inicia a partir da sua participação no processo de revisão do PDDUA de Porto Alegre. *Ego_007* teve conhecimento dessa discussão através do Movimento Porto Alegre Vive. Nesse período, não ocupava ainda nenhuma função na direção da AM_2. Diante da decisão da então diretoria da entidade em não participar do processo de revisão do PDDUA, ingressou no espaço de discussão do PDDUA (ou seja, no Fórum Municipal de Entidades) através do seu envolvimento no movimento da Rua Gonçalo de Carvalho.

Mais recentemente, envolveu-se na mobilização (conhecida como “Não ao Pontal do Estaleiro”) contra a tentativa de mudança de lei municipal, visando permitir a construção de unidades residenciais e comerciais num espaço destinado a atividades de interesse cultural. A coordenação dessa mobilização foi realizada pelo Movimento em Defesa da Orla do Guaíba, do qual *ego_007* participa desde a sua constituição, mas nunca como coordenador ou diretor. Entretanto, participou da sua coordenação no período da Consulta Popular referente à mudança da lei municipal acima referida.

Ego_007 ressalta que a partir do seu engajamento no movimento da Rua Gonçalo de Carvalho, na AM_2, no Fórum Municipal de Entidades e no Movimento em Defesa da Orla do Guaíba, muitas entidades, organizações e movimentos associativos de Porto Alegre, de outras cidades²⁰ e de outros países²¹ começaram a solicitar seu apoio, auxílio, assistência etc. Além disso, ele participa da Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural (AGAPAN), apoia não presencialmente a Associação Comunitária dos Moradores da Cidade Baixa (ACMCB) e a Associação dos Moradores do Bairro Ipanema (AMBI), integra o comitê dos bairros Floresta e Independência e o do bairro Bom Fim²².

O último entrevistado (*ego_008*) tem 69 anos, possui ensino superior completo e está aposentado do serviço público federal, no qual trabalhou como fiscal do trabalho. Atualmente, exerce a ocupação de contador. Reside no bairro desde 1964, integrando a AM desde meados de 2009, sendo que no princípio de 2010 passou a ocupar o cargo de primeiro vice-presidente.

Seu histórico de engajamento remonta aos anos 1970, quando participou da fundação da Associação Gaúcha dos Inspetores do Trabalho (AGITRA), ocupando, nos últimos seis anos, o cargo de conselheiro fiscal da entidade. Já entre os anos de 1978 e 1986 *ego_008* foi presidente-fundador da Associação dos Servidores da Superintendência Regional do Trabalho e Emprego do Estado do Rio Grande do Sul (ASDERT), sendo, no presente momento, apenas sócio dessa associação.

²⁰ Como o Movimento Morumbi Melhor (MMM), da cidade de São Paulo.

²¹ Tais como: Portugal, Espanha, Equador, Bolívia.

²² Esses comitês foram constituídos a partir do incentivo e organização da PMPA a fim de estabelecer as prioridades de cada bairro da cidade para serem apresentadas no 5º Congresso das Cidades.

Ego_008 fundou em 1978 um clube Lions, o qual existiu somente por uns três ou quatro anos. No entanto, há uns oito ou nove anos, ele e a esposa foram convidados por um casal de amigos (os quais residem no bairro Rio Branco) a participar do clube Lions do bairro Bela Vista, no qual ele passou a integrar a comissão de atividades. O entrevistado informou que cada clube Lions é responsável por uma determinada área, como, por exemplo, um bairro, procurando intervir junto à população carente aí localizada. Contudo, segundo o entrevistado, como no bairro Bela Vista e nas áreas próximas não se encontram grupos em situação de carência, os membros do Lions precisam ir às regiões periféricas da cidade para identificar comunidades carentes. Dessa maneira, o clube Lions Bela Vista ajuda financeiramente uma creche que se localiza no Morro da Cruz.

Apesar deste significativo histórico de engajamento associativo e, sobretudo, sindical construído desde a metade da década de 1970, *ego_008* nunca havia participado de AMs até meados de 2009. Neste momento, ele reuniu em sua casa um grupo de moradores preocupados com o abandono da área que compreende a principal avenida do bairro. Segundo relatou, inicialmente, eles não conheciam a existência da AM_2. Então, ao descobrirem que o bairro já tinha uma AM, decidiram se associar a fim de buscar soluções para a referida área. Contudo, segundo sua avaliação, a AM estava, sobremaneira, voltada aos problemas da Rua Gonçalo de Carvalho. Enquanto que o referido grupo de moradores pensava e buscava estabelecer um projeto mais amplo que abarcasse o bairro como um todo.

Desse modo, conforme foi explorado nos parágrafos precedentes, ao final de 2009 esse grupo de moradores organizou uma chapa para concorrer às eleições da AM_2. Essa chapa tinha como candidato à presidência *ego_005*, sendo que *ego_008* ocupava a função de primeiro vice-presidente. Com a vitória alcançada, o entrevistado passou, então, a participar ativamente da diretoria da entidade desde princípios de 2010.

A Tabela 1, a seguir, resume as principais informações acerca do perfil sociodemográfico e associativo dos indivíduos pesquisados. Em síntese, os oito entrevistados se dividem em seis homens e duas mulheres. No que tange à escolaridade, sete deles possuem ensino superior completo (sendo que dois têm pós-graduação concluída e um em andamento).

Entrevistado	Sexo	Idade	Escolaridade	Profissão	Reside no bairro desde:	Participa da AM do bairro desde:
Ego_001	M	44	Ensino Superior (com pós-graduação)	Assessor em planejamento e gestão	2006	2007/2008
Ego_002	M	39	Ensino Superior	Artista Plástico	2005	2007/2008
Ego_003	F	50	Ensino Superior (com pós-graduação)	Funcionária Pública	mais ou menos: 1978	2008
Ego_004	M	50	Ensino Superior	Proprietário de estabelecimento comercial	mais ou menos: 1990	2008
Ego_005	M	56	Ensino Superior (pós-graduando)	Proprietário de academia de musculação e ginástica	há mais de 20 anos	2009
Ego_006	F	43	Ensino Superior	Arquiteta	1982/1983	2009
Ego_007	M	59	Ensino Médio (incompleto)	Artista Gráfico	até 2006	2005
Ego_008	M	69	Ensino Superior	Funcionário Público (aposentado)	1964	2009

Tabela 1. Perfil sociodemográfico e associativo dos indivíduos entrevistados.

Fonte: dados produzidos pelo pesquisador através de entrevistas com os pesquisados.

No que tange à inserção profissional dos agentes sociais pesquisados, percebe-se, a partir das informações da Tabela 1, acima, que são dois funcionários públicos (um deles aposentado), um artista plástico e outro gráfico, uma arquiteta, um sociólogo que atua como assessor em planejamento e gestão e dois proprietários de estabelecimento comercial – neste caso, uma ferragem de médio porte e uma academia de musculação e ginástica.

Pode-se arguir a partir das informações de escolaridade e de inserção profissional que são, em geral, indivíduos situados em posições superiores na hierarquia social brasileira. Isso porque, em primeiro lugar, a maior parte deles possui, como nível de escolaridade, o ensino superior completo. E, em segundo lugar, porque eles são, em geral, ou funcionários públicos ou profissionais liberais.

Cabe ressaltar, ainda, que o envolvimento associativo dos pesquisados é relativamente recente, sobretudo aquele configurado em AMs de bairro. Em geral, o engajamento comunitário deles está relacionado, fundamentalmente, ou à retomada (AM_1) ou à

constituição (AM_2) da entidade de moradores do bairro. Não obstante tal envolvimento recente em AMs, a maioria dos entrevistados já havia se engajado em ações e atividades associativas, comunitárias e, sobretudo, sindicais. Ao mesmo tempo, para dois indivíduos, a atual participação na AM do seu bairro de residência constitui a primeira experiência de engajamento em formas coletivas de ação e mobilização.

CAPÍTULO 5

AS ASSOCIAÇÕES DE MORADORES DE BAIRRO PESQUISADAS

A fim de analisar a sustentabilidade empírica do argumento proposto nesta pesquisa, conforme explicitado nos capítulos precedentes, são investigadas as redes egocentradas e os deslocamentos urbanos de oito indivíduos engajados em AMs localizadas em bairros que apresentam indicadores socioeconômicos bastante elevados. No primeiro caso explorado (da AM_1), o bairro se situa na Unidade de Desenvolvimento Humano (UDH)²³ que possuía o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)²⁴ mais elevado da cidade de Porto Alegre – 0,977 – no ano 2000. No segundo exemplo analisado (da AM_2), o bairro está dividido em três UDHs que possuíam, no ano 2000, IDH, igualmente, entre os mais elevados da cidade de Porto Alegre – 0,963, 0,963 e 0,943 (PREFEITURA/SECRETARIA DE COORDENAÇÃO POLÍTICA E GOVERNANÇA LOCAL et. al., 2008)²⁵.

Nas próximas duas seções deste capítulo, são apresentadas as duas AMs tomadas para investigação empírica. Cada seção segue a seguinte estruturação analítica: em primeiro lugar, é reconstruído, de forma sucinta, o histórico de cada entidade. Num segundo momento, são analisados os padrões e as dinâmicas de organização e de funcionamento, visando, em linhas gerais, indicar as principais diferenças existentes entre elas. Por fim, são exploradas as redes de conexões egocentradas em cada uma das entidades pesquisadas. O objetivo principal é identificar e investigar o padrão relacional homofílico que marca e define, em grande medida, a forma de atuação das AMs de bairro de classe média em Porto Alegre, conforme indicaram estudos anteriores (ZANATA JR., 2009; SILVA; ZANATA JR., 2010).

5.1. A AM_1

Com base nas informações obtidas no trabalho de campo, a primeira fundação da AM_1 aconteceu ainda no início da década de 1960. Neste período, a sua atuação estava

²³ UDH é a agregação de setores censitários que atendem às exigências do IBGE para produção de indicadores; e, além disso, é uma aproximação dos bairros constituídos por lei ou reconhecidos pela identificação popular (PREFEITURA/SECRETARIA DE COORDENAÇÃO POLÍTICA E GOVERNANÇA LOCAL et. al., 2008).

²⁴ O IDH varia em uma escala de 0 a 1, sendo que quanto mais próximo de 1, melhor é a qualidade de vida de um país, região, cidade ou, neste caso, de uma UDH.

²⁵ Infelizmente, ainda não estão disponíveis os dados socioeconômicos produzidos através do Censo 2010 sobre os bairros (ou sobre as UDHs) de Porto Alegre. Dessa maneira, optou-se por utilizar nesta pesquisa as informações referentes ao Censo realizado no ano 2000.

voltada, fundamentalmente, para a construção de uma escola pública no bairro – o que foi alcançado, segundo informou um dos moradores que participaram deste processo de reivindicação, após a expressiva mobilização comunitária ocorrida através da AM do bairro.

De acordo com este mesmo morador, naquele período a AM era composta por moradores dos bairros Auxiliadora e Mont' Serrat. E, ademais, na sua avaliação, a AM_1 era muito mais forte, pois mobilizava um número maior de indivíduos, tendo, por exemplo, a participação de 30 a 40 pessoas em média em cada reunião.

Até meados dos anos 1970, a entidade se manteve bastante atuante. Contudo, acabou passando por um longo período de inatividade, retomando suas atividades associativas e comunitárias somente entre os anos de 2007 e 2008. Atualmente, suas principais questões e demandas são: o fim das “algazarras noturnas” no bairro (este, sem dúvida, é o ponto mais discutido e aquele que mais preocupa os moradores), a melhoria na segurança pública, a preservação da “qualidade de vida” frente ao avanço de grandes edificações no bairro, as melhorias na limpeza e no sistema de trânsito e os problemas causados pelos mendigos nas ruas do bairro²⁶.

A AM_1 realiza dois tipos de reuniões comunitárias: uma de caráter geral, envolvendo seu presidente, seus associados e demais residentes no bairro e outra restrita aos membros da sua diretoria. Essas reuniões acontecem, em geral, uma vez ao mês, sendo que a segunda precede à primeira, colocando, dessa forma, o presidente da AM como o agente interlocutor entre os dois grupos de indivíduos envolvidos: de um lado, os associados e moradores, e, por outro, os membros da diretoria.

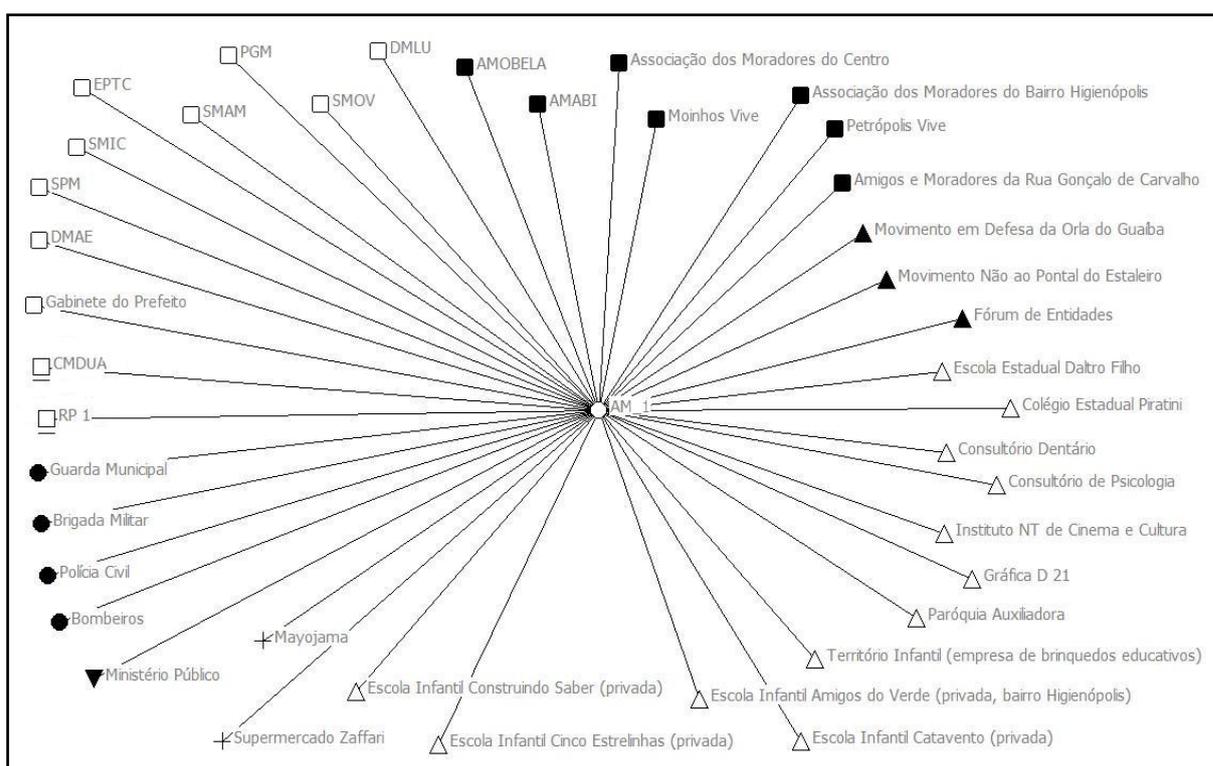
Ainda no que concerne à organização e ao funcionamento, uma das questões mais recorrentes nas reuniões das duas AMs pesquisadas diz respeito às formas de obtenção de recursos financeiros. No caso da AM_1, não há cobrança de nenhum tipo de mensalidade dos associados. A principal justificativa para tal opção é que haveria, segundo o seu presidente, a possibilidade de uma nova diretoria utilizar os recursos oriundos das mensalidades dos associados em benefício pessoal/individual e não comunitário/coletivo. Conforme será analisado na segunda seção deste capítulo, a AM_2 cobra mensalidade dos seus associados e considera tal cobrança importante para a efetivação dos seus objetivos como entidade dos moradores do bairro.

Uma das propostas do atual grupo diretivo da AM_1 para angariar recursos monetários é através do projeto *Amigos da AM_1*, os quais seriam “atores privados e públicos (varejo,

²⁶ Era realizado pela paróquia do bairro um “sopão” para os moradores de rua. Após reclamação dos moradores do bairro via AM, o “sopão” foi cancelado.

serviço, comércio e empresas públicas), além de pessoas físicas, convidados a garantir a geração de recursos da associação” através de mensalidade e doações livres. No entanto, essa proposta de recolhimento de recursos financeiros não havia sido colocada em prática até o momento de finalização do trabalho de campo.

No Sociograma 1, abaixo, é possível visualizar as AMs, entidades, movimentos, organizações e instituições (públicas e privadas) que a AM_1 manteve algum tipo de contato ou relacionamento entre os meses de junho e novembro de 2011, segundo as informações fornecidas pelo seu presidente²⁷. Esses dados relacionais possibilitam identificar e analisar *com quem* a AM_1 costuma manter vínculos com maior frequência durante suas ações e manifestações associativas e comunitárias. Desse modo, a resposta à questão: *com quais AMs, entidades, movimentos, organizações e instituições a AM_1 se relaciona mais frequentemente* (?), permite identificar (ou não) e, assim, explorar (ou não) o caráter homofílico que configura a sua rede egocentrada de relações.



Sociograma 1. A Rede egocentrada da AM_1.

Fonte: elaboração do autor a partir do gerador de nomes.

Dessa maneira, pode-se inferir, ao observar a dinâmica configuracional da rede egocentrada acima construída, que a AM_1 estabelece relações com um amplo e significativo

²⁷ No Anexo 5, encontram-se os procedimentos empregados para a elaboração dos sociogramas das redes egocentradas nas duas AMs investigadas.

leque de AMs, entidades, movimentos, organizações, empresas e instituições. Observa-se, por exemplo, que as conexões da AM_1 são estabelecidas, em geral, com AMs, entidades, movimentos e organizações da sociedade civil que ocupam posição semelhante a sua no espaço social. Tais laços estão assinalados no Sociograma 1 através de quadrados (AMs) e triângulos pretos (movimentos e organizações da sociedade civil). Além desses dois grupos de conexões, a AM_1 mantém significativa interlocução com a RP 1²⁸ (assinalada por um quadrado branco sublinhado), a qual é constituída, entre outras, pela Associação dos Moradores do Centro (AMC), Associação de Moradores dos Bairros Bela Vista e Mont' Serrat (AMOBELA), Moinhos Vive, Associação dos Moradores e Amigos do Bairro Independência (AMABI), Associação Representativa e Cultural dos Comerciantes do Viaduto Otávio Rocha (ARCCVOR) e o Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB/RS)²⁹.

É importante ressaltar, em primeiro lugar, que as AMs marcadas por um quadrado preto no Sociograma 1 se situam em bairros que apresentam os indicadores socioeconômicos mais elevados de Porto Alegre. Isso porque todas elas estão localizadas em UDHs que possuíam, no ano 2000, IDH superior a 0,940. Ou seja, a grande maioria dos indivíduos residentes nos bairros onde se localizam essas AMs apresenta atributos sociais e econômicos que os situam em posições superiores na hierarquia social. Esta posição social superior ocupada no espaço social é semelhante àquela ocupada pelos moradores do bairro onde se situa a AM_1 – bairro que possuía IDH de 0,977 no ano 2000.

Portanto, pode-se arguir que AM_1 tende a estabelecer conexões associativas com AMs localizadas em bairros onde grande parte dos moradores ocupa posição social similar aos moradores do seu bairro de representação e atuação, indicando, assim, o caráter homofílico da sua trama de relações associativas. Segundo informações do presidente da AM_1, essas AMs “*são entidades coirmãs cuja relação é permanente no intercâmbio de informações, experiências e parcerias*”.

Em segundo lugar, os movimentos marcados por triângulos pretos no Sociograma 1 são conformados, igualmente, por AMs, entidades, organizações e instituições que se localizam em posição social semelhante a ocupada pela AM_1. A Tabela 1, a seguir, apresenta as AMs envolvidas tanto no Movimento Não ao Pontal do Estaleiro³⁰ quanto no

²⁸ Para o biênio 2010/2011, a AM_1 foi eleita entidade representante e o seu presidente 1º suplente da RP 1 na participação comunitária junto ao CMDUA.

²⁹ Essas AMs, entidades e organizações foram eleitas em outubro de 2011 para representar a RP 1 no CMDUA. Individualmente, foram eleitos três conselheiros e doze delegados.

³⁰ Demais entidades, instituições, organizações e movimentos que integraram a Frente do Não ao Pontal do Estaleiro: AGAPAN; Movimento Viva Gasômetro; Centro Comunitário de Desenvolvimento da Tristeza, Pedra Redonda, Vila Conceição e Vila Assunção; Defesa Civil do Patrimônio Histórico (DEFENDER); Conselho

Movimento em Defesa da Orla do Guaíba³¹, o bairro onde cada uma delas se localiza e o rendimento médio dos responsáveis por domicílio desses bairros.

Associação de Moradores	Movimento Não ao Pontal do Estaleiro	Movimento em Defesa da Orla do Guaíba	Bairro	Rendimento Médio em Salários Mínimos dos Responsáveis por Domicílio - 2000
AMABI	X	X	Independência	20,7
AMACHAP	X	X	Chácara das Pedras	21,5
AMBI	X	X	Ipanema	15,3
AMOBELA	X	X	Bela Vista / Mont' Serrat	34,5 / 24,8
ACMCB	X	X	Cidade Baixa	11,1
AMC	X	X	Centro	16,8
CMVA	X	X	Vila Assunção	31,4
AMSC	X	X	Tristeza	16,9
ASCOMJIP	X	X	Ipanema	15,3
Amigos da Rua Gonçalo de Carvalho	X	X	Independência	20,7
Moinhos Vive	X	X	Moinhos de Ventos	29,7
Petrópolis Vive	X		Petrópolis	20,3
Higienópolis Vive	X		Higienópolis	18,2
AMATRÊS		X	Três Figueiras	38,4
AMOVITA		X	Partenon	7,1

Tabela 2. Associações de moradores envolvidas no Movimento Não ao Pontal do Estaleiro e no Movimento em Defesa da Orla do Guaíba.

Fonte: elaboração do autor.

Estadual da Umbanda e dos Cultos Afro-Brasileiros do Rio Grande do Sul (CEUCAB/RS); União Pela Vida (UPV); ONG Solidariedade; Instituto Biofilia; Ingá Estudos Ambientais; Núcleo Amigos da Terra (NAT/Brasil). Ver panfleto do Movimento Não ao Pontal do Estaleiro no Anexo 6.

³¹ Demais entidades, instituições, organizações e movimentos integrantes do Movimento em Defesa da Orla do Guaíba: AGAPAN; Movimento Viva Gasômetro; Conselho Popular do Partenon; Conselho de Usuários do Parque Farroupilha; Centro Comunitário de Desenvolvimento da Tristeza, Pedra Redonda, Vila Conceição e Vila Assunção; CEUCAB/RS; NAT/Brasil; ONG Solidariedade. Fonte: <<http://movimentoemdefesadaorlado-guaiba.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 01 de junho de 2012.

Percebe-se que o rendimento médio dos responsáveis por domicílio dos bairros onde se situam as AMs engajadas nos dois referidos movimentos era, significativamente, alto – em geral, acima de quinze salários mínimos. Sendo que a renda média dos responsáveis por domicílio do bairro onde se localiza a AM_1 era de 19,9 salários mínimos em 2000. Pode-se, então, arguir que a trama relacional configurada nesses dois movimentos tende a ser, em grande medida, homofílica, uma vez que reúne, sobretudo, AMs de bairros que apresentam renda média bastante elevada.

Apesar do caráter homofílico observado entre as AMs que integram os dois movimentos analisados na Tabela 2, pode-se, igualmente, identificar certa diversidade ao se levar em consideração o conjunto dos atores envolvidos. Diversidade essa que pode estar vinculada tanto às temáticas e aos objetivos quanto às origens sociais dos membros das demais entidades, instituições, movimentos e organizações que conformam ambos os movimentos.

Contudo, o que, na verdade, chama atenção é o fato de que, apesar de serem, em certa medida, socialmente diversificados os dois movimentos acima referidos, na composição da rede egocentrada da AM_1 tendem a aparecer somente as AMs que compartilham com ela características socioeconômicas bastante semelhantes, enquanto que as outras entidades, instituições, organizações e movimentos “desaparecem”. São justamente aquelas AMs localizadas em bairros que apresentam indicadores socioeconômicos mais elevados que aparecem tanto na rede egocentrada da AM_1 quanto nos espaços e movimentos referidos no Sociograma 1 por triângulos pretos ou quadrados brancos sublinhados (neste último caso, mais especificamente, a RP 1).

Tal constatação indica que, apesar de possíveis conexões com “diferentes” e “desiguais” AMs nos espaços de mobilização e movimentos aludidos, são as AMs situadas em posição social semelhante à da AM_1 que tendem a se constituir como seus laços mais significativos – isto é, mais próximos e constantes. Assim, as AMs efetivamente identificadas pelo gerador de nomes como integrantes da rede da AM_1 são justamente aquelas que compartilham com ela atributos sociodemográficos semelhantes.

A investigação dos demais *nós* que conformam a trama relacional configurada em torno da AM_1 possibilita compreender, mais detalhadamente, como se constituem o padrão e a dinâmica da sua atuação associativa e comunitária. Dessa maneira, por exemplo, no que concerne aos laços com as secretarias, departamentos e empresas da PMPA, a AM_1 mantém uma significativa gama de conexões, as quais estão assinaladas por quadrados brancos. Segundo o seu presidente, esses órgãos públicos são, em geral, acionados para o atendimento

das demandas comunitárias, participação nas reuniões gerais e para receberem uma comissão composta pelos moradores a fim de tratar de assuntos considerados emergenciais.

Essa presença de secretarias e departamentos municipais na trama de conexões da AM_1 está relacionada, fundamentalmente, com as principais questões-problema existentes no bairro, sobretudo, a “algazarra noturna” e a limpeza urbana. É preciso sublinhar, ainda, que essas relações, por vezes, são bastante conflitivas, em especial, no caso da Secretaria Municipal da Produção, Indústria e Comércio (SMIC), visto que ela é, segundo os membros da AM_1, extremamente permissiva com as casas noturnas responsáveis pela “algazarra noturna” no bairro³².

Assim, quando as reivindicações e denúncias encaminhadas aos órgãos públicos municipais não são por eles atendidas, a entidade costuma recorrer ao Ministério Público (marcado por um triângulo pelo preto invertido no Sociograma 1), em especial, no caso da “algazarra noturna”. Segundo o presidente da AM_1, o Ministério Público também foi acionado durante a mobilização contra a construção de um grande prédio no bairro pela construtora Mayojava³³, a qual está assinalada por um sinal de mais no Sociograma 1.

Entretanto, nem todas as relações com as secretarias e departamentos municipais são conflitivas. Isso porque, por exemplo, a AM_1 conseguiu a permissão de uso de um terreno de propriedade do Departamento Municipal de Águas e Esgotos (DMAE) para a construção de uma passagem de pedestres com área de lazer. Como a AM_1 não dispõe dos recursos necessários à execução da passagem de pedestres, o Supermercado Zaffari (assinalado por um sinal de mais no Sociograma 1) irá realizar a obra como contrapartida de benfeitoria à PMPA.

Já os problemas de (in)segurança pública no bairro explicam, em grande medida, as conexões estabelecidas com as instituições públicas responsáveis pela segurança nos espaços públicos da cidade. Esses vínculos – Brigada Militar (BM), Polícia Civil, Guarda Municipal e Bombeiros – estão assinalados no Sociograma 1 através de círculos pretos. Sobretudo a BM e a Polícia Civil são acionados, em geral, devido ao problema da “algazarra noturna” causada pelos bares e boates localizadas no bairro. Segundo informou o presidente da AM_1 em diversos momentos ao longo do trabalho de campo, a insegurança dos moradores, os assaltos

³² Eram comuns, nas reuniões gerais, os comentários negativos e críticos dos moradores com relação à atuação da SMIC.

³³ Inicialmente, a relação entre a AM_1 e a construtora Mayojava era extremamente conflituosa. Porém, segundo o presidente da AM_1, “apesar de nós termos tido (...) essa mobilização e essa relação, digamos, de posições opostas em relação à questão do projeto, nós mantivemos um canal aberto com eles, até em função do próprio impacto da obra ali. E os moradores, eles ligaram (...) solicitando que a (...) [AM_1] intervisse junto à Mayojava porque havia uma situação acontecendo ali na pracinha em frente à obra (...). Então, a gente entrou em contato com a Mayojava para pedir pra Mayojava intervir (...) nessa situação. E aí a gente teve (...) retorno”.

e as agressões são consequência desse problema da “algazarra noturna” em várias áreas do bairro. Já os bombeiros foram acionados para fiscalizar o programa de incêndio desses mesmos estabelecimentos.

Por fim, resta sublinhar que no Sociograma 1, localizado na página 55, há *nós* marcados por triângulos brancos, indicando laços com pequenas empresas/comércios, escolas, entidades e instituições que costumam participar das atividades socioculturais e educativas promovidas pela AM_1. Nos últimos anos, as principais atividades no âmbito cultural foram uma Festa Junina Comunitária, um Sarau Comunitário, uma Paella Gaudéria e a Celebração do Dia das Crianças.

A partir da análise construída nos parágrafos precedentes, podem ser estabelecidos dois importantes “achados” a respeito do padrão e da dinâmica relacional e, por conseguinte, da atuação da AM_1. Em primeiro lugar, ela fundamenta suas ações associativas e comunitárias através da mobilização de amplo conjunto de relações com AMs, entidades, organizações, movimentos, empresas e instituições públicas e privadas. Em segundo lugar, ela tende a manter vínculos junto a AMs e movimentos situados em posição similar a sua no espaço social – ou seja, a AM_1 estabelece, em grande medida, relações associativas, notadamente, homofílicas. Tais “achados” empíricos reafirmam a constatação de uma significativa segmentação social do tecido associativo porto-alegrense, conforme expressaram estudos anteriores (ZANATA JR., 2009; SILVA; ZANATA JR., 2010).

5.2. A AM_2

De acordo com as informações apuradas no trabalho de campo, a fundação da AM_2 ocorreu em meados dos anos 2000, mais precisamente, no ano de 2005, em decorrência, sobretudo, do movimento organizado pelos moradores de uma determinada rua do bairro. Pode-se arguir que a AM_2 surge, fundamentalmente, em virtude da necessidade de ampliar o movimento dos moradores dessa rua específica para a escala maior do bairro.

Segundo alguns entrevistados, o surgimento do movimento dos moradores está estritamente vinculado a duas questões específicas da rua do bairro em questão. Esses problemas exclusivos e relacionados entre si eram: (1) a construção do edifício garagem nas suas proximidades, o que acarretaria significativas mudanças (como, por exemplo, a abertura de uma nova via), prejudicando a qualidade de vida dos indivíduos ali residentes; e (2), ao mesmo tempo, a preservação da sua arborização – a principal e mais marcante característica

da rua em questão –, a qual seria substancialmente afetada com a construção do já referido edifício garagem.

Então, a partir de meados de 2005, a AM_2 e o movimento organizado pelos moradores dessa determinada rua passam a atuar simultaneamente. Sendo que a AM_2 seria o espaço de mobilização de maior abrangência, visto que não ficaria restrita a um pequeno grupo de residentes de uma rua somente. Não obstante tal tentativa de ampliação do campo de atuação associativa, segundo informações dos entrevistados, até o final de 2009, tanto na AM_2, quanto no movimento criado pelos residentes da referida rua, continuou-se a trabalhar, fundamentalmente, as demandas e os problemas dessa via específica do bairro. E, assim, na compreensão de alguns membros da atual diretoria, a entidade acabou, nos seus primeiros anos de existência, não se constituindo como uma AM voltada aos problemas do bairro como um todo.

Após expressivo processo de mobilização (o qual se sagrou vitorioso) contra a construção do edifício garagem e da criação de uma nova via, é decretada, em 2006, lei municipal qualificando a rua em questão como Patrimônio Histórico, Cultural, Ecológico e Ambiental de Porto Alegre. Contudo, para alguns indivíduos pesquisados, a partir do momento em que a AM_2 atingiu seu principal objetivo, ela e o movimento dos moradores diminuíram, significativamente, suas ações e atividades associativas e comunitárias.

Desse modo, é somente com as eleições comunitárias ocorridas no final de 2009 que a AM_2 amplia, de fato, suas ações para o bairro como um todo. Essa ampliação da atuação da entidade começou a ser arquitetada nas reuniões realizadas em meados de 2009 na casa de um dos agentes sociais entrevistados (identificado nesta pesquisa como *ego_008*). Inicialmente, os moradores participantes dessas reuniões não tinham conhecimento da existência da entidade. Ao descobrirem que o bairro possuía uma AM, decidiram associar-se. Após um conflito interno ao grupo e a consequente saída de uma das participantes, foi constituída a chapa que se tornaria vencedora das eleições no final de 2009. Esse mesmo grupo diretivo foi reeleito nas eleições comunitárias realizadas em novembro de 2011.

É importante ressaltar que o grupo de moradores que assumiu a direção da entidade, no começo de 2010, teve significativo apoio do então presidente da Câmara de Vereadores de Porto Alegre – vereador Sebastião Melo, do PMDB. Os agentes pesquisados procuraram ressaltar, no entanto, que esse vínculo com o referido vereador não significava suporte político-partidário, mas que o presidente da Câmara de Vereadores foi extremamente receptivo e contribuiu sobremaneira nos passos iniciais do novo grupo diretivo da AM_2. Por

isso, um dos entrevistados (no caso, *ego_008*) enfatizou que a atual direção da entidade é devedora do vereador Sebastião Melo.

No que diz respeito aos temas, demandas, reivindicações e problemas trabalhados atualmente pela AM_2, pode-se estabelecer a seguinte lista de questões prioritárias: segurança pública, limpeza urbana, arborização de ruas, revitalização de praças, trânsito, comércio, cuidado com as calçadas, mendigos e projetos culturais e artísticos. No ano de 2011, uma das principais atividades comunitárias realizada pela entidade foi o Natal na Praça. Esse evento foi organizado em parceria, sobretudo, com a Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SMAM), o Museu de Medicina e o Colégio Rosário³⁴.

No que tange ao seu funcionamento e à sua organização, AM_2 realiza a cada quinze dias uma reunião entre os membros da diretoria, sendo essa periodicidade rigidamente seguida em 2011. Não há reuniões ordinárias abertas à comunidade do bairro em geral, como no caso da AM_1. A interlocução com os associados e moradores ocorre, por exemplo, através de reuniões gerais para apresentar o planejamento, a prestação de contas de um determinado período ou em convocatórias para reuniões gerais a fim de discutir temas considerados relevantes aos moradores do bairro. Em 2011, foram realizadas duas reuniões abertas à comunidade, visando construir uma concepção de futuro para o bairro. Essas reuniões comunitárias foram chamadas de *Encontro Para Pensar o Futuro do Bairro*.

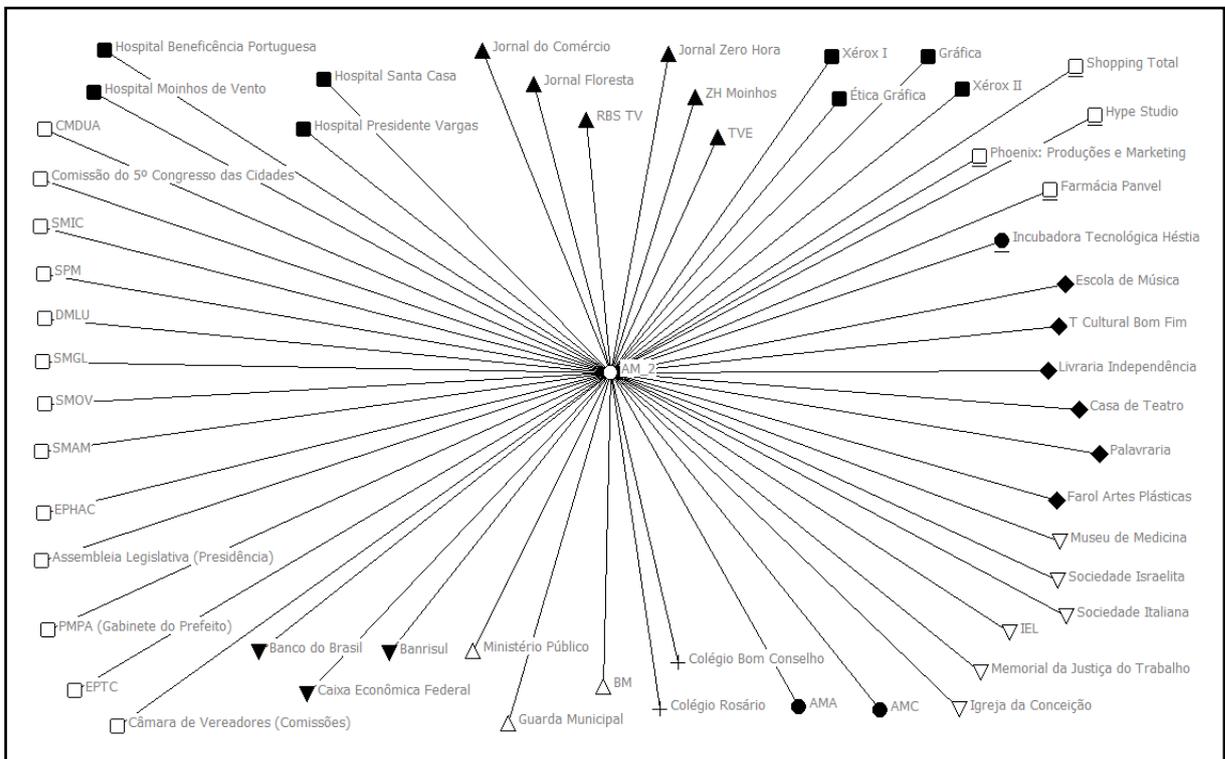
Uma das questões mais importantes referente ao funcionamento e à organização da entidade é a cobrança de mensalidade dos associados. Diferentemente do que acontece na AM_1, na AM_2 a mensalidade é a principal fonte para angariar recursos financeiros. E, além disso, os membros da sua diretoria consideram os recursos oriundos do pagamento de mensalidade pelos sócios (sejam eles residentes ou não no bairro) extremamente importantes para a realização das ações e atividades associativas e comunitárias. A AM_2 não faz distinção significativa entre morador ou não do bairro, uma vez que a finalidade é angariar o maior número de membros a fim de garantir os recursos necessários para atingir seus objetivos.

Outro ponto relevante acerca do financiamento das atividades associativas refere-se ao fato de que a AM_2 busca construir e manter estreitos laços com inúmeros estabelecimentos comerciais localizados no bairro. Essas íntimas relações com comerciantes são consideradas muito relevantes pela diretoria da entidade, visto que eles podem se tornar membros associados, aumentando, assim, a sua capacidade de recolhimento de recursos financeiros.

³⁴ Nas páginas seguintes será analisado, em maiores detalhes, o evento Natal na Praça.

Dessa maneira, no ano de 2010, a AM_2 realizou reuniões com o então secretário da SMIC, Valter Nagesltein, bem como com a Câmara de Dirigentes Lojistas de Porto Alegre (CDL/POA) a fim de construir ações, visando um melhor desenvolvimento comercial do bairro. Além dessas reuniões, a entidade promoveu o *Encontro do Comércio do Bairro* com o objetivo de planejar ações em conjunto com os comerciantes do bairro para desenvolver o comércio local.

No Sociograma 2, a seguir, podem ser visualizadas as AMs, entidades, movimentos, organizações e instituições – públicas e privadas – que a AM_2 estabeleceu algum tipo de contato entre os meses de agosto de 2011 e maio de 2012. Essas informações relacionais, fornecidas pelo presidente da entidade, possibilitam, em especial, identificar e analisar *com quem* a AM_2 costuma manter vínculos em suas ações e manifestações associativas e comunitárias. Dessa maneira, ao responder ao questionamento: *com quais AMs, entidades, movimentos, organizações e instituições a AM_2 se relaciona mais frequentemente (?)*, é possível identificar (ou não) e, por conseguinte, examinar (ou não) o padrão homofílico que configura a sua rede de relações sociais.



Sociograma 2. A Rede Egocentrada da AM_2.

Fonte: elaboração do autor a partir do gerador de nomes.

É possível observar, em primeiro lugar, as inúmeras relações estabelecidas pela AM_2 com órgãos, secretarias, departamentos, comissões e espaços de participação vinculados, sobretudo, à PMPA. São treze conexões e elas estão assinaladas por quadrados brancos à esquerda no Sociograma 2. Esse significativo conjunto de laços construídos junto ao poder público municipal expressa, em grande medida, o padrão de atuação da AM_2 – o qual é construído com base no pressuposto de que é de fundamental relevância estabelecer o maior número possível de contatos a fim de acessar mais e melhores recursos.

Desse modo, nas reuniões quinzenais da entidade eram comuns as referências aos novos (ou à continuidade dos) vínculos com estes *nós* ligados à PMPA. Também eram corriqueiras as menções aos (possíveis) ganhos associativos (tais como: ser conhecida e reconhecida como entidade atuante e relevante, demarcar presença nos diversos espaços de participação e de barganha, acessar recursos públicos disponíveis etc.) obtidos através destas relações com órgãos, secretarias, departamentos, comissões e espaços de participação vinculados ao poder público municipal.

Outro importante conjunto de conexões diz respeito aos laços com instituições hospitalares localizadas no bairro ou nas suas imediações. Essas conexões estão apontadas por quadrados pretos no Sociograma 2. É importante observar que, neste caso, a AM_2 realizou no ano de 2011 três importantes ações junto a dois destes hospitais. No que concerne ao Hospital Presidente Vargas, foram realizadas duas ações: a doação de kits com produtos de higiene para as crianças que receberiam alta do hospital³⁵, bem como a entrega de brinquedos para as crianças internadas no período próximo ao dia das crianças. Com relação à Santa Casa, foi realizada a Festa de Natal, na qual as crianças internadas puderam assistir às apresentações realizadas na Praça Dom Sebastião em dezembro de 2011.

Há um grupo de conexões (marcadas no Sociograma 2, acima, por triângulos pretos) que dizem respeito às relações da AM_2 com empresas jornalísticas e televisivas. Com relação ao Jornal Floresta, a entidade mantém uma coluna mensal informando sobre suas principais ações e atividades. Já no que tange aos demais meios de comunicação identificados, pode-se inferir que eles estão vinculados, sobretudo, às ações e atividades realizadas em torno da Rua Gonçalo de Carvalho.

Conforme exposto e analisado acima, a atual diretoria da AM_2 procura estabelecer o maior número possível de conexões com *alters* que detêm (ou que, no limite, sejam capazes

³⁵ Segundo informações levantadas no trabalho de campo, tal iniciativa foi arquitetada pelas funcionárias de uma farmácia Panvel situada no bairro. A AM_2 foi convidada a participar desta atividade, sendo que prontamente atendeu o convite.

de facilitar o acesso aos) recursos necessários à resolução das demandas e dos problemas existentes no bairro. Desse modo, pode-se arguir que a AM_2 busca, sobremaneira, ser conhecida e reconhecida com vistas a alcançar seus objetivos. Isso explica, em grande medida, a variada gama de contatos que conformam a sua trama relacional. Segundo destacou o seu presidente, é importante para a entidade estabelecer, manter contato e dialogar com diversas instituições e empresas a fim de não depender, exclusivamente, do poder público para acessar recursos, efetivar demandas e resolver problemas.

Nesse sentido, podem ser mencionados os seguintes *alters* que se localizam no mesmo bairro da AM_2: 1) as três agências bancárias – marcadas por triângulos pretos invertidos no Sociograma 2, acima; 2) as duas instituições escolares privadas (assinaladas por um sinal de mais); 3) as seis instituições culturais – apontadas por triângulos brancos invertidos.

Há também relações com pequenas empresas gráficas (apontadas por quadrados pretos sublinhados), em geral localizadas no mesmo bairro de atuação da entidade pesquisada. Elas são responsáveis pela produção de convites e cartazes para divulgação das suas ações e atividades associativas e comunitárias.

Já os quadrados brancos sublinhados dizem respeito às relações mantidas com empresas de maior porte. Chama atenção, neste caso, a recente tentativa de estabelecer um laço mais próximo com o Shopping Total – com o qual, inicialmente, a entidade manteve uma relação bastante conflituosa devido ao projeto de construção de um edifício garagem nas proximidades da Rua Gonçalo de Carvalho, conforme detalhado precedentemente. O objetivo, segundo o presidente da AM_2, é estabelecer o Shopping Total como mais um dos parceiros da entidade, seguindo aquela proposta de construir cada vez mais e melhores conexões para fortalecer o acesso aos recursos necessários à realização das suas ações e propostas.

Outra relação mais recente foi estabelecida com a Incubadora Tecnológica Héstia (assinalada por um círculo preto sublinhado), a qual é vinculada à UFRGS. A Hype Studio, empresa de arquitetura, também pode ser considerada como uma conexão recente da AM_2. Segundo informações obtidas no trabalho de campo, a Hype Studio entrou em contato com a entidade para debater e construir uma proposta de revitalização para a Avenida Independência – um dos grandes objetivos do atual grupo diretivo da entidade.

No Sociograma 2 também é possível visualizar seis *nós* (marcados por losangos pretos) que dizem respeito a importantes conexões da entidade com empreendimentos comerciais vinculados, sobretudo, ao campo cultural. Esses estabelecimentos se localizam no bairro de atuação da AM_2 ou nos bairros vizinhos mais próximos.

É importante destacar a presença dos *alters* envolvidos junto com a AM_2 na realização do evento Natal na Praça em dezembro de 2011. Essas conexões estão distinguidas por círculos no Sociograma 2. São, em geral, as mais próximas e constantes relações estabelecidas pela entidade nos últimos doze meses. Isso porque, além de conformarem o grupo que organizou o evento natalino, elas estão engajadas em outras ações e atividades promovidas pela AM_2. Esses *alters* são: a SMAM, o Museu de Medicina, a Igreja da Conceição, a Phoenix Produção e Marketing e o Colégio Rosário.

Já algumas conexões da AM_2 podem ser explicadas devido à questão da (in)segurança – um dos principais problemas do bairro, segundo o grupo de moradores que ocupa, atualmente, a sua direção. Essas relações (assinaladas no Sociograma 2, acima, por triângulos brancos) dizem respeito, fundamentalmente, às instituições responsáveis pela segurança pública. São duas formas principais de acesso, sobretudo, à Brigada Militar: 1) por meio de contato pessoal ou via telefone, ambos realizados por algum membro da diretoria; 2) e através de convite para participar das reuniões gerais realizadas pela entidade.

Por fim, há as relações com outras AMs da cidade de Porto Alegre. Foram identificadas, pelo presidente da AM_2, somente duas AMs que conformariam a trama relacional da entidade nos últimos dez meses. Elas estão apontadas por pontos pretos no Sociograma 2. São duas AMs próximas a AM_2 em termos geográficos e socioeconômicos. Isso porque o rendimento médio dos responsáveis por domicílio, no ano 2000, nos bairros em que se localizam a Associação dos Moradores do Centro e a Associação dos Moradores do Bairro Auxiliadora era de 12,9 e 19,9 salários mínimos, respectivamente. Enquanto que no bairro onde se situa a AM_2 a renda média era de 20,7 salários mínimos. A partir de tais informações é possível inferir que, apesar de estabelecer poucas relações com outras AMs, quando essas conexões existem, elas são construídas com AMs de bairros que apresentam indicadores socioeconômicos semelhantes ao bairro onde se localiza a AM_2.

Essa constatação empírica pode ser reforçada ao se analisar a rede configurada pelas doze AMs que participaram de dois encontros promovidos pela AM_2 em 2010: o primeiro realizado no dia 16 de abril e o segundo no dia 19 de maio. Segundo informações obtidas no trabalho de campo, uma das finalidades era reunir as AMs mais próximas em termos relacionais e territoriais. Sendo que o principal objetivo era discutir os interesses das AMs convidadas, a fim de que, através de ações conjuntas, suas demandas e questões-problemas pudessem ser atendidas e solucionadas.

Participaram desses encontros, além da AM_1 e da AM_2, as seguintes entidades de bairro: 1) a Associação dos Moradores do Centro, 2) a Associação dos Amigos e Moradores

do Bairro Menino Deus, 3) a Associação dos Moradores e Amigos do Bairro Petrópolis, 4) a Associação de Moradores e Amigos do Bairro Três Figueiras, 5) a Moinhos Vive, 6) a Associação dos Moradores dos Bairros Bela Vista e Mont' Serrat, 7) a Associação dos Moradores do Bairro Jardim do Salso, 8) a Associação Cristovão Colombo, 9) a Associação de Moradores do Bairro São João e 10) a Associação dos Amigos e Moradores da Azenha.

Segundo a avaliação de alguns entrevistados envolvidos na AM_2, as problemáticas de cada um desses bairros são, em certa medida, diferentes, sendo que a segurança foi percebida como temática comum a todos os bairros presentes no encontro. Relacionada ao tema da segurança foi estabelecida a questão dos moradores de rua e mendigos. Conforme a própria consideração da AM_2: *“na pauta, debateu-se a questão da segurança. Foi destacada a necessidade de haver não só uma segurança repressiva e ostensiva, mas também de uma articulada, com união entre entidades, procurando educar e formar uma rede de proteção com o auxílio de programas integrados que ajudem moradores de rua”*.

As AMs presentes nas duas reuniões se localizam em bairros que têm indicadores socioeconômicos bastante elevados. Isso porque todos os bairros (Azenha, Bela Vista, Centro, Mont' Serrat, Floresta, Moinhos de Vento, Menino Deus e Petrópolis, Jardim do Salso e São João) integram UDHs que apresentavam IDH acima de 0,914 no ano 2000. Pode-se ressaltar que a maioria dessas UDHs possuía IDH superior a 0,953. E, além disso, que os IDHs das UDHs onde se localizam os bairros da AM_1 – 0,977 – e da AM_2 – 0,963 e 0,943 – são, expressivamente, semelhantes aos dos referidos bairros.

Desse modo, podem ser estabelecidos, ao se explorar as relações da AM_2, “achados” similares àqueles encontrados na exploração da trama relacional da AM_1. Em geral, observa-se um extenso leque de conexões com AMs, entidades, organizações, movimentos, empresas e instituições públicas ou privadas. Quando se analisam mais detidamente os seus vínculos com outras AMs e movimentos da sociedade civil, percebe-se que tais *nós* estão situados em posição semelhante à sua na hierarquia do espaço social. Assim, pode-se arguir que a AM_2 mantém relações associativas, em grande medida, homofílicas. Sendo que essa homofilia é construída, em geral, junto a AMs mais bem posicionadas no espaço social. Tais considerações empíricas reforçam o argumento de que o tecido associativo de porto-alegrense é, em grande medida, homofílico, uma vez que há uma forte tendência de que ele seja conformado por conexões entre os “iguais” – ou seja, por AMs situadas em posições próximas no espaço social.

CAPÍTULO 6

IDENTIFICANDO O MECANISMO DE INVISIBILIZAÇÃO NO ASSOCIATIVISMO URBANO ATRAVÉS DA ANÁLISE DE REDES SOCIAIS

Nas seções e subseções abaixo são apresentadas e investigadas as redes de relações egocentradas de oito indivíduos engajados nas AMs pesquisadas. Um dos objetivos é explorar e analisar como se dá a produção e a reprodução do princípio de homofilia no cotidiano relacional dos atores sociais entrevistados e, por conseguinte, na conformação das redes de relações das AMs das quais eles participam. Pretende-se, desse modo, identificar e explorar como se configura na realidade social a primeira dimensão do mecanismo de invisibilização – a qual está associada à ausência de laços sociais mais significativos (ou seja, mais próximos e constantes) entre agentes posicionados em distintas e desiguais posições no espaço social. Para tanto, são analisadas as características sociodemográficas, econômicas e configuracionais das tramas de relações sociais centradas nos *egos* investigados. No final do capítulo, é construída uma síntese dos resultados obtidos ao longo dos oito casos empíricos investigados.

6.1. Os casos investigados a partir da Associação de Moradores 1 (AM_1)

Com base nesta primeira AM, são investigados, a seguir, quatro casos empíricos. Estes são apresentados um a um nas próximas quatro subseções deste capítulo.

6.1.1. Caso 1

Em termos da caracterização dos 26 *alters* que compõem a rede centralizada em *ego_001*, observa-se que são doze mulheres e quatorze homens. A grande maioria dos *alters* – 22 indivíduos – possui ensino superior completo. Já em termos da inserção profissional dos *nós*, as informações contidas na Tabela 3, a seguir, informam que *ego_001* mantém conexões com comerciantes, professores, vereadores, funcionários públicos e, fundamentalmente, com profissionais liberais³⁶.

³⁶ Frente à expressiva diversidade de profissões/ocupações encontradas entre os *alters* em todas as redes egocentradas analisadas nesta pesquisa e a consequente dificuldade de enquadrá-las em categorias mais amplas, optou-se por apresentá-las, tanto em forma desagregada, quanto em um formato agrupado em categorizações gerais, tais como: 1) bancário, 2) comerciante, 3) estudante, 4) funcionário público, 5) militar, 6) profissional

Inserção Profissional Geral	N	Inserção Profissional Específica	N
Comerciante	5	Comerciante	5
Professor	3	Professor	3
Profissional Político-Administrativo	2	Vereador	2
Funcionário Público	2	Funcionário Público	2
Profissional Liberal	12	Engenheiro	2
		Artista Plástico	1
		Médico	1
		Advogado	1
		Arquiteto	1
		Fisioterapeuta	1
		Pedagogo	1
		Jornalista	1
		Psicólogo	1
		Designer Publicitário	1
Outras	2	Urbanista	1
		Ambientalista	1
		Líder Comunitário*	1
Total	26	Total	26

Tabela 3. Perfil profissional dos *alters* da rede egocentrada_001.

Fonte: elaboração do autor a partir do *name interpreters*.

* Um dos *alters* não teve sua profissão definida, uma vez que o entrevistado o identificou apenas como “líder comunitário”.

Já no que diz respeito ao bairro de residência dos *alters*, o entrevistado forneceu informação para 24 deles. A Tabela 4, abaixo, informa o número de *alters* residentes nos bairros que apresentam rendimento médio dos responsáveis por domicílio conforme as faixas de salário mínimo adotadas para análise.

político-administrativo, 7) professor, 8) profissional do poder judiciário 9) diretor de instituição privada, 10) trabalhador manual qualificado, 11) trabalhador manual sem qualificação, 12) trabalhador informal.

Observa-se, em primeiro lugar, que a quase totalidade dos seus contatos reside em bairros com indicadores bastante elevados de rendimento médio dos responsáveis por domicílio. Isso porque dezoito conexões vivem em bairros que a renda média dos responsáveis por domicílio é de quinze ou mais salários mínimos. Enquanto isso tão somente quatro *alters* moram em bairros onde o rendimento médio dos responsáveis por domicílio é de nove salários mínimos ou menos. Vale sublinhar, ainda, que os dois indivíduos que *ego_001* não soube fornecer o bairro de residência são vereadores da cidade de Porto Alegre e possuem ensino superior completo.

Faixas de rendimento médio em salários mínimos dos responsáveis por domicílio – ano 2000*	Número de <i>alters</i> que residem nos bairros que apresentam média de rendimento dos responsáveis por domicílio dentro das faixas de renda estabelecidas**
24 salários mínimos ou mais	3
entre 15 e 23 salários mínimos	15
entre 10 e 14 salários mínimos	2
até 9 salários mínimos	4
não sabe	2
Total	26

Tabela 4. Perfil sócio-geográfico da rede egocentrada_001.

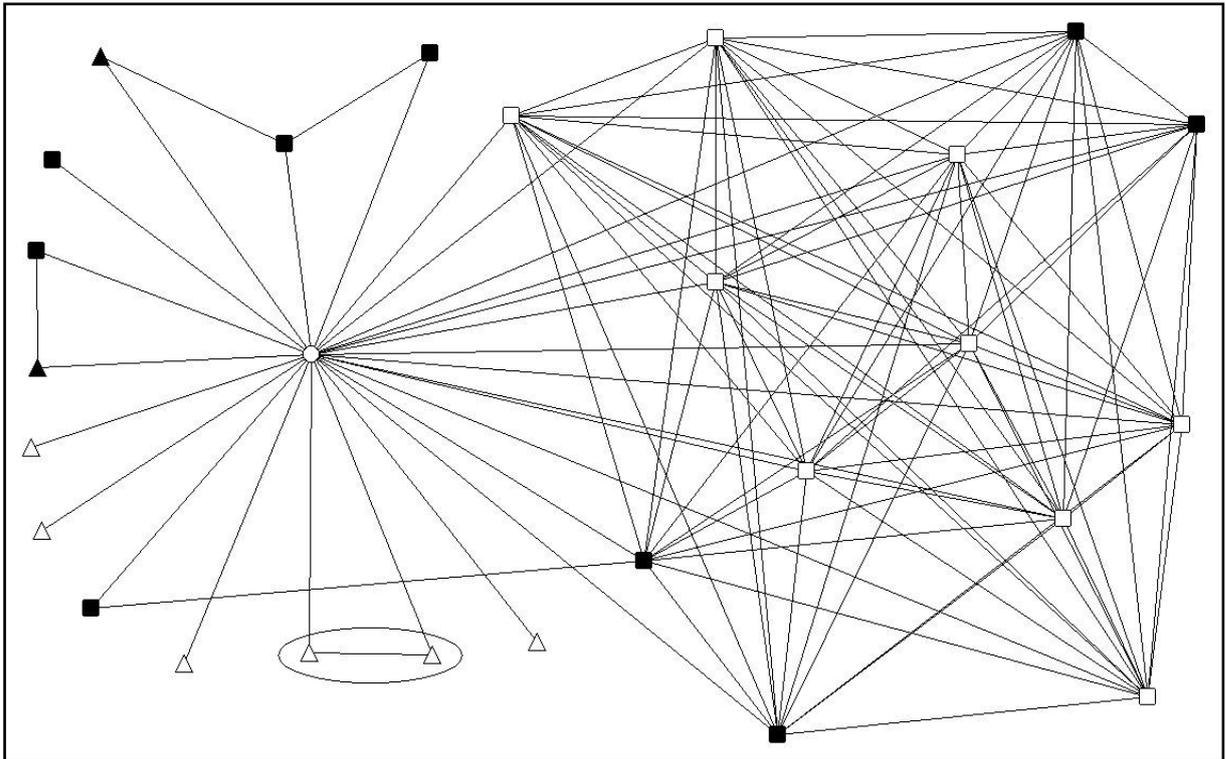
* Fonte: Fonte: IBGE - Censo Demográfico – 2000.

** Fonte: elaboração do autor a partir do gerador de nomes.

A partir das informações socioeconômicas e demográficas analisadas, pode-se inferir que *ego_001* costuma estabelecer relações com indivíduos que compartilham com ele posição social semelhante. Em primeiro lugar, não há expressivas diferenças de características socioeconômicas e demográficas entre os seus *alters*. Em segundo lugar, os atributos de *ego_001* são, em grande medida, semelhantes àqueles apresentados pelos seus contatos mais próximos e constantes. Desse modo, pode-se inferir que a trama relacional conformada em torno de *ego_001* apresenta um padrão homofílico, visto que os laços sociais tendem a ser mantidos entre indivíduos situados em posições similares no espaço social.

O Sociograma 3, abaixo, retrata a conformação da trama relacional centralizada neste entrevistado, certamente o mais engajado e participativo no atual contexto da AM_1³⁷.

³⁷ No Anexo 7, encontram-se os procedimentos realizados para a elaboração dos sociogramas das oito redes egocentradas analisadas.



Sociograma 3. Rede egocentrada_001.

Fonte: elaboração do autor a partir do gerador de nomes.

Com relação ao padrão e à dinâmica da rede social analisada, é interessante observar que o próprio entrevistado delimitou a existência de três grupos diferentes. O primeiro deles é formado pelos *nós* vinculados à sua atuação na AM_1 – os quais estão assinalados por quadrados brancos. Este grupo constitui um verdadeiro *clique*, no qual todos os *nós* estão diretamente relacionados entre si³⁸.

O segundo recorte diz respeito aos seus laços sociais cotidianos – amigos e familiares –, os quais estão marcados por triângulos brancos. Observa-se que este é um segmento relativamente pequeno (apenas seis *nós*), que não estabelece relações com os outros *nós* que compõem a rede de *ego_001* e nem entre si (com exceção dos dois *alters* circundados na parte inferior do Sociograma 3).

Por fim, há um conjunto de *nós* com o qual *ego_001* conversa sobre os problemas e as demandas do seu bairro de residência – tais *nós* são apontados por quadrados e triângulos³⁹ pretos. Este segmento apresenta uma conformação relacional mais heterogênea: de um lado,

³⁸ Para uma discussão sobre a definição dos conceitos operacionais e analíticos de *clique* e conjunto/grupo de conexões ver Anexo 8.

³⁹ Os triângulos indicam dois vereadores – um do PSOL e outro do PP – com quem *ego_001* se relaciona.

identificam-se alguns *nós* isolados e pequenos *cliques*; de outro, existem vários *nós* conectados a *nós* do *clique* da associação.

Pode-se inferir, a partir dos dados apresentados, a significativa presença de relações sociais homofílicas na rede egocentrada_001. De um lado, os *nós* que *ego_001* identifica como sendo suas relações significativas compartilham com ele atributos sociais similares, indicando uma alta proximidade posicional. De outro, parte significativa de sua rede apresenta um elevado nível de conexão entre os *alters*, indicando uma alta proximidade relacional.

Contudo, a homofilia presente na rede egocentrada elaborada a partir do gerador de nomes não significa que o entrevistado não mantenha contatos ou mesmo ações conjuntas com indivíduos e grupos sociais ocupantes de posições distintas no espaço social. Justamente por ser um agente social envolvido em diversas atividades associativas – além de suas ações através da AM, sua atividade profissional de assessoria e consultoria o coloca em contato com diversas organizações sociais – é provável que ele estabeleça contatos com indivíduos e grupos posicionados em outras classes sociais. Isso fica claro quando *ego_001*, ao ser questionado sobre o seu contato com AMs de regiões periféricas de Porto Alegre, faz o seguinte relato:

“ele [este contato com] é envolvido mais com o meu trabalho na associação de moradores. Porque a associação de moradores, [a AM_1], porque ela, a partir do momento em que se instituiu e ela se refundou, ela passou a integrar os diferentes espectros de inter-relação no município. Então, eu vou citar: nós participamos do Fórum de Entidades que participou, integrou a revisão, o grupo de revisão do Plano Diretor de Porto Alegre; nós integramos o Conselho Municipal de Desenvolvimento Urbano e Ambiental – eu no caso, como primeiro suplente da Região 1 (...); nós integramos ainda, no caso, alguns moradores integraram o Movimento em Defesa da Orla [do Guaíba], que teve uma atuação destacada naquela questão do Pontal do Estaleiro. Então, essa minha relação fez com que nesses espaços eu encontrasse essas diversas entidades coirmãs e de diferentes áreas e de diferentes regiões de Porto Alegre”.

Esta relativa discrepância entre a rede de relações significativas para o entrevistado, identificada a partir do gerador de nomes, e sua efetiva inserção relacional (muito mais ampla e socialmente diversificada) constitui-se em um importante indicador do mecanismo de invisibilização. Os contatos com indivíduos em posição social inferior, que o entrevistado estabelece a partir de sua militância associativa e/ou de sua atividade profissional, não são identificados por ele como significativos ou, no limite, simplesmente não são percebidos. Ou seja, tornam-se invisíveis. Esta invisibilidade obstaculiza a possibilidade de se constituírem relações significativas entre *ego_001* e seus contatos situados em posição social inferior, contribuindo para a reprodução da homofilia de sua rede relacional.

6.1.2 Caso 2

No que concerne à análise socioeconômica e demográfica dos *nós* que conformam a rede egocentrada_002, pode-se informar, primeiramente, que ela é composta por cinco mulheres e dez homens. Em segundo lugar, pode-se arguir que é marcante a presença de relações homofílicas. Isso porque doze conexões possuem ensino superior completo, das quais seis têm pós-graduação. Além disso, *ego_002* informou que um dos seus *alters* ainda não completou o ensino superior e outro possui ensino médio completo⁴⁰.

Já, ao se analisar a inserção profissional dos *alters*, pode-se, igualmente, identificar e qualificar como homofílica a trama relacional centrada em *ego_002*. Por exemplo, as profissões dos seus contatos correspondem, em geral, a posições mais bem situadas na hierarquia social, conforme expressam as informações presentes na Tabela 5, abaixo.

Inserção Profissional Geral	N	Inserção Profissional Específica	N
Comerciante	1	Proprietário Banca de Revistas	1
Professor	2	Professor Universitário	2
Profissional Liberal	10	Arquiteto	2
		Veterinário	2
		Médico	1
		Assessor de Gestão e Planejamento	1
		Designer	1
		Engenheiro	1
		Dentista	1
Artista Plástico	1		
Estudante	1	Estudante de Graduação	1
Outras	1	Dona de Casa	1
Total	15	Total	15

Tabela 5. Perfil profissional dos *alters* da rede egocentrada_002.

Fonte: elaboração do autor a partir do *name interpreters*.

⁴⁰ O entrevistado não soube informar a escolaridade de apenas um dos seus contatos.

A investigação das informações sociodemográficas (visíveis na Tabela 6, abaixo) revela, mais uma vez, o padrão homofílico do tecido relacional centralizado em *ego_002*. Os *alters* que configuram a rede egocentrada_002 residem em bairros compostos por populações que possuem renda média bastante elevada. Isso porque doze indivíduos vivem em bairros que apresentam rendimento médio dos responsáveis por domicílio de quinze ou mais salários mínimos. Além disso, pode-se observar que não há indivíduos morando em bairros com baixos indicadores socioeconômicos.

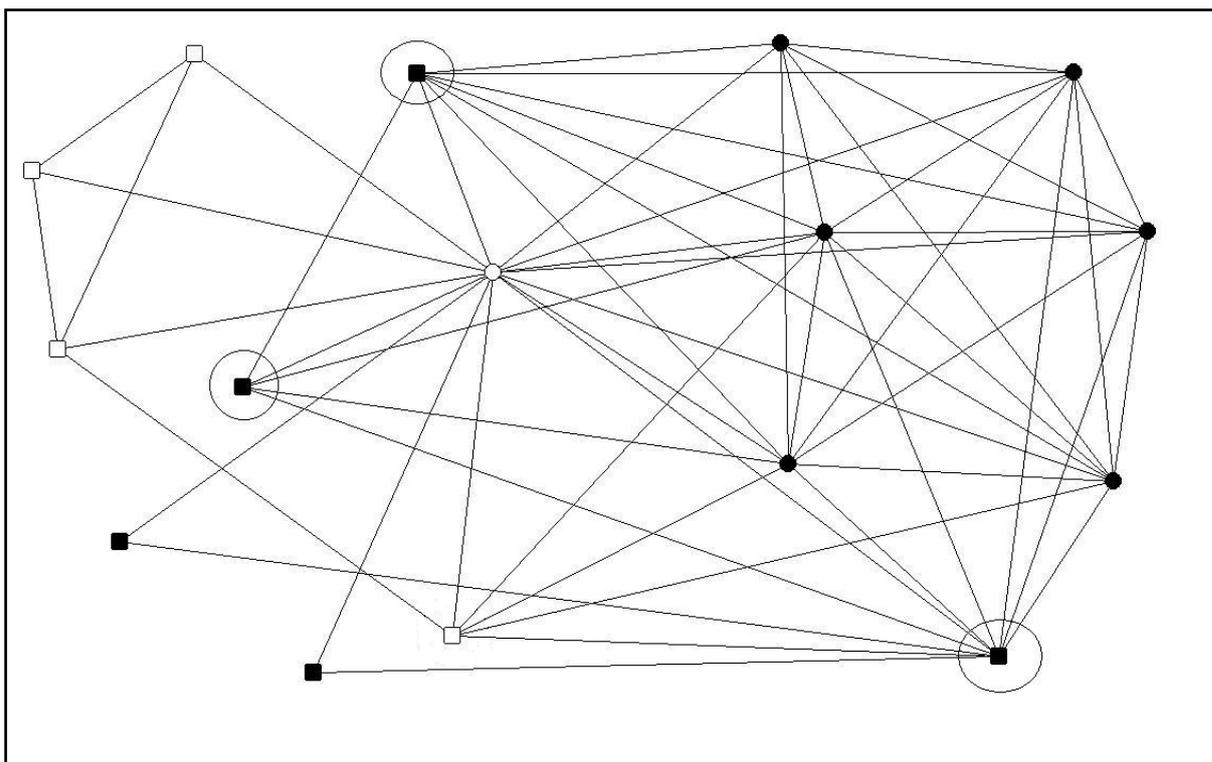
Faixas de rendimento médio em salários mínimos dos responsáveis por domicílio – ano 2000*	Número de <i>alters</i> que residem nos bairros que apresentam média de rendimento dos responsáveis por domicílio dentro das faixas de renda estabelecidas**
24 salários mínimos ou mais	4
entre 15 e 23 salários mínimos	8
entre 10 e 14 salários mínimos	1
outra cidade	2
Total	15

Tabela 6. Perfil sócio-geográfico da rede egocentrada_002.

* Fonte: Fonte: IBGE - Censo Demográfico – 2000.

** Fonte: elaboração do autor a partir do gerador de nomes.

No que diz respeito ao padrão de estruturação das conexões da rede egocentrada_002, é possível identificar três grupos com distintos tipos de relações com este segundo entrevistado. O Sociograma 4, a seguir, retrata a sua rede de relações sociais.



Sociograma 4. Rede egocentrada_002.

Fonte: elaboração do autor a partir do gerador de nomes.

Um primeiro grupo (assinalado por pontos pretos) é constituído pelos familiares, os quais estão fortemente conectados entre si (constituindo, então, um verdadeiro *clique*) e possuem, em certa medida, significativas conexões com *nós* dos outros dois grupos – sobretudo no que diz respeito aos três *nós* circulosados no Sociograma 4.

Um segundo conjunto de conexões é formado pelos *nós* considerados amigos por *ego_002*. Eles estão marcados por quadrados pretos, sendo que alguns deles possuem conexões com os *nós* do primeiro grupo analisado, conforme já indicado. Isso revela que a trama relacional da rede egocentrada_002 está fortemente conectada entre si, indicando, assim, uma expressiva proximidade relacional entre os *nós* que a conformam.

O terceiro grupo de conexões (assinalado por quadrados brancos) é constituído por vizinhos que são também colegas de AM. Pode-se observar, em primeiro lugar, a conformação de um *clique* entre três dos quatro *nós* que configuram esse grupo de vínculos. Nota-se, em segundo lugar, que o indivíduo que não conforma o *clique* identificado possui relações com *nós* que constituem os outros grupos de laços do entrevistado. Essa conformação se explica na medida em que o *clique* da AM é constituído por agentes sociais engajados há mais tempo na entidade, enquanto que o outro indivíduo iniciava seu envolvimento na AM.

Pode-se, a partir das informações acima analisadas, arguir que a trama relacional configurada em torno de *ego_002* é, expressivamente, homofílica. Os indivíduos identificados

como sendo seus laços sociais mais significativos compartilham com ele atributos socioeconômicos bastante semelhantes. Ao mesmo tempo, ao se explorar o padrão e a dinâmica da rede egocentrada_002, percebe-se a presença, sobretudo, de indivíduos que representam vínculos próximos e constantes (familiares, amigos e vizinhos), ou seja, mais significativos e, por conseguinte, mais visíveis no seu cotidiano relacional.

Além disso, é possível inferir que, em linhas gerais, as conexões de *ego_002* tendem a ser constituídas com indivíduos bem posicionados na hierarquia social, indicando, assim, que a homofilia da sua trama relacional é constituída através de laços com agentes sociais situados em posições superiores no espaço social. E, dessa forma, pode-se ponderar que indivíduos situados em posições inferiores na hierarquia social estão ausentes – e, logo, invisíveis – no cotidiano relacional conformado pelos vínculos considerados significativos por *ego_002*.

6.1.3 Caso 3

A rede egocentrada_003 é composta por 22 *alters*, sendo onze homens e onze mulheres. No que concerne à escolaridade, treze conexões possuem ensino superior, sendo que duas têm pós-graduação, quatro possuem ensino médio e duas apenas o ensino fundamental⁴¹. A análise das informações contidas na Tabela 7, a seguir, sobre a inserção profissional dos *nós* que conformam a rede egocentrada_003 revela a presença de indivíduos que ocupam posições de autoridade, tais como: secretários e diretores de secretarias municipais e políticos, como o ex-prefeito de Porto Alegre. Os profissionais liberais (sete) também conformam de modo significativo a trama de relações de *ego_003*. Percebe-se, desse modo, uma situação homofílica construída, por um lado, a partir da semelhança de escolaridade entre *ego_003* e a maioria dos seus *alters*; e, por outro, através da inserção profissional dos *nós* que configuram a rede egocentrada_003.

⁴¹ Para três *alters*, *ego_003* não soube informar o nível de escolaridade.

Inserção Profissional Geral	N	Inserção Profissional Específica	N
Profissional Político-Administrativo	5	Secretários Municipais	3
		Diretor de Secretaria Municipal	1
		Político	1
Professor	2	Professor	2
Comerciante	2	Comerciante	1
		Proprietária de Farmácia	1
Funcionário Liberal	7	Nutricionista	2
		Fisioterapeuta	1
		Assessor de Gestão e Planejamento	1
		Engenheiro	1
		Veterinária	1
		Médico	1
Trabalhador Manual Sem Qualificação	2	Vendedor	1
		Zelador	1
Trabalhador Informal	1	Flanelinha	1
Do Lar	1	Dona de Casa	1
Aposentado	1	-	-
Não Sabe	1	-	-
Total	22	Total	20

Tabela 7. Perfil profissional dos *alters* da rede egocentrada_003.

Fonte: elaboração do autor a partir do *name interpreters*.

A partir da análise dos dados sócio-geográficos dos *nós* que conformam a trama relacional da rede egocentrada_003, pode-se averiguar, mais uma vez, a sua configuração homofílica. Fato esse que é revelado através da investigação das informações socioeconômicas (fornecidas na Tabela 8, a seguir) dos bairros onde residem os contatos de *ego_003*.

Faixas de rendimento médio em salários mínimos dos responsáveis por domicílio – ano 2000*	Número de <i>alters</i> que residem nos bairros que apresentam média de rendimento dos responsáveis por domicílio dentro das faixas de renda estabelecidas**
24 salários mínimos ou mais	3
entre 15 e 23 salários mínimos	13
entre 10 e 14 salários mínimos	2
até 9 salários mínimos	2
não sabe	2
Total	22

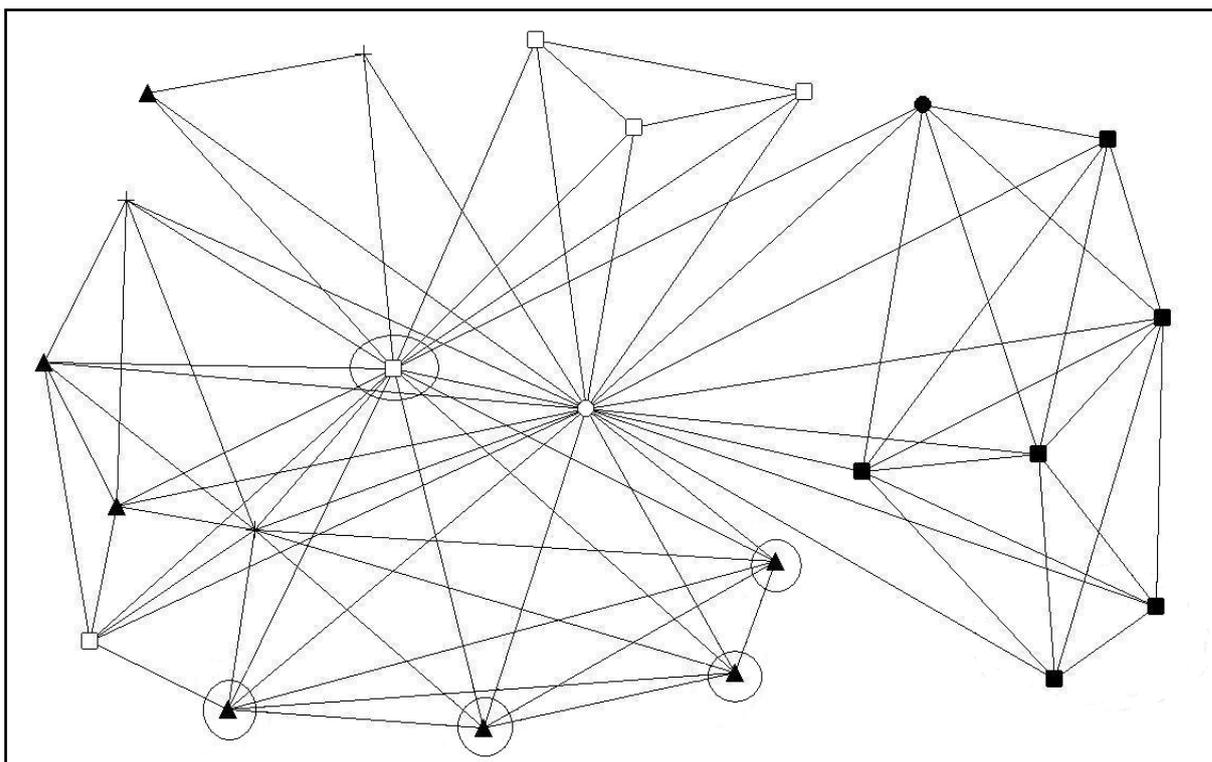
Tabela 8. Perfil sócio-geográfico da rede egocentrada_003.

*Fonte: elaboração do autor a partir do gerador de nomes.

**Fonte: Fonte: IBGE - Censo Demográfico – 2000.

A Tabela 8 informa que dezesseis *alters* vivem em bairros que apresentam elevados indicadores de rendimento médio dos responsáveis por domicílio – acima de quinze salários mínimos. Enquanto que apenas duas conexões residem em bairros que detêm baixos indicadores de renda média dos responsáveis por domicílio.

O Sociograma 5, a seguir, mostra a rede de relações centrada em *ego_003*, que, apesar de não integrar a diretoria da AM_1, tem uma atuação comunitária destacada e importante. No que tange ao padrão e à dinâmica reticular da rede egocentrada_003, pode-se estabelecer a existência de cinco tipos (grupos) de conexões sustentadas por *ego_003*.



Sociograma 5. Rede egocentrada_003.

Fonte: elaboração do autor a partir do gerador de nomes.

Em primeiro lugar, chamam atenção as conexões com indivíduos (assinalados por quadrados pretos no Sociograma 5) que ocupam ou ocupavam posições proeminentes na administração da PMPA. Dentre os quais é preciso ressaltar três secretários municipais e o ex-prefeito de Porto Alegre. São relações com atores sociais situados em posições superiores no espaço social e que têm acesso facilitado a diversos recursos sociais. Além disso, esse grupo de conexões (considerados colegas de trabalho por *ego_003*) se encontra altamente conectado, uma vez que cinco destes *alters* conformam um verdadeiro *clique* de relações.

Um segundo grupo de conexões é constituído por familiares e amigos – os quais estão marcados por quadrados brancos. Esses *alters* estão, significativamente, conectados entre si, sobretudo no que diz respeito aos *nós* familiares. O *nó* assinalado por um quadrado branco circulado se refere ao cônjuge de *ego_003*. Esse *alter* ocupa uma posição, em certa medida, central na rede egocentrada_003, visto que ele apenas não mantém vínculos com os *nós* identificados no Sociograma 5 por quadrados pretos.

O terceiro conjunto de conexões corresponde aos vizinhos de *ego_003*. Esses *nós* estão assinalados por triângulos pretos, sendo que alguns aparecem circulados no Sociograma 5, uma vez que estão todos conectados entre si, constituindo, assim, um verdadeiro *clique*.

Os três *nós* marcados por um sinal de mais são os laços sustentados com indivíduos localizados em posições inferiores na hierarquia social. Um deles é o zelador do prédio onde a

entrevistada reside; o outro, é o guarda de carros (flanelinha) da rua onde ela mora; e o terceiro é atendente de uma farmácia situada no bairro. Esses três vínculos são os únicos indivíduos citados através do gerador de nomes que ocupariam uma posição marcadamente desigual e distinta daquela ocupada pela entrevistada e pelos seus demais contatos.

Há somente um *nó* que está vinculado com a vida associativa e comunitária de *ego_003*: é justamente o atual presidente da AM_1, o entrevistado denominado neste trabalho como *ego_001*. Essa ausência de laços associativos na trama relacional da rede egocentrada_003 reflete a forma de engajamento comunitário da entrevistada – o qual é construído, notadamente, através de laços pessoais com indivíduos em posição de autoridade e com acesso facilitado a diversos recursos sociais.

Desse modo, através das informações sociodemográficas, econômicas e relacionais analisadas nos parágrafos precedentes, pode-se inferir que o padrão homofílico observado na trama relacional centrada em *ego_003* constitui-se, fundamentalmente, a partir de laços com e entre indivíduos que tendem a se localizar em posições superiores na hierarquia social.

E como opera a invisibilização no cotidiano relacional de *ego_003*? Pode-se arguir que, apesar do seu significativo trânsito por diversos espaços da cidade (em virtude, sobretudo, das diferentes funções já ocupadas na PMPA), os indivíduos então contatados não se transformaram em relações mais próximas e constantes. Eles permaneceram distantes, não ingressando no cotidiano relacional da entrevistada. Somente aqueles *alters* presentes no seu dia-a-dia foram identificados pelo gerador de nomes – inclusive o guardador de carros da sua rua. Fato esse que poderia colocar em suspenso o mecanismo de invisibilização. Não obstante, a relação de *ego_003* com o flanelinha é marcada, sobretudo, pelo conflito. Isso porque, segundo a entrevistada, ele auxilia na “organização” da “algazarra noturna” no bairro. Assim, o diferente se torna visível através do conflito.

6.1.4 Caso 4

A rede egocentrada_004 é conformada por 30 *alters*, sendo oito mulheres e 22 homens. Segundo as informações fornecidas pelo entrevistado, sete indivíduos possuem ensino superior, sendo que um tem pós-graduação, 20 possuem ensino médio e dois têm apenas o ensino fundamental⁴².

No que concerne à profissão dos *alters*, segundo informa a Tabela 9, há uma maior presença de indivíduos que possuem inserção profissional em ocupações manuais e não

⁴² *Ego_004* não soube informar a escolaridade de um dos *nós*.

qualificadas, o que pode ser explicado pelo fato de que o entrevistado identificou como *alters* os seus funcionários. Pode-se argumentar que tais relações estão, fortemente, marcadas por uma hierarquia de posições no ambiente de trabalho. Chama atenção, além disso, a expressiva presença de comerciantes e de profissionais liberais na trama relacional deste entrevistado.

É possível inferir, então, que a rede egocentrada_004 é a menos homofílica das investigadas nesta pesquisa. Contudo, é aquela em que as relações hierárquicas se configuram de forma mais nítida entre *ego* e grande parte dos seus *alters*, uma vez que são laços estruturados entre empregador e empregado.

Inserção Profissional Geral	N	Inserção Profissional Específica	N
Comerciante	7	Comerciante	4
		Proprietário de Pequena Empresa Prestadora de Serviço	3
Estudante	2	Estudante	2
Professor	1	Professor	1
Profissional Liberal	7	Contador	2
		Músico	1
		Assessor de Gestão e Planejamento	1
		Engenheiro	1
		Corretor de Imóveis	1
		Representante Comercial	1
Trabalhador Manual Qualificado	5	Eletricista	2
		Técnico em Informática	1
		Gerente de Depósito	1
		Auxiliar Administrativo	1
Trabalhador Manual Sem Qualificação	6	Balconista	4
		Vendedor	1
		Empregada Doméstica	1
Do Lar	1	Dona de Casa	1
Não Sabe	1	-	-
Total	30	Total	29

Tabela 9. Perfil profissional dos *alters* da rede egocentrada_004.

Fonte: elaboração do autor a partir do *name interpreters*.

Já a análise dos dados da Tabela 10, abaixo, informa que grande parte (quatorze no total) dos *alters* vive em bairros que apresentam indicadores socioeconômicos relativamente elevados (não tanto quanto aqueles presentes nas outras redes egocentradas explorados nesta pesquisa). Esses indivíduos residem em bairros em que o rendimento médio dos responsáveis

por domicílio é de quinze salários mínimos ou mais. Já sete *alters* moram em bairros onde a renda média dos responsáveis por domicílio se localiza entre onze e catorze salários mínimos.

Faixas de rendimento médio em salários mínimos dos responsáveis por domicílio – ano 2000*	Número de <i>alters</i> que residem nos bairros que apresentam média de rendimento dos responsáveis por domicílio dentro das faixas de renda estabelecidas**
entre 15 e 23 salários mínimos	14
entre 10 e 14 salários mínimos	7
até 9 salários mínimos	5
outra cidade	4
Total	30

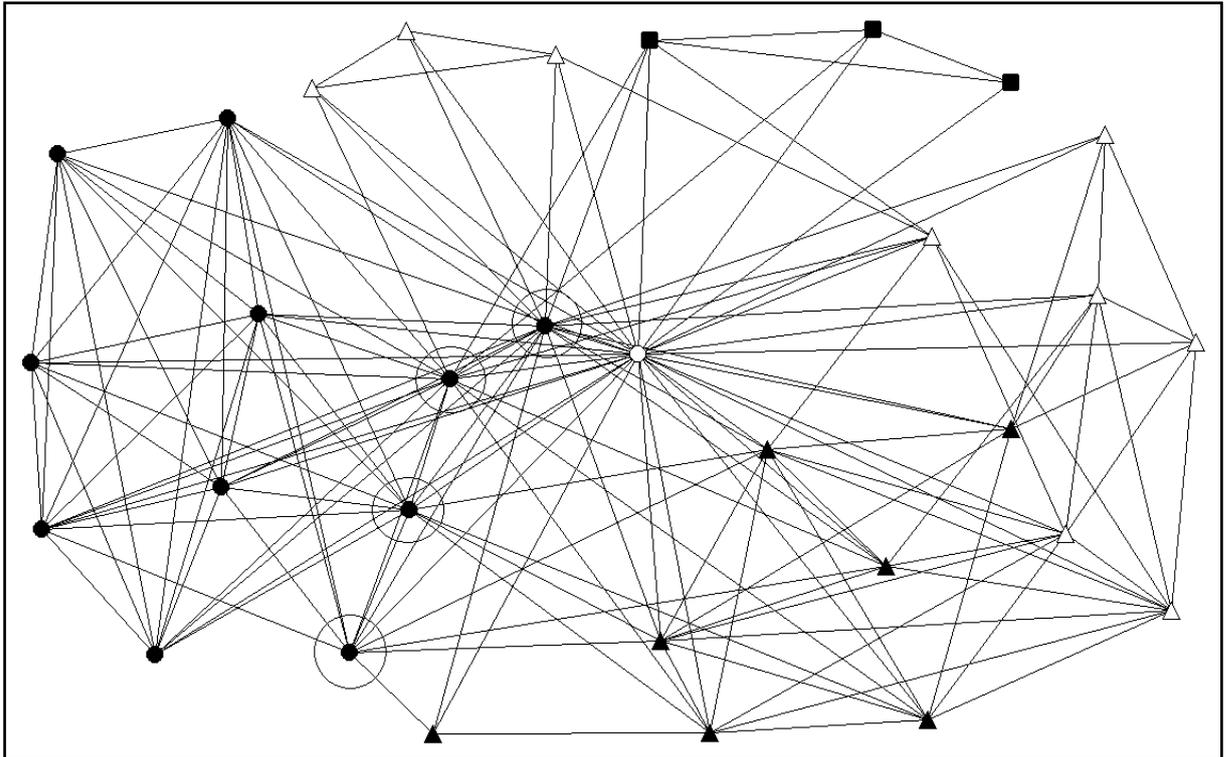
Tabela 10. Perfil sócio-geográfico da rede egoncentrada_004.

* Fonte: Fonte: IBGE - Censo Demográfico – 2000.

** Fonte: elaboração do autor a partir do gerador de nomes.

Chama atenção o fato de que cinco *nós* vivem em bairros onde o rendimento médio dos responsáveis por domicílio é significativamente baixo, sendo, inclusive, mais baixo que a média da cidade de Porto Alegre. Esses *alters* correspondem a cinco dos sete funcionários identificados por *ego_004* como fazendo parte da sua trama de relações.

O Sociograma 6, abaixo, retrata a trama relacional centrada em *ego_004* que, apesar de não integrar a diretoria da AM_1, tem uma atuação importante e destacada. No que concerne à dinâmica configuracional dessa rede, podem ser identificados quatro diferentes tipos de conexão entre o entrevistado e seus *alters*.



Sociograma 6. Rede egocentrada_004.

Fonte: elaboração do autor a partir do gerador de nomes.

Um primeiro *clique* de laços sociais (assinalados por pontos pretos) é constituído pelos familiares. Esses *nós* estão altamente conectados entre si. Apesar de tal proximidade relacional, quatro desses *nós* (diferenciados dos outros por estarem circulados) possuem também significativas conexões com outros indivíduos que conformam a rede egocentrada_004. Esses quatro *nós* são a esposa, a filha, a mãe e o pai do entrevistado.

O segundo grupo de conexões de *ego_004* é constituído pelos seus funcionários, os quais estão assinalados por triângulos pretos. A maioria desses *nós*, além de apresentarem alta conectividade entre si, também estão fortemente relacionados aos quatro *alters* marcados por um ponto preto circulado. Isso ocorre, em grande medida, porque a filha e a esposa de *ego_004* trabalham no estabelecimento comercial da família.

O terceiro conjunto de conexões é conformado pelos vizinhos – marcados por triângulos brancos. Destes nove indivíduos, quatro deles não residem no bairro onde vive o entrevistado: eles somente exercem ali suas atividades profissionais. Estes quatro indivíduos conformam um *clique* de relações, mas estabelecem significativo número de conexões com outros *alters*. Como é possível observar no Sociograma 6, há dois grupos claramente separados de vizinhos, conectados por apenas um laço de vizinhança – não obstante outros *nós* (sobretudo alguns familiares) servirem como “ponte” entre eles.

Por fim, há o *clique* de laços relacionados à participação de *ego_004* na AM_1. São os três *alters* que estão identificados por quadrados pretos. Diferentemente das outras configurações de relações encontradas na rede egocentrada_004, neste caso não há muitos laços para fora do *clique*. Os poucos vínculos existentes com indivíduos de outros grupos são conformados com aqueles familiares (a esposa e o pai) de *ego_004* que participam da AM_1.

Portanto, a rede egocentrada_004 é constituída, fundamentalmente, por familiares, funcionários, vizinhos e colegas de AM. Em linhas gerais, pode-se arguir que ela apresenta o padrão relacional menos homofílico entre as tramas de relações investigadas. Contudo, é possível inferir que, neste caso, os “inferiores” conformam a rede analisada pela sua participação subalterna na esfera profissional do entrevistado. Eles são lembrados por desempenharem a função de empregados no cotidiano do agente pesquisado. Em síntese, estes *alters* parecem não ingressar na esfera mais íntima das suas relações sociais, bem como na esfera das suas vinculações associativas.

6.2 Os casos investigados a partir da Associação de Moradores 2 (AM_2)

A partir desta segunda AM pesquisada, serão investigados, nas subseções abaixo, quatro casos empíricos. O formato de apresentação e de análise é o mesmo que o realizado para os exemplos empíricos construídos com base na primeira AM estudada.

6.2.1 Caso 5

Em termos da caracterização dos 53 *alters* que compõem a rede egocentrada_002, observa-se que são dezessete mulheres e 36 homens. A grande maioria dos *alters* – 35 indivíduos – possui ensino superior completo, segundo dados fornecidos pelo entrevistado⁴³.

No que tange à inserção profissional dos contatos, as informações são as que seguem na Tabela 11, abaixo. Em primeiro lugar, pode-se destacar a presença de indivíduos envolvidos com atividades políticas-administrativas, sobretudo vereadores. Em segundo lugar, chama atenção o expressivo número de profissionais liberais, em especial arquitetos e jornalistas. Em terceiro lugar, é possível ressaltar a quantidade significativa de comerciantes, os quais se localizam no bairro de atuação da AM_2.

⁴³ Em outros dez casos, o entrevistado não tinha certeza de que os seus contatos tinham, realmente, o ensino superior. Em outros seis, ele não soube informar a escolaridade dos seus *alters*. E, em dois, informou a escolaridade como sendo de ensino médio.

Inserção Profissional Geral	N	Inserção Profissional Específica	N
Profissional Político-Administrativo	9	Deputado Estadual	1
		Vereador	5
		Prefeito	1
		Assessor político	1
		Secretário Municipal	1
Funcionário Público	3	Funcionário Público	3
Comerciante	6	Comerciante	6
Militar	3	Policia Militar	3
Bancário	2	Bancário	2
Professor	2	Professor	2
Profissional Liberal	16	Arquiteto	5
		Publicitário	2
		Assessor de Gestão e Planejamento	1
		Advogado	2
		Jornalista	4
		Administrador	1
		Historiador	1
Diretor de Instituição	2	Diretor de Museu	1
		Diretor de Escola	1
Outros	1	Padre	1
Aposentado	6	-	-
Não Sabe	3	-	-
Total	53	Total	44

Tabela 11. Perfil profissional dos *alters* da rede egocentrada_005.

Fonte: elaboração do autor a partir do *name interpreters*.

Com relação ao bairro de residência dos seus *alters*, o entrevistado forneceu informação para 30 deles. Na Tabela 12, abaixo, é possível visualizar o número de *alters* residentes nos bairros que apresentam média de rendimento em salários mínimos dos

responsáveis por domicílio dentro das faixas de renda estabelecidas. Observa-se que a grande maioria dos seus contatos reside em bairros com indicadores econômicos bastantes elevados, entre os mais altos da cidade de Porto Alegre. Neste caso, são 27 *alters* que vivem em bairros onde a renda média dos responsáveis por domicílio é de quinze salários mínimos ou mais. Enquanto que apenas dois indivíduos residem em bairros onde a média de renda dos responsáveis por domicílio não ultrapassa nove salários mínimos.

Faixas de rendimento médio em salários mínimos dos responsáveis por domicílio – ano 2000*	Número de <i>alters</i> que residem nos bairros que apresentam média de rendimento dos responsáveis por domicílio dentro das faixas de renda estabelecidas**
24 salários mínimos ou mais	2
entre 15 e 23 salários mínimos	25
entre 10 e 14 salários mínimos	1
até 9 salários mínimos	2
não sabe	9
apenas endereço profissional	14
Total	53

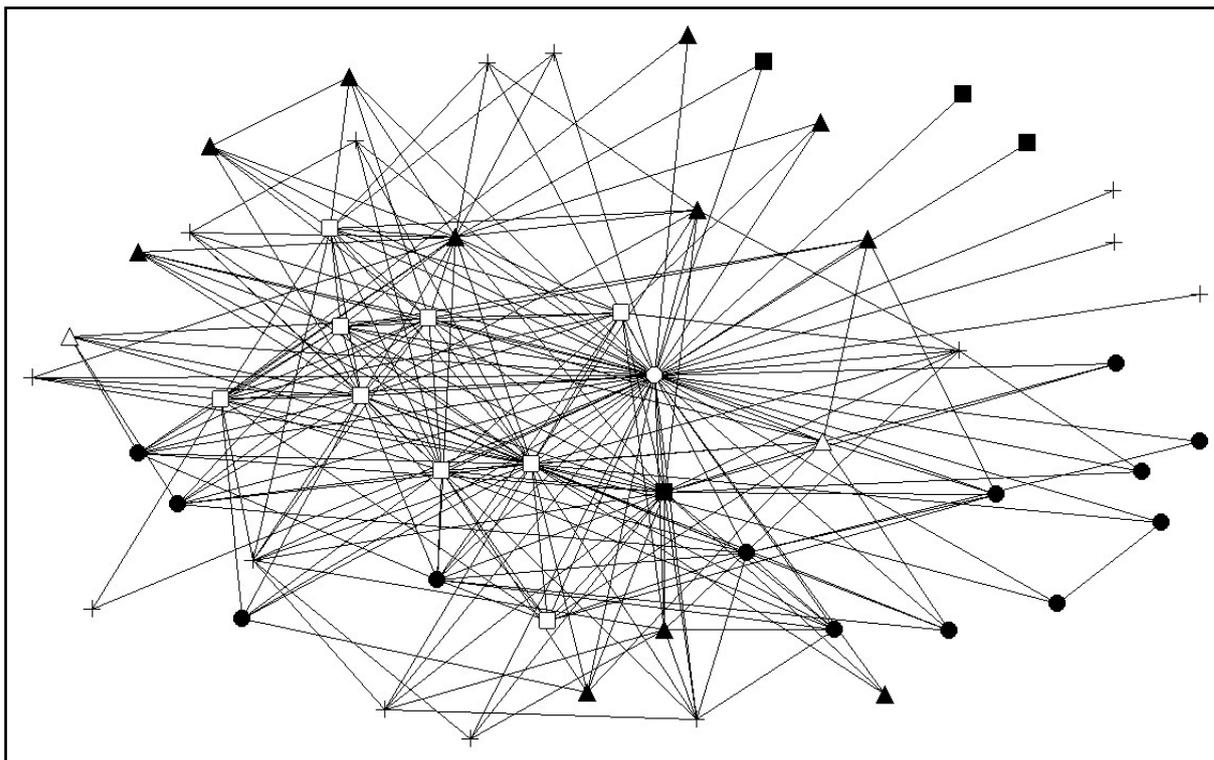
Tabela 12 Perfil sócio-geográfico da rede egoncentrada_005.

* Fonte: Fonte: IBGE - Censo Demográfico – 2000.

** Fonte: elaboração dos autores a partir do gerador de nomes.

Esses dados analisados nos parágrafos precedentes permitem identificar o padrão homofílico da rede centrada em *ego_005* e que tende a se reproduzir na AM na qual ele atua. Tal trama relacional, de um lado, o conecta aos seus “iguais” e, de outro, na medida em que estes “iguais” são ocupantes de posições hierarquicamente superiores (profissionais liberais, políticos, jornalistas, arquitetos, religiosos etc.), oportuniza acesso a recursos detidos por eles.

O Sociograma 7, abaixo, mostra a trama relacional centrada em *ego_005*, certamente o indivíduo mais atuante e participativo no atual contexto da AM_2.



Sociograma 7. Rede egocentrada_005

Fonte: elaboração do autor a partir do gerador de nomes.

Com relação ao padrão e à dinâmica relacional da rede egocentrada_002, percebe-se a presença de seis grupos com diferentes perfis de conexão com *ego_005*. O primeiro deles diz respeito a indivíduos que integram a atual diretoria da AM_2 e que participam das suas reuniões quinzenais (com exceção de um *nó* que não participa desses encontros). Essas conexões estão apontadas por quadrados brancos e estão fortemente conectadas entre si.

Um segundo grupo de vínculos é constituído por dois indivíduos – marcados por triângulos brancos –, os quais têm significativa presença em diversos espaços associativos e participativos da cidade de Porto Alegre, tais como: a RP 1, a AGAPAN, o CMDUA, o Fórum Municipal de Entidades, o Movimento em Defesa da Orla do Guaíba e o Comitê em Defesa da Orla do Guaíba.

Há um terceiro conjunto de *alters* (assinalados por quadrados pretos) que representam as conexões jornalísticas de *ego_005*. São pessoas ligadas a jornais que circulam na cidade de Porto Alegre, destacando-se o Jornal Zero Hora e o Jornal Floresta. Este último traz em sua edição mensal um informe produzido pela AM_2 sobre suas ações e atividades mais importantes. Chama atenção a alta conectividade de um destes *nós* na rede egocentrada_002.

O quarto grupo de conexões de *ego_005* e que apresenta grande relevância em termos de possibilidade de acesso a recursos é constituído por indivíduos situados em posição de

autoridade. Esses *nós* estão marcados por círculos pretos. Entre tais contatos, há a presença do prefeito de Porto Alegre, de cinco vereadores e de um deputado estadual.

O quinto grupo de conexões do entrevistado diz respeito aos membros da AM_2, que podem ou não residir no bairro, uma vez que não há essa restrição para ser membro da entidade. Esses *nós* estão apontados por triângulos pretos. Vale ressaltar a significativa presença de indivíduos que apenas trabalham no bairro ou nos seus arredores e que são procurados por *ego_005* para integrarem a AM_2.

Por fim, há um sexto grupo de conexões que é constituído por não sócios da entidade, os quais podem ou não residir no bairro. Esses *nós* estão assinalados por um sinal de mais no Sociograma 7, acima. São indivíduos, em geral, ligados a instituições situadas no bairro, tais como: o Banco do Brasil, o Colégio Rosário, o Museu de Medicina e a Igreja da Conceição.

A partir deste exemplo, é possível observar o mecanismo de invisibilização ao se analisar conjuntamente as informações socioeconômicas, demográficas e relacionais dos *alters* de *ego_005* e a sua inserção nos diversos espaços de participação da cidade. Por exemplo, em 2011, por incentivo da PMPA foram realizadas algumas reuniões para a formação de um comitê dos bairros Floresta e Independência. O objetivo da proposta era, em linhas gerais, definir as demandas prioritárias dos bairros da cidade. Essas prioridades seriam, então, incluídas e apresentadas no 5º Congresso das Cidades.

Dessa forma, *ego_005* manteve contato em diversas oportunidades com moradores do bairro Floresta. Porém, indivíduos não se transformaram em conexões mais significativas – ou seja, mais próximas e constantes. Além disso, inúmeras vezes ao longo do trabalho de campo, ele delimitou claras diferenças (sobretudo, de problemas, de demandas e de soluções) entre os bairros Floresta e Independência. Pode-se inferir que, em certa medida, esses “novos” atores sociais conhecidos por *ego_005* permaneceram invisíveis para ele. Eles não passaram a fazer parte dos *nós* que configuram a sua trama relacional. Assim, apesar de prováveis contatos de *ego_005* com indivíduos e entidades em posições socialmente inferiores em função das suas atividades associativas, tais interações não se conformam como laços significativos e são invisibilizadas na rede social construída a partir do gerador de nomes.

6.2.2 Caso 6

A rede egocentrada_006 é composta por 40 indivíduos que mantêm próximas e significativas relações com *ego_006*. No que concerne à divisão por gênero, são quinze mulheres e 25 homens. Já em relação à escolaridade, 21 têm ensino superior, doze possuem

ensino médio e dois têm nível de escolaridade fundamental⁴⁴. Pode-se estabelecer, desse modo, o padrão homofílico (baseado nas características educacionais dos *alters*) da trama de vínculos construída em torno de ego_006. Isso porque há pouca diferenciação de escolaridade entre os indivíduos que conformam a sua rede de relações sociais.

No que diz respeito à profissão dos *alters*, infere-se, a partir das informações da Tabela 13, a seguir, a significativa presença de profissionais liberais, em especial arquitetos e engenheiros. O número de comerciantes também se mostra expressivo na conformação do cotidiano relacional de ego_006. Por fim, pode-se sublinhar a presença de (quatro) trabalhadores sem qualificação, o que se explica na medida em que a entrevistada é síndica do seu prédio de residência e, sobretudo, porque trabalha com arquitetura e planejamento de construções/edificações.

⁴⁴ Um terceiro *nó* está cursando o ensino fundamental, pois está em idade de frequentar esse nível de ensino. Assim, esse indivíduo não foi levado em consideração para a análise das características educacionais da rede egocentrada_006. Para quatro laços, a entrevistada não soube informar o grau de escolaridade.

Inserção Profissional Geral	N	Inserção Profissional Específica	N
Comerciante	7	Comerciante	4
		Cabeleireiro	2
		Proprietário de Academia de Ginástica e Musculação	1
Professor	3	Professor	3
Estudante	2	Estudante	2
Bancário	2	Bancário	2
Profissional Liberal	14	Arquiteto	3
		Administrador	2
		Programador Informática	1
		Veterinário	1
		Geólogo	1
		Médico	1
		Biólogo	1
		Representante Comercial	1
		Advogado	1
		Administrador	1
		Pedagogo	1
Funcionário Público	1	Funcionário Público	1
Trabalhador Manual Sem Qualificação	4	Empreiteiro	1
		Pintor	1
		Vendedor	1
		Zelador	1
Do Lar	1	Dona de Casa	1
Aposentado	4	-	-
Não Sabe	2	-	-
Total	40	Total	34

Tabela 13. Perfil profissional dos *alters* da rede egocentrada_006.

Fonte: elaboração do autor a partir do *name interpreters*.

A análise das informações contidas na Tabela 14, abaixo, revela que grande parte dos contatos de *ego_006* reside em bairros que apresentam elevados indicadores de renda. Isso porque 22 *alters* vivem em bairros onde o rendimento médio dos responsáveis por domicílio fica acima de quinze salários mínimos. Ao contrário, apenas dois *nós* vivem em bairros com indicadores de renda expressivamente baixos. Dessa maneira, pode-se inferir que, por aproximação, a maioria dos *alters* de *ego_006* vive em bairros onde a maior parte da população apresenta indicadores econômicos bastante elevados, sobretudo em comparação a média de Porto Alegre, onde o rendimento médio dos responsáveis por domicílio era inferior a dez salários mínimos em 2000.

Faixas de rendimento médio em salários mínimos dos responsáveis por domicílio – ano 2000*	Número de <i>alters</i> que residem nos bairros que apresentam média de rendimento dos responsáveis por domicílio dentro das faixas de renda estabelecidas**
entre 15 e 23 salários mínimos	22
entre 10 e 14 salários mínimos	3
até 9 salários mínimos	2***
não sabe	3
outra cidade	7
endereço profissional	1
Total	40

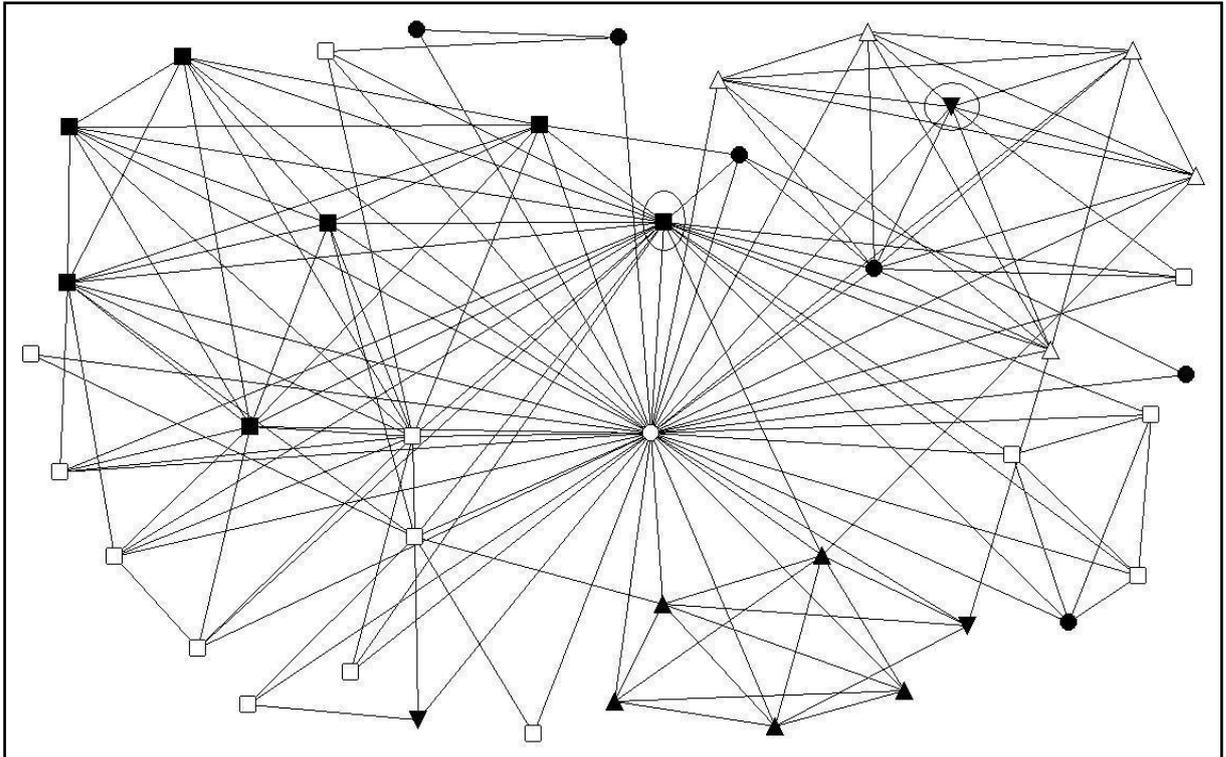
Tabela 14. Perfil sócio-geográfico da rede egocentrada_006.

* Fonte: Fonte: IBGE - Censo Demográfico – 2000.

** Fonte: elaboração do autor a partir do gerador de nomes.

*** Outros dois indivíduos vivem no bairro Protásio Alves, para o qual não foi possível acessar os dados de rendimento dos responsáveis por domicílio.

O Sociograma 8, abaixo, retrata a trama relacional centrada em *ego_006*, certamente uma das agentes sociais mais participativas e atuantes da AM_2. Pode-se, antes de qualquer coisa, inferir que a trama de relações da rede egocentrada_006 é configurada a partir de seis tipos (grupos) de vínculos estabelecidos entre *ego_006* e seus *alters*.



Sociograma 8. Rede egocentrada_006

Fonte: elaboração do autor a partir do gerador de nomes.

O primeiro conjunto de conexões (marcado por quadrados brancos) é constituído pelos indivíduos considerados amigos. Esses laços estão, em certa medida, “espalhados” pela trama relacional, mantendo expressivas conexões com indivíduos que representam outro tipo de vínculo para a entrevistada.

Um segundo grupo de laços, os quais estão assinalados por quadrados pretos, diz respeito aos familiares, sendo que a filha está diferenciada dos demais por um círculo. Esses vínculos estão expressivamente conectados entre si, evidenciando, assim, a proximidade relacional existente entre eles. Chama atenção, também, o significativo número de relações sustentado pela filha da entrevistada, o que, no entanto, não tem relevância no contexto associativo da AM_2.

Há também indivíduos que estão conectados à entrevistada através de laços de trabalhos – esses *nós* estão distinguidos dos demais por círculos pretos. Observa-se que esses vínculos associados ao seu trabalho estão pouco conectados entre si e estabelecem conexões com indivíduos que significam outro tipo de conexão para ela.

Os colegas de AM constituem um quarto conjunto de conexões. Eles estão marcados por triângulos pretos. Esses indivíduos estão fortemente conectados entre si (constituindo um verdadeiro *clique*) e mantêm poucos laços com os outros *nós* que configuram a trama

relacional analisada. Tal fato indica a significativa proximidade relacional desses indivíduos envolvidos nas ações e atividades da AM_2.

O quinto grupo de conexões é composto pelos vizinhos, os quais são distinguidos por triângulos brancos. São apenas quatro indivíduos, os quais mantêm relações entre si, mas que também se vinculam com agentes sociais que constituem outros tipos de vinculação para *ego_006*.

Por fim, há três *nós* que são qualificados como conhecidos – esses indivíduos estão assinalados por triângulos pretos invertidos. Um desses *nós* está marcado por um círculo, pois corresponde ao zelador do prédio de residência de *ego_006*, o que explica sua significativa conexão com os *alters* indicados como vizinhos pela entrevistada. Os outros dois indivíduos são comerciantes e possuem poucas vinculações na rede egocentrada_006.

De um modo geral, pode-se inferir que a rede egocentrada_006 apresenta características relacionais homofílicas, uma vez que grande parte dos *alters* compartilham entre si atributos socioeconômicos bastante semelhantes. Conforme destacado acima, a maioria dos *nós* da rede de *ego_006* possui escolaridade superior ou média, exerce profissões liberais ou ligadas ao comércio e reside em bairros onde a renda média dos responsáveis por domicílio é bastante elevada.

Apesar desse padrão homofílico identificado, pode-se, igualmente, inferir há a presença de alguns indivíduos situados em posições sociais inferiores. Esses “inferiores”, por sua vez, conformam a rede egocentrada_006 devido à sua participação subalterna na esfera profissional de *ego_006*. Além disso, é possível arguir que os laços sociais mais íntimos (e, portanto, mais constantes e visíveis no dia-a-dia) da entrevistada, bem como seus vínculos ligados ao seu envolvimento na AM_2 são mantidos com indivíduos que compartilham com ela atributos socioeconômicos.

6.2.3 Caso 7

A rede egocentrada_007 é configurada por 38 *alters*, sendo 22 homens e dezesseis mulheres. A análise do nível de escolaridade revela que 28 *nós* possuem ensino superior e sete possuem ensino médio⁴⁵. Portanto, há pouca diferenciação no que tange ao nível educacional dos indivíduos que configuram a trama relacional centrada em *ego_007*. É possível inferir,

⁴⁵ *Ego_007* não soube fornecer os dados sobre escolaridade para três de suas conexões.

assim, a presença de laços sociais homofílicos (baseados em atributos educacionais) na trama relacional deste sétimo entrevistado.

A partir da investigação da inserção profissional dos *alters* de *ego_007*, pode-se, igualmente, observar o padrão de homofílico da rede egocentrada_007. Isso porque ela é composta, especialmente, por funcionários públicos (sete), professores (sete) e profissionais liberais (quinze), sobretudo, advogados, engenheiros e jornalistas, conforme expressam os dados da Tabela 15, abaixo.

Inserção Profissional Geral	N	Inserção Profissional Específica	N
Funcionário Público	7	Funcionário Público	7
Professor	7	Professor	7
Comerciante	3	Comerciante	3
Profissional Liberal	15	Jornalista	3
		Advogado	3
		Engenheiro	3
		Geógrafo	1
		Sociólogo	1
		Assessor de Gestão e Planejamento	1
		Biólogo	1
		Publicitário	1
Artista Plástico	1		
Bancário	1	Bancário	1
Militar	1	Policia	1
Aposentado	3	-	-
Não Sabe	1	-	-
Total	38	Total	34

Tabela 15. Perfil profissional dos *alters* da rede egocentrada_007.

Fonte: elaboração do autor a partir do *name interpreters*.

A análise do perfil sócio-geográfico (a partir das informações trazidas na Tabela 16, a seguir) dos *nós* que conformam a rede egocentrada_007 informa que a maioria reside em

bairros com elevados indicadores de renda. Isso porque 23 indivíduos vivem em bairros que apresentavam, no ano 2000, rendimento médio dos responsáveis por domicílio acima de quinze salários mínimos. Enquanto que tão somente um indivíduo residia em um bairro que apresentava rendimento médio dos responsáveis por domicílio até nove salários mínimos. Portanto, tais informações revelam que grande parte das conexões de *ego_007* vive em bairros que apresentam indicadores de rendimento médio em salários mínimos bastante elevados, em especial, quando comparados à média porto-alegrense que ficava abaixo de dez salários mínimos no ano 2000.

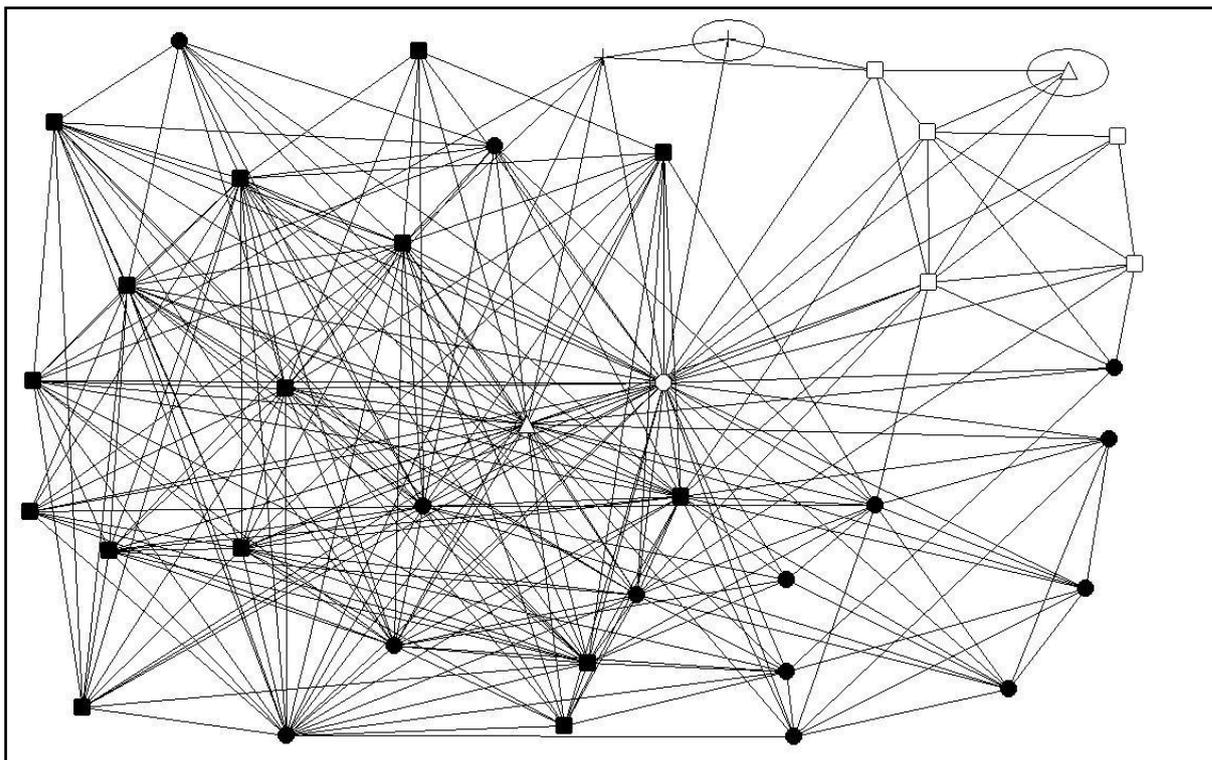
Faixas de rendimento médio em salários mínimos dos responsáveis por domicílio – ano 2000*	Número de <i>alters</i> que residem nos bairros que apresentam média de rendimento dos responsáveis por domicílio dentro das faixas de renda estabelecidas**
24 salários mínimos ou mais	5
entre 15 e 23 salários mínimos	18
entre 10 e 14 salários mínimos	11
até 9 salários mínimos	1
não sabe	3
Total	38

Tabela 16. Perfil sócio-geográfico da rede egoncentrada_007.

* Fonte: Fonte: IBGE - Censo Demográfico – 2000.

** Fonte: elaboração do autor a partir do gerador de nomes.

O Sociograma 9, abaixo, retrata a rede relacional de *ego_007*, certamente um dos integrantes da AM_2 com presença mais ativa e mais significativa no associativismo porto-alegrense. A dinâmica relacional da sua rede social é conformada, fundamentalmente, por cinco grupos de conexões.



Sociograma 9. Rede egocentrada_007

Fonte: elaboração do autor a partir do gerador de nomes.

Em primeiro lugar, há os dois filhos do entrevistado (marcados por um sinal de mais), sendo que aquele distinguido por um círculo não possui participação em AMs, movimentos ou organizações da sociedade civil. Já o outro filho, apesar de se engajar muito menos que o pai, possui envolvimento mínimo nas questões da Rua Gonçalo de Carvalho e da orla do Guaíba.

Os quadrados brancos mostram as conexões de *ego_007* engajadas na AM_2 e/ou no movimento da Rua Gonçalo de Carvalho. Esses indivíduos estão fortemente conectados entre si (o que indica a alta proximidade relacional entre eles) e mantêm alguns laços com outros grupos de vínculos de *ego_007*.

Há dois indivíduos considerados conhecidos pelo entrevistado. Eles estão assinalados por triângulos brancos, sendo que aquele diferenciado por um círculo não tem participação em AMs, movimentos ou organizações da sociedade civil.

Por fim, há dois grupos de conexões fortemente conectados entre si, indicando, assim, uma expressiva proximidade relacional entre eles. Um deles, assinalados por quadrados pretos no Sociograma 9, corresponde aos indivíduos engajados em movimentos e organizações da sociedade civil, mas que não participam, segundo as informações de *ego_007*, de AMs. Esses movimentos e organizações são o Movimento em Defesa da Orla do Guaíba, o Fórum Municipal de Entidades, o Comitê em Defesa da Orla do Guaíba, o Movimento Viva

Gasômetro, o Movimento Morro É Nosso, a AGAPAN, o Movimento Abrace o Guaíba, o CMDUA, o Movimento Cristal Florido⁴⁶, o Movimento Chico Lisboa, a Associação de Comerciantes da Azenha, o Movimento Porto Alegre Vive e as Regiões de Planejamento 1, 6 e 7.

Já os *nós* marcados por pontos pretos correspondem a indivíduos que são colegas de *ego_007* nos movimentos e organizações acima mencionados, mas que também estão envolvidos nas AMs ou chamados nos “Movimentos Vive” dos seus respectivos bairros ou ruas de residência. Essas AMs são as que seguem: a AMC, a AMBI, a AMABI, a AMA, a ACMCB, o Reviver Independência, o Moinhos Vive, o Petrópolis Vive e os Amigos da Rua Gonçalo de Carvalho.

A partir dos dados explorados sobre o cotidiano relacional de *ego_007*, percebe-se a conformação de um padrão homofílico na sua rede relacional. De um lado, os *nós* que ele identifica como sendo suas relações significativas compartilham entre si atributos sociais similares, indicando, desse modo, alta proximidade posicional. E, de outro, grande parte de seus vínculos apresenta um elevado nível de conexão, o que indica, por sua vez, alta proximidade relacional – sobretudo entre os nós indicados por círculos e quadrados pretos.

No entanto, o padrão relacional homofílico da rede egocentrada_007 – observado através do gerador de nomes – não significa que o indivíduo pesquisado não estabeleça relações ou ações com atores e grupos situados em posições distintas e desiguais na hierarquia do espaço social. Isso porque, precisamente por ser um agente social engajado em diversas mobilizações associativas, é provável que ele mantenha conexões com atores e grupos posicionados em classes desiguais e distintas no espaço social.

Mais especificamente, segundo *ego_007*, durante o processo de mobilização contra a construção do Pontal do Estaleiro, bem como com a constituição do Comitê Popular da Copa do Mundo, ele estabeleceu contatos com AMs situadas em bairros e vilas bastante pobres (e até mesmo marcadas pela violência, segundo sua avaliação) da cidade de Porto Alegre. Assim, ele mencionou como exemplos destes locais pobres com os quais estabeleceu algum tipo de vinculação o bairro Partenon e as vilas Gaúcha e Tronco localizadas nos bairros Santa Tereza e Cruzeiro, respectivamente. Ou, conforme suas palavras ao ser questionado sobre as AMs com as quais mantém ou manteve contato em Porto Alegre:

⁴⁶ “Entidade sem fins lucrativos formada por profissionais de diversas áreas (artistas plásticos, professores, sociólogos, psicólogos, arquitetos,) cuja atuação voluntária em arte, pesquisa e participação na questão, objetiva a busca da inclusão na comunidade em geral de crianças, adolescentes e adultos em situação de vulnerabilidade social e pessoal”. Disponível em: <<http://ong.portoweb.com.br/cristalflorido/>>. Acesso em: 23 de abril de 2012.

no tempo do Não ao Pontal, eu tive contato com muita gente de lá do Partenon, associações de moradores e movimento locais bem pobres, muito pobres: locais até perigosos de ir. Tem muita associação, muito movimento. [...] Eu me meti em muitas, ali também onde tem (...), aqui no Morro Santa Tereza tem uma quantidade de vilas por aqui: a gente não é acostumado a ir. A Vila Gaúcha lá do Morro Santa Tereza, eles querem regularizar o terreninho, que eles estavam com medo de ser posto fora se vendessem lá a FASE. Então o pessoal atua, o que eles não têm, é força, a classe média consegue uma repercussão maior. Eles só tem repercussão se eles fazem uma mobilização para a avenida. É muito mais fácil eu pedir uma audiência com o vice-prefeito, com um secretário, do que eles. E às vezes eles pedem isso também: “você não pode ir junto? Porque o senhor eles vão receber”. Não que eu seja importante. Eu represento uma coisa que tem uma visibilidade, tu entende? Aí os caras podem entrar com a discussão deles. Às vezes tu tem que fazer isso. Ou pelo menos mandar um e-mail apoiando: “apoiamos o posicionamento do pessoal da Vila Tronco”.

Pode-se inferir, desse modo, que há uma relativa desconexão entre a rede relacional construída através do gerador de nomes e o engajamento associativo mais amplo de *ego_007*. Isso porque os contatos com indivíduos localizados em posição inferior no espaço social, que ele estabeleceu durante a mobilização contra o Pontal do Estaleiro e na criação do Comitê Popular da Copa do Mundo, não foram identificados como sendo suas relações sociais significativas. No limite, é possível arguir que tais contatos simplesmente não foram percebidos por *ego_007* como fazendo parte do seu cotidiano relacional. Argumenta-se, então, que essa invisibilidade se constitui em um elemento fundamental para obstaculizar a possibilidade de se estabelecerem laços sociais mais próximos e constantes entre o entrevistado e os seus contatos localizados inferiormente na hierarquia social. Tal fato contribui sobremaneira para a reprodução da homofilia da sua trama relacional e, por conseguinte, da AM da qual ele participa.

6.2.4 Caso 8

A rede egocentrada_008 é conformada por 100 *alters*, sendo 46 homens e 44 mulheres, constituindo a maior trama relacional construída nesta pesquisa. No que concerne à escolaridade, 49 *alters* possuem ensino superior completo, 37 concluíram o ensino médio e nove têm apenas o ensino fundamental concluído⁴⁷. Ou seja, aproximadamente 50% dos indivíduos possuem nível educacional elevado, enquanto que menos de 10% possui nível de escolaridade baixo. Desse modo, a partir das características educacionais dos *nós* que configuram a trama relacional centralizada em torno deste entrevistado, pode-se inferir a presença do princípio de homofilia em dois sentidos: 1) em primeiro lugar, a maioria dos

⁴⁷ *Ego_008* não soube informar a escolaridade de cinco *alters*.

alters possui nível educacional semelhante entre si; 2) e, em segundo lugar, grande parte deles tem escolaridade similar a de *ego_008*.

Já, através das informações contidas na Tabela 17, a seguir, é possível investigar a inserção profissional dos *alters* que conformam a trama relacional constituída em torno de *ego_008* e, igualmente, inferir a expressiva presença de relações sociais homofílicas. Isso porque a rede egocentrada_008 é constituída, especialmente, por funcionários públicos (seis), comerciantes (dez), bancários (onze), professores (dezesseis) e profissionais liberais (23), sobretudo advogados, médicos, contadores e corretores. Vale ressaltar, a presença de sete *alters* que exercem trabalhos manuais sem qualificação, o que é explicado pelo fato de *ego_008* ter sido por um longo período síndico – função com a qual ainda está, parcialmente, envolvido.

Inserção Profissional Geral	N	Inserção Profissional Específica	N
Professor	16	Professor	16
Comerciante	10	Comerciante	9
		Proprietário de Academia de Musculação e Ginástica	1
Bancário	11	Bancário	11
Profissional do Poder Judiciário	2	Desembargador	1
		Promotor Público	1
Profissional Liberal	23	Advogado	6
		Médico	4
		Contador	3
		Corretor de Seguros	3
		Administrador	1
		Arquiteto	1
		Jornalista	1
		Economista	1
		Artista Plástico	1
		Engenheiro	1
Enfermeira	1		

Funcionário Público	6	Funcionário Público	6
Profissional Político-Administrativo	4	Secretário Municipal	1
		Assessor Político	1
		Cargo em Comissão	2
Militar	3	Tenente Brigada Militar	1
		Policia Militar	1
		Militar Reformado	1
Trabalhador Manual Sem Qualificação	7	Porteiro	3
		Empregada Doméstica	2
		Encanador/Hidráulico	1
		Colocar de Azulejo	1
Do Lar	12	Dona de Casa	12
Aposentado*	1	-	-
Outros	3	-	-
Não Sabe	2	-	-
Total	100	Total	94

Tabela 17. Perfil profissional dos *alters* da rede egocentrada_008.

Fonte: elaboração do autor a partir do *name interpreters*.

* *Ego_008* informou que treze *alters* estavam aposentados, sendo que alguns deles ainda trabalhavam. Assim, optou-se por contar os aposentados com trabalho na sua respectiva profissão, restando somente um *alter* aposentado sem profissão informada no momento da entrevista.

Outra forma de caracterizar o padrão homofílico encontrado na rede egocentrada_008 é explorar as informações sociodemográficas dos *alters*. Ou seja, ao investigar as características econômicas dos bairros onde residem as conexões de *ego_008*, pode-se reforçar a análise de *quem são e que posição ocupam* esses *alters* na hierarquia do espaço social. A Tabela 18, a seguir, informa quantos *alters* de *ego_008* residem em bairros que apresentam rendimento médio dos responsáveis por domicílio dentro das quatro faixas de renda estabelecidas.

Faixas de rendimento médio em salários mínimos dos responsáveis por domicílio – ano 2000*	Número de <i>alters</i> que residem nos bairros que apresentam média de rendimento dos responsáveis por domicílio dentro das faixas de renda estabelecidas**
24 salários mínimos ou mais	11
entre 15 e 23 salários mínimos	53
entre 10 e 14 salários mínimos	10
até 9 salários mínimos	10
não sabe	1
outra cidade	12
apenas endereço profissional	3
Total	100

Tabela 18. Perfil sócio-geográfico da rede egocentrada_008.

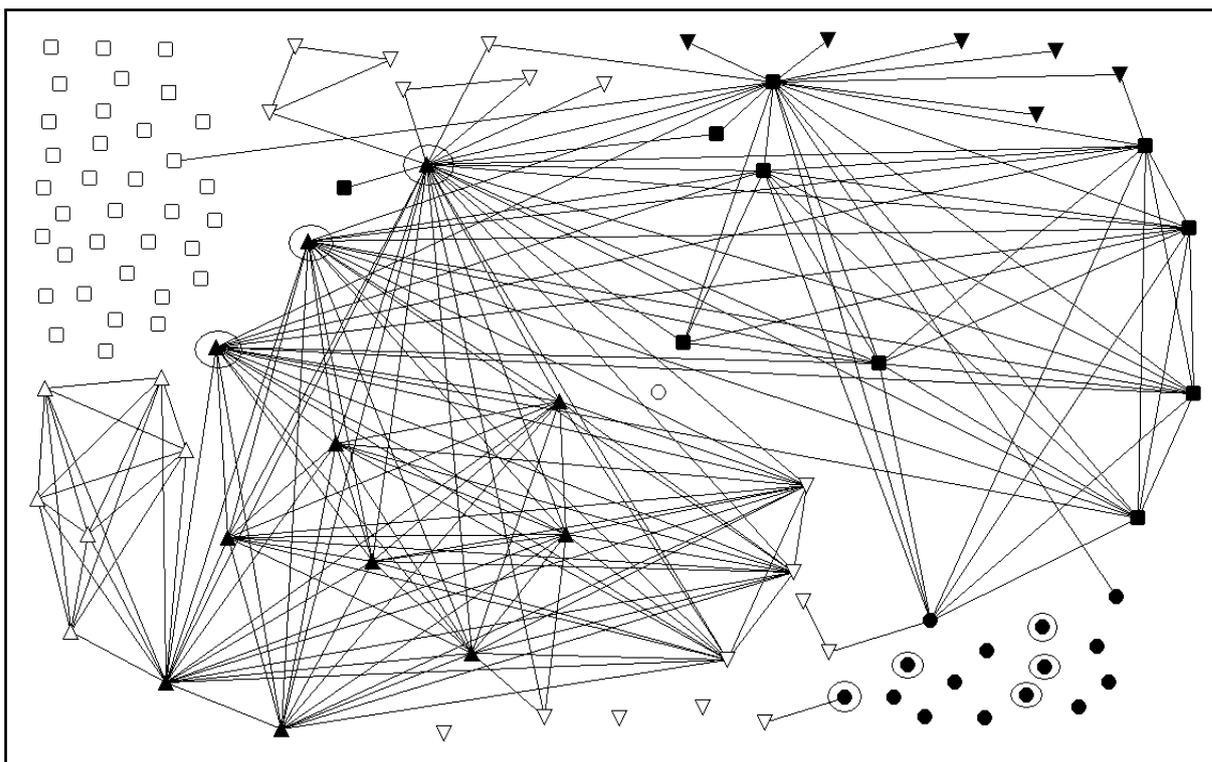
* Fonte: Fonte: IBGE - Censo Demográfico – 2000.

** Fonte: elaboração do autor a partir do gerador de nomes.

A partir das informações disponibilizadas pelo entrevistado sobre suas conexões, é possível aferir que 64 *alters* vivem em bairros onde o rendimento médio dos responsáveis por domicílio é de quinze salários mínimos ou mais. Enquanto que apenas dez *nós* vivem em bairros onde o rendimento médio dos responsáveis por domicílio não supera dez salários mínimos. Dessa maneira, infere-se, por aproximação de informações, que grande parte dos contatos de *ego_008* reside em bairros que apresentam índices bastante elevados de renda média dos responsáveis por domicílio, especialmente, ao se comparar com a média da cidade que era inferior a dez salários mínimos no ano 2000.

O Sociograma 10, abaixo, retrata a rede relacional centralizada em *ego_008*, um dos indivíduos mais envolvidos nas ações e atividades da AM_2 durante o período da pesquisa de campo⁴⁸. A sua trama relacional é constituída, em parte, por cinco grupos bem definidos, uma vez que, praticamente, todos os *nós* que configuram cada um destes conjuntos mantêm laços entre si. Além disso, há *alters* que possuem poucas conexões com os demais *nós*, não constituindo, desse modo, um ou mais conjuntos de conexões.

⁴⁸ Para uma melhor visualização da dinâmica relacional que conforma a rede egocentrada_008 foram excluídos alguns laços sociais: 1) entre *ego* e todos os seus *alters*; 2) entre os indivíduos envolvidos no Lions Clube; 3) e entre os indivíduos que residem ou trabalham no prédio onde vive o entrevistado. O que explica o ocultamento das relações nos dois últimos casos é o fato de que todos os indivíduos destes grupos mantêm relações dentro do grupo, constituindo, desse modo, dois grandes *cliques* de vínculos. As demais relações foram mantidas e podem ser visualizadas no Sociograma 10.



Sociograma 10. Rede egocentrada_008

Fonte: elaboração do autor a partir do gerador de nomes.

Pode-se observar, primeiramente, um *clique* de relações constituído por um grupo de amigos, os quais estão assinalados por triângulos brancos. Segundo *ego_008*, esses *alters* dizem respeito a suas amizades pessoais que não se relacionam com os demais indivíduos da sua rede de vínculos, com exceção de um dos *nós* que é seu irmão (o qual está sinalizado pelo triângulo preto que tem ligações com todos os triângulos brancos).

Um segundo grupo é conformado pelos seus familiares – os quais estão marcados por triângulos pretos. Esses indivíduos estão fortemente conectados entre si e mantêm, em geral, significativas relações com os demais *nós* que conformam a trama relacional de *ego_008*. É importante ressaltar, nesse sentido, que três familiares – os quais estão distinguidos por um círculo – são os que mais se conectam externamente ao contexto familiar, visto que são os únicos a possuírem ligações com os indivíduos envolvidos no Lions Clube (quadrados brancos) e na AM_2 (quadrados pretos).

Outro importante conjunto de laços estabelecidos por *ego_008* no seu cotidiano relacional é constituído, notadamente, pelos membros da diretoria da AM_2, bem como por alguns indivíduos associados à entidade, mas que não mantêm conexões diretas com o grupo diretivo. Esses vínculos estão assinalados por um quadrado preto. É importante observar que, em geral, *ego_008* e o presidente da AM_2 (isto é, *ego_005*, o qual foi investigado precedentemente e está distinguido por um círculo) estabelecem maior número de vínculos

com agentes situados em posições de autoridade, em especial, vinculados à PMPA. Esses *nós* em posição de autoridade estão marcados por um triângulo preto invertido no Sociograma 10.

O maior grupo de conexões é conformado pelos integrantes do Lions Clube. Eles estão marcados por um quadrado branco e configuram um agrupamento de laços, significativamente, separado dos demais, conforme é possível visualizar no Sociograma 10. O próprio entrevistado enfatizou o isolamento relacional dos agentes ligados ao Lions Clube dentro da sua trama relacional, visto que, segundo sua compreensão, “o pessoal do Lions é estanque” em relação aos demais indivíduos identificados através do gerador de nomes. É importante notar, também, que esses *nós* estão fortemente conectados entre si, uma vez que todos eles estabelecem laços uns com ou outros, constituindo, assim, um verdadeiro *clique*.

Não obstante este expressivo isolamento relacional que caracteriza os indivíduos envolvidos no Lions Clube, quatro deles mantêm relações externas ao grupo. Há dois *nós* (assinalados por triângulos pretos circulares) que correspondem ao cunhado e à cunhada de *ego_008*. Eles estabelecem laços com os demais familiares, com os indivíduos da diretoria da AM_2 e com alguns *nós* identificados como conhecidos ou amigos pelo entrevistado. Existe, ademais, uma agente social pertencente ao Lions Clube que se relaciona com um dos integrantes da diretoria da AM_2, uma vez que está associada à entidade. E, por fim, há o *nó* que corresponde a sua esposa, a qual estabelece laços com uma grande quantidade de *alters*.

O quinto grupo de conexões é conformado pelos indivíduos que vivem ou trabalham no prédio onde reside *ego_008*. Essas relações estão apontadas por pontos pretos no Sociograma 10. Aqueles *nós* marcados por pontos pretos circulares se referem aos indivíduos que exercem as funções de portaria e limpeza do prédio. Os demais, apenas assinalados por pontos pretos, são os moradores do prédio, sendo que dois deles possuem conexões externas ao grupo. No caso, essas relações são constituídas com membros da AM_2.

Resta analisar os *alters* que se encontram, relativamente, dispersos pela trama relacional centralizada em torno de *ego_008*. Esses indivíduos estão apontados no Sociograma 10, acima, através de triângulos brancos invertidos. Em geral, eles formam pequenos *cliques* que se conectam com *alters* vinculados aos grupos analisados precedentemente, sobretudo ao grupo de vínculos familiares ou àquele constituído pelos integrantes da AM_2. Há também alguns desses *nós* vinculados somente com *ego_008*.

Pode-se, a partir da investigação dos padrões e das dinâmicas configuracionais identificadas na rede egocentrada_008, inferir que a invisibilização se configura, em parte, no cotidiano relacional na medida em que *ego_008*, apesar de ter construído – através do gerador de nomes – uma extensa e complexa gama de laços sociais, não identificou seus contatos

vinculados a sua atuação de assistência junto a uma creche popular localizada no Morro da Cruz. O entrevistado e sua esposa, por meio do envolvimento no Lions Clube, visitaram, em várias oportunidades, a referida creche. Dessa maneira, pode-se arguir que o contato com os desiguais via ação assistencial promovida pelo Lions Clube não produz relações sociais mais significativas (ou seja, mais próximas e constantes) na trama relacional cotidiana de *ego_008*. Tais contatos permanecem ausentes, ficando, no limite, ocultos e/ou invisíveis na rede de relações reconstruída por meio do gerador de nomes. As relações visíveis, neste caso, são aquelas mantidas com os integrantes do Lions Clube – indivíduos estes que compartilham posição social semelhante àquela ocupada por *ego_008*.

6.3 Síntese dos resultados construídos a partir da Análise de Redes Sociais

De um modo geral, pode-se argumentar que a homofilia é a tendência dominante nas oito tramas relacionais investigadas. As informações de escolaridade e inserção profissional/ocupacional dos *alters* (fornecidas pelos entrevistados através do *name interpreters*) permitem sustentar em todos os casos explorados que a grande maioria dos *nós* compartilha entre si e com *ego* atributos socioeconômicos bastante semelhantes. Tal configuração reticular homofílica é, igualmente, verificada empiricamente por meio dos dados sobre bairro de residência de *alters* conjuntamente com a informação sobre renda média dos responsáveis por domicílio agregada por bairro. Isso porque, em geral, os contatos identificados através do gerador de nomes vivem em bairros que apresentam indicadores de renda bastante elevados e semelhantes ao bairro de residência dos *egos* entrevistados.

Além disso, a partir da exploração dessas oito redes egocentradas, é possível sustentar empiricamente a presença e a importância do mecanismo de invisibilização na (re)produção das distâncias sociais (e, desse modo, da homofilia) no mundo associativo. Por um lado, a invisibilização se expressa na tendência de que indivíduos em posições subalternizadas estejam ausentes das relações que conformam o cotidiano dos indivíduos pesquisados. Essa ausência diminui (e, no limite, impede) a possibilidade de que sejam estabelecidas relações significativas e duradouras entre os desiguais.

Por outro lado, mesmo quando a tendência apontada é rompida e os agentes sociais pesquisados interagem com indivíduos e grupos em posições sociais inferiorizadas, observa-se que tal interação tende a não produzir vínculos mais próximos e constantes. Em alguns exemplos analisados (em especial, os casos empíricos de *ego_001*, *ego_005*, *ego_007* e *ego_008*), esses indivíduos e grupos situados em posições inferiores no espaço social se

colocam mais como parte do contexto associativo/participativo no qual estão envolvidos e menos como sujeitos com os quais os entrevistados estabelecem relações que eles identificam como significativas.

Em outros casos (sobretudo nos exemplos tomados de *ego_004* e *ego_006*), aqueles indivíduos localizados em posições sociais inferiorizadas “acessam” as tramas reticulares dos *egos* entrevistados pela sua participação subalterna na esfera profissional dos mesmos. Os desiguais “aparecem” nas redes egocentradas estudadas, mas marcados por uma relação profissional hierárquica com os pesquisados. Estas relações conformadas hierarquicamente no cotidiano dos *egos* “surtem” também quando *alters* prestadores de serviços (especialmente, como empregadas domésticas, faxineiras, zeladores etc.) “ingressam” nas redes dos atores sociais entrevistados. Esse é o caso, por exemplo, das redes de *ego_003*, *ego_006* e *ego_008*. Por fim, no exemplo empírico explorado a partir de *ego_002* a presença de um padrão relacional homofílico é tão expressiva que os diferentes e desiguais simplesmente não “aparecem” entre aqueles contatos identificados através do gerador de nomes.

CAPÍTULO 7

IDENTIFICANDO O MECANISMO DE INVISIBILIZAÇÃO NO ASSOCIATIVISMO URBANO ATRAVÉS DOS DESLOCAMENTOS DOS INDIVÍDUOS PESQUISADOS

Neste capítulo são explorados e analisados os principais deslocamentos urbanos realizados pelos agentes sociais entrevistados. Visa-se investigar *de onde partem, por aonde vão* e, sobretudo, *para onde vão*, sendo que o objetivo fundamental é identificar a presença e a operação da segunda dimensão do mecanismo de invisibilização.

Para tanto, conforme discutido de forma detalhada ao final dos Capítulos 2 e 3, busca-se, em primeiro lugar, identificar *quais são* os espaços que os entrevistados mais frequentam em suas vidas cotidianas. O intuito é aferir que espaços são esses, visto que há uma forte tendência de que sejam *espaços classificados* que produzam, por sua vez, *encontros e cruzamentos*, igualmente, *classificados*, conforme enfatiza Bottero (2005).

Em segundo lugar, procura-se acessar as imagens construídas pelos *egos* entrevistados *nesses* e *desses* deslocamentos, buscando, em especial, o *não percebido*, o *não visto*. Isso porque essa imagem construída por eles tenderia a omitir e, no limite, a ocultar indivíduos e grupos situados subalternamente na hierarquia do espaço social.

Ao final deste sétimo capítulo, após a análise dos oito exemplos empíricos construídos, encontra-se uma síntese dos resultados obtidos sobre a presença e a operação do mecanismo de invisibilização nos deslocamentos e destinos dos *egos* investigados.

7.1 Os exemplos empíricos investigados a partir da Associação de Moradores 1 (AM_1)

A partir da AM_1 são investigados, a seguir, quatro exemplos empíricos, os quais são apresentados um a um nas próximas quatro subseções.

7.1.1 Exemplo empírico 1

Na Figura 1, abaixo, visualiza-se o mapa de Porto Alegre com os seis trajetos mais frequentes de *ego_001*. Esses percursos (apontados por linhas amarelas) têm como ponto de partida a sua residência (marcada por um triângulo vermelho). Em geral, pode-se inferir que ele costuma deslocar-se, sobretudo, para o centro e para a zona sul da cidade.

Vale ressaltar, ainda, que *ego_001* não costuma utilizar automóvel nos seus trajetos. Os percursos pelo bairro são realizados a pé. Já os deslocamentos pela cidade são feitos, em geral, de ônibus e, eventualmente, de automóvel.

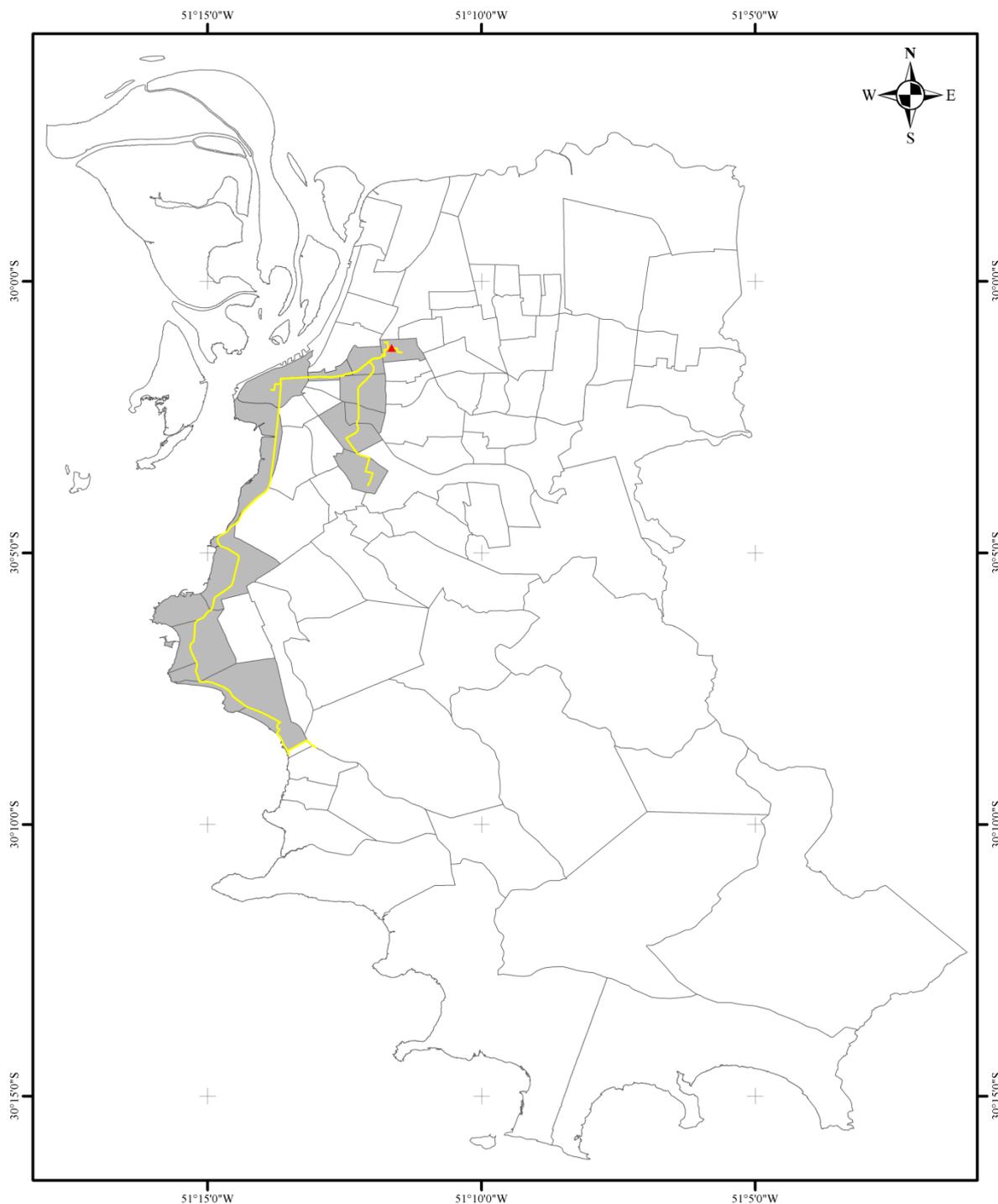
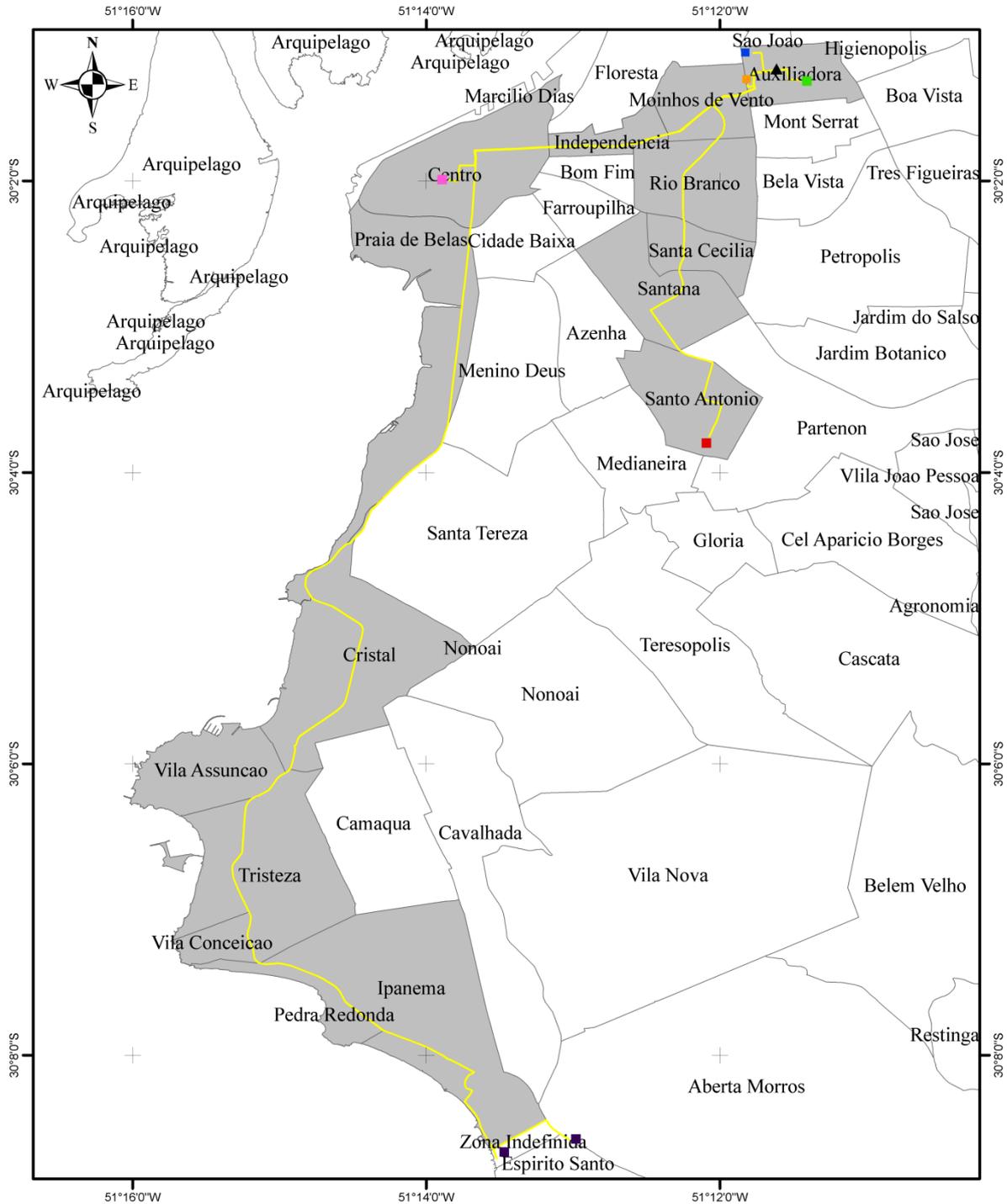


Figura 1. Mapa dos deslocamentos urbanos de ego_001 - escala da cidade.		Escala: 	Elaboração: Pontifícia Universidade Católica do RS. Laboratório de Tratamento de Imagens e Geoprocessamento.
Legenda ▲ Ponto de partida □ Limite de bairros — Deslocamentos		Fontes: - Base cartográfica: Hasenack et al. (2008). - Trajetos: entrevistas realizadas pelo autor.	

A Figura 2, a seguir, mostra, em escala ampliada, os trajetos realizados por *ego_001*: três percursos dentro do bairro de residência e outros três no âmbito mais geral da cidade.



<p align="center">Figura 2. Mapa dos deslocamentos urbanos de ego_001 - escala ampliada</p>	<p>Escala:</p> <p>0 0,375 0,75 1,5 2,25 3 km</p>	<p>Elaboração: Pontifícia Universidade Católica do RS. Laboratório de Tratamento de Imagens e Geoprocessamento.</p>
<p>Legenda</p> <p>▲ Ponto de partida — Deslocamentos</p> <p>■ Destinos □ Limite de bairros</p>	<p>Fontes:</p> <p>- Base Cartográfica: Hasenack et al. (2008). - Trajetos: entrevistas realizadas pelo autor.</p>	

O primeiro trajeto tem como destino – marcado em verde – uma pequena praça (cercada por grades) localizada ao lado da paróquia do bairro. Este descolamento é realizado com o objetivo de levar a filha mais nova brincar. O ponto de chegada (assinalado em azul) do segundo trajeto é a Escola Estadual Daltro Filho, onde estuda uma de suas filhas. O terceiro deslocamento pelo bairro é realizado para ir ao supermercado, o qual está apontado por um quadrado laranja.

No que concerne aos principais deslocamentos pela cidade, os três destinos explorados são bem distintos. O primeiro deles é feito em direção à região central de Porto Alegre, passando pela Praça da Matriz, até a Assembleia Legislativa, onde *ego_001* participa das reuniões do Fórum Municipal de Entidades (o qual se organizou em torno da revisão do PDDUA). Esse deslocamento tem seu destino marcado por um quadrado cor-de-rosa na Figura 2, localizada na página precedente.

Ainda com relação a este primeiro trajeto na escala da cidade, é importante ressaltar as considerações feitas pelo entrevistado sobre o Fórum Municipal de Entidades. Entre as AMs que participam deste espaço, ele mencionou a AMC, a AMABI, a AMBI, a Associação do Bairro Tristeza, a Moinhos Vive, e, nas suas palavras, as “associações que são movimentos ligados ao pessoal do OP: Orçamento Participativo”⁴⁹. Sobre a atuação destes últimos, informou que são representantes individuais: membros e conselheiros do OP. Eles participam, segundo *ego_001*, porque as discussões do Plano Diretor implicam diretamente no contexto de toda a cidade.

O segundo trajeto tem como objetivo buscar as filhas do primeiro casamento, tendo como destino (marcado em vermelho) a residência da sua ex-esposa no bairro Santo Antônio. Segundo o entrevistado, percebem-se significativas mudanças durante o percurso. Assim, os bairros Rio Branco e Santa Cecília apresentam características sociais, demográficas e morfológicas bastante distintas em relação aos bairros Santana e Santo Antônio, os quais se localizam depois da Avenida Ipiranga.

Neste ponto do percurso, *ego_001* estabelece uma clara fronteira entre os dois conjuntos de bairros. Essa fronteira se fundamentaria no poder aquisitivo, no tipo de residência e na forma de relação dos moradores com as ruas, pois, na sua visão, não há encontros de sociabilidade, não há parques como, por exemplo, o Parque Moinhos de Vento (localizado nos arredores do bairro de residência deste entrevistado). Contudo, o bairro Santo

⁴⁹ É interessante observar que todas as AMs identificadas individualmente pelo entrevistado são AMs de bairros que apresentavam no ano 2000 IDH bastante elevado (todos acima de 0,940), enquanto “as associações [...] do OP”, referidas pelo entrevistado de forma indistinta, tendem a ser AMs de bairros e vilas populares da cidade.

Antônio, apesar de apresentar características distintas e indicadores mais baixos em relação aos outros bairros, possui áreas com presença expressiva de segmentos de renda elevada, sendo que a UDH que o bairro integra possuía IDH de 0,931 no ano 2000.

Por fim, o terceiro deslocamento na escala da cidade tem como destino o bairro Ipanema, na zona sul de Porto Alegre. O entrevistado realiza tal percurso por causa do seu trabalho de assessoria e gestão para entidades sem fins lucrativos. No caso em questão, essas entidades são o Clube do Professor Gaúcho e a Rádio Ipanema Comunitária, a qual é uma concessão pública dada à AMBI. Os dois referidos destinos estão apontados cada um por um quadrado de cor lilás na Figura 2, acima.

Segundo sua compreensão, há uma mudança radical de características ao longo do trajeto. A zona sul carece, para ele, de uma séria de obras de pavimentação. Nesses bairros há a predominância de áreas verdes, sendo esses locais alvos de especulação imobiliária. O que resulta numa disputa de espaços, segundo informou o entrevistado, entre grupos ambientalistas, os quais defendem a preservação das áreas de mata atlântica ali existentes, e grupos privados ligados à construção civil.

A partir dessa caracterização dos deslocamentos urbanos realizados por *ego_001*, percebe-se que os destinos (ou seja, *para onde ele vai*) tendem a ser espaços pouco diversificados socialmente, nos quais os contatos são estabelecidos com indivíduos que ocupam posição social similar a sua. Mesmo nos casos em que ocorre interação com indivíduos de bairros e vilas populares, como no Fórum Municipal de Entidades, *ego_001* menciona com muita rapidez e facilidade o nome das entidades e lideranças dos bairros de classe média ali atuantes, mas não demonstra conhecimento ou proximidade semelhante em relação aos indivíduos e entidades do “OP” (em geral de origem popular). Pode-se arguir, assim, que os membros das AMs de bairro de classe média são mais visíveis ao entrevistado do que os participantes oriundos das classes populares que atuam no referido fórum.

7.1.2 Exemplo empírico 2

Ego_002 identificou nove trajetos (apontados por linhas amarelas na Figura 3, abaixo) realizados com maior frequência: dois percursos pelo bairro de residência e outros sete na escala da cidade. Esses deslocamentos têm como ponto de origem (assinalado por um triângulo vermelho) o local de moradia de *ego_002*. Os percursos pelo bairro são feitos a pé. Já os trajetos pela cidade são realizados, em geral, de ônibus ou a pé e, eventualmente, de

automóvel. Em geral, percebe-se que *ego_002* circula pela região central da cidade e pelos bairros localizados nas proximidades da sua residência.

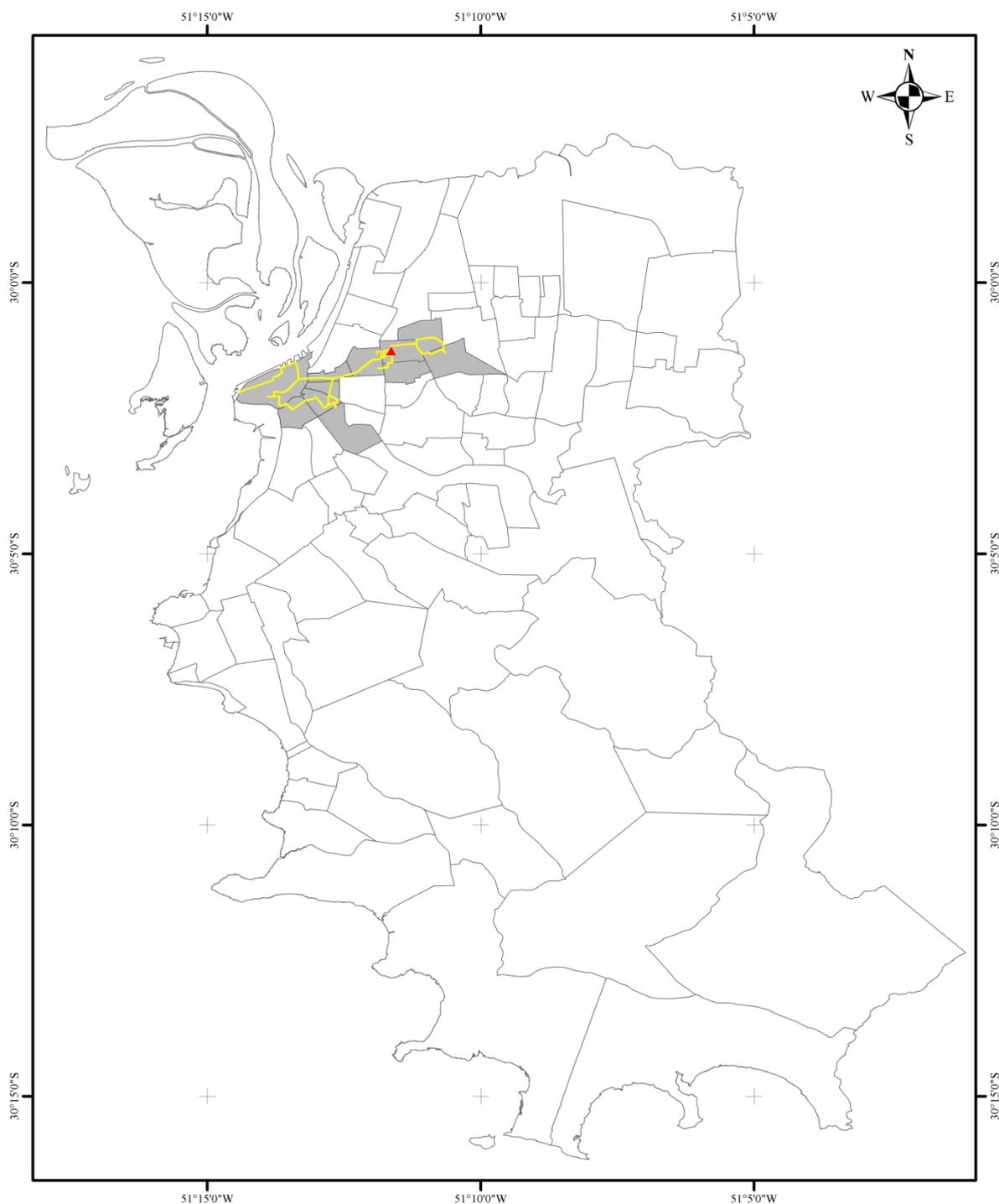
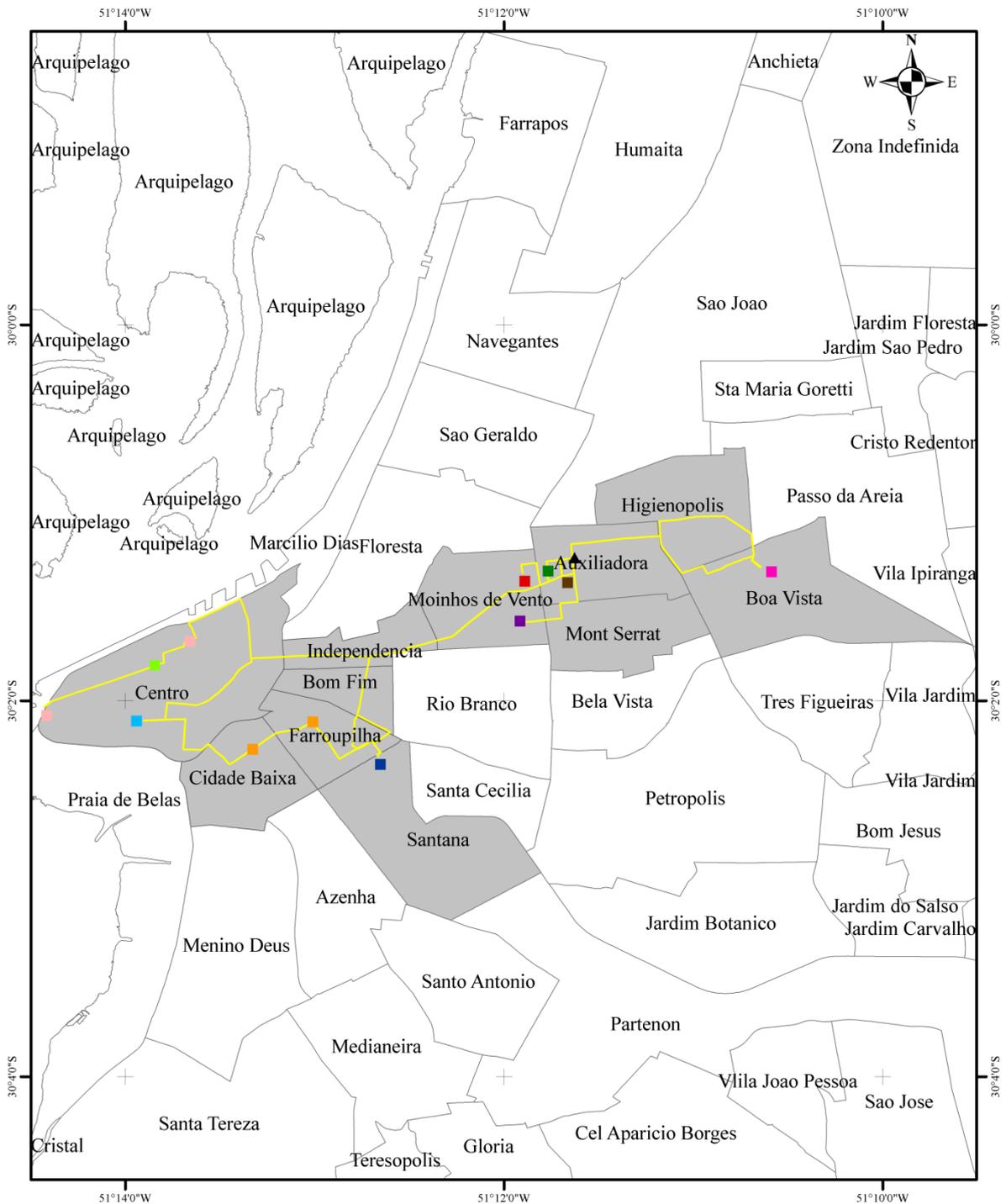


Figura 3. Mapa dos deslocamentos urbanos de ego_002 - escala da cidade.		Escala: 	Elaboração: Pontifícia Universidade Católica do RS. Laboratório de Tratamento de Imagens e Geoprocessamento.
Legenda ▲ Ponto de partida □ Limite de bairros — Deslocamentos		Fontes: - Base Cartográfica: Hasenack et al. (2008). - Trajetos: entrevistas realizadas pelo autor.	

Na Figura 4, a seguir, visualizam-se, em escala ampliada, dois deslocamentos feitos por *ego_002* dentro do seu bairro de residência e outros sete realizados no espaço da cidade.



<p align="center">Figura 4. Mapa dos deslocamentos urbanos de ego_002 - escala ampliada.</p>	<p>Escala:</p>	<p>Elaboração: Pontificia Universidade Católica do RS. Laboratório de Tratamento de Imagens e Geoprocessamento.</p>
<p>Legenda</p> <p>▲ Ponto de partida — Deslocamentos</p> <p>■ Destinos □ Limite de bairros</p>	<p>Fontes:</p> <p>- Base Cartográfica: Hasenack et al. (2008). - Trajetos: entrevistas realizadas pelo autor.</p>	

O primeiro trajeto pelo bairro de residência conduz *ego_002* até a banca de revistas (apontada por um quadrado marrom), que se encontra no mesmo endereço da locadora onde ele aluga filmes. Essa banca é de propriedade de um dos seus *alters*. O segundo itinerário dentro do bairro tem como ponto de chegada um supermercado – o qual está marcado em verde escuro na Figura 4, acima.

O primeiro deslocamento que ultrapassa os limites do bairro de residência tem como objetivo chegar ao Clube União (marcado em vermelho na Figura 4). Este foi indicado pelo entrevistado como se estivesse situado dentro do seu bairro de residência, o que se explica pelo fato do referido destino se situar nas proximidades do limite entre os bairros Auxiliadora e Moinhos de Vento.

O segundo percurso que excede as fronteiras do bairro de moradia de *ego_002* tem como destino (apontado em roxo na Figura 4) um dos maiores parques da cidade de Porto Alegre, conhecido como Parcão, o qual se localiza no bairro Moinhos de Vento. Apesar disso, grande parte do trajeto até o Parcão acontece pelas ruas do bairro onde reside o entrevistado, passando também pelo bairro Mont' Serrat.

O terceiro deslocamento pela cidade tem como destino (marcado em lilás na Figura 4) a residência dos pais, no bairro Boa Vista. Neste caso, *ego_002* opta por dois caminhos: um a pé e outro de carro. Ao descrever suas impressões, mencionou como lugares marcantes o Cemitério São João, a pista de skate do IAPI e as praças Província de Shiga e Professor Leonardo Macedônia. *Ego_002* considera que estes dois caminhos passam por bairros diferentes entre si: o Auxiliadora, mais centralizado, com inúmeras conexões viárias com outras regiões da cidade, seria caracterizado por atividades residenciais e comerciais; o Boa Vista possui “*perfil um pouco mais [...] residencial e [...] de uma classe média mais alta [...] em comparação ao Auxiliadora*”; já o Higienópolis, composto por uma região mais industrializada, constitui fronteiras com bairros mais populares e antigos, tais como: Passo da Areia, São João, IAPI e Vila dos Industriários.

O quarto trajeto no espaço mais amplo da cidade está relacionado à vida profissional de *ego_002*. Esse caminho segue pela Rua Vinte e Quatro de Outubro, entrando na Avenida Independência, chegando à Praça Dom Feliciano, no centro da cidade, sendo que daí há dois possíveis desdobramentos. Na entrevista, *ego_002* informou que costuma qualificar a região central da cidade onde se localizam os seus destinos como “*Centro Antigo*”.

O primeiro desdobramento tem como referência o Mercado Público de Porto Alegre⁵⁰. Deste ponto, *ego_002* segue até a Praça da Alfândega, onde se localizam o Museu de Artes do Rio Grande do Sul (MARGS) e o Santander Cultural, também frequentados pelo entrevistado, seguindo pela Rua dos Andradas, a qual tem como referenciais a Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ) e a Igreja das Dores, chegando, finalmente, ao destino: a Usina do Gasômetro. Na Figura 4, acima, o Mercado Público está marcado em cor-de-rosa, a Usina do Gasômetro está sinalizada em amarelo e o MARGS e o Santander Cultural estão apontados por um quadrado verde claro. Nesse deslocamento, o que chama sua atenção é a significativa presença de pessoas com características diferentes entre si, bem como o fato de aí se situarem varias instituições culturais, as quais estão ligadas ao seu trabalho como artista plástico.

O segundo desdobramento tem como destino a Casa M, marcada em azul claro na Figura 4, devido a sua participação na Bienal do MERCOSUL de 2011. *Ego_002* realiza o trajeto pela Rua Duque de Caxias, passando pelo Palácio Piratini, pela Assembleia Legislativa, pelo Palácio da Justiça e pelo Theatro São Pedro. Segundo ele, nesse caminho podem ser percebidas características de cidade do interior, bem como uma arquitetura antiga e melhor preservada se comparada com aquela dos bairros Auxiliadora, Bom Fim e Boa Vista.

O quinto deslocamento segue pela Rua Vinte e Quatro de Outubro, entra na Avenida Independência, descendo, então, pela Rua General João Telles (no bairro Bom Fim), chegando à Avenida Venâncio Aires, esquina com a Rua Santa Terezinha (no bairro Santana). Neste endereço, o entrevistado viveu a infância e se localizava a escola onde fez parte da sua formação artística. Esse destino está marcado em azul forte na Figura 4.

Para o entrevistado, o bairro Santana possui características residenciais, o que o torna diferente do Centro. Já em relação ao Bom Fim, *ego_002* considera como seu principal atributo a especificidade do perfil e do comportamento dos seus moradores, enquanto que o Centro tem como aspectos significativos a diversidade de pessoas e de comportamentos.

O sexto deslocamento pela cidade é um desdobramento (e um ponto de conexão) dos trajetos realizados pelos bairros Centro e Bom Fim. Esse percurso passa pelo bairro Cidade Baixa e pelo Parque Farroupilha, ambos apontados por um quadrado laranja na Figura 4.

No que tange à Cidade Baixa, *ego_002* comenta sobre a sua relevância para quem trabalha com atividades artístico-culturais. Considera que os caminhos deste deslocamento são bem distintos daqueles do bairro Boa Vista, uma vez que neste último é incomum observar moradores se deslocando a pé. Os bairros próximos à região central da cidade são

⁵⁰ Durante a Bienal do MERCOSUL, o Cais do Porto também foi um dos pontos de destino deste deslocamento.

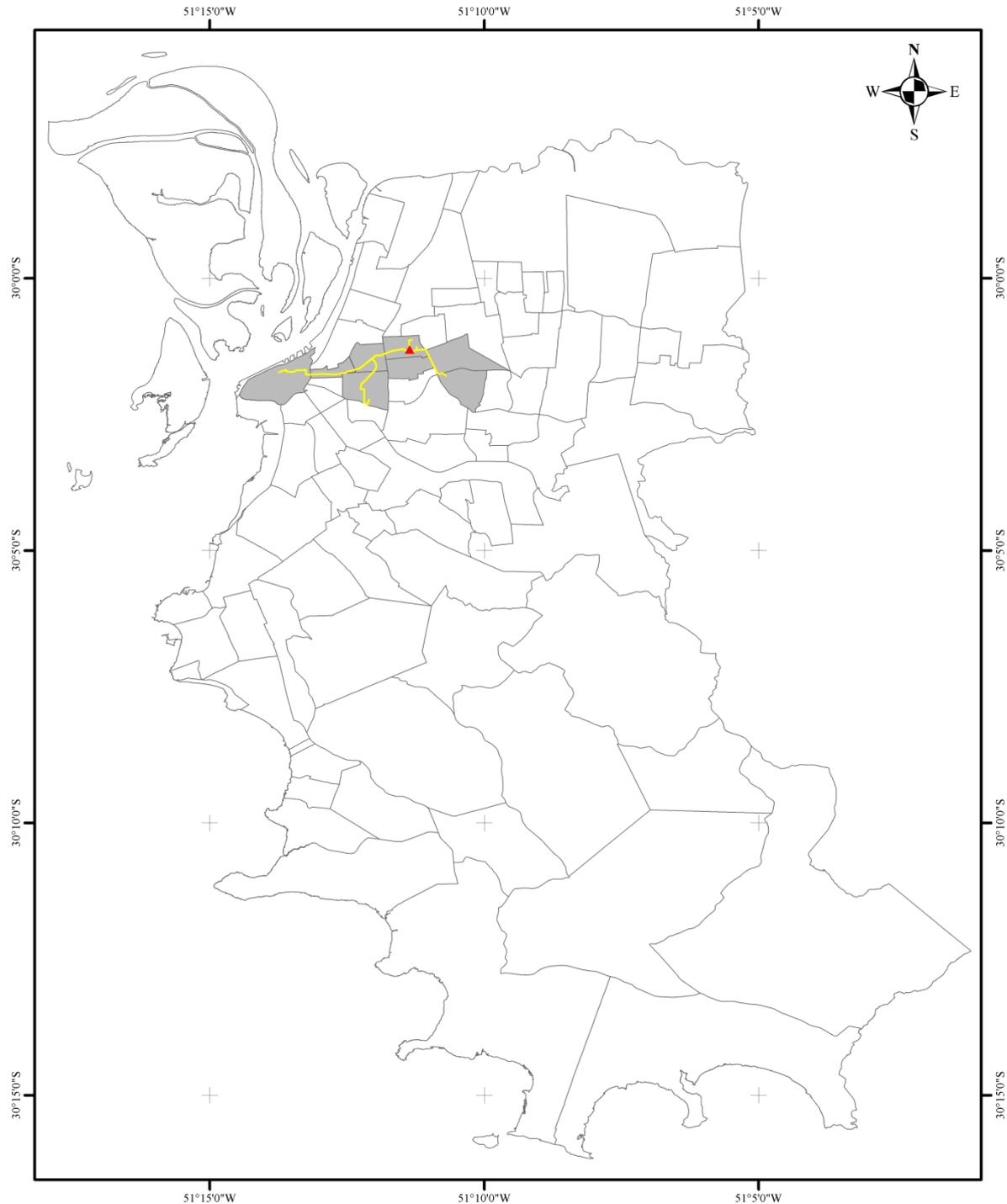
espaços, segundo *ego_002*, que permitem a prática de caminhadas, o uso do transporte coletivo e de bicicletas, o que favorece a sociabilidade e os encontros sociais casuais, gerando comportamentos e usos da cidade bem mais interessantes.

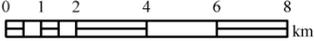
Portanto, a partir da análise *de onde parte, por aonde vai e, principalmente, para onde vai ego_002* nos seus principais deslocamentos urbanos, pode-se identificar o caráter homofílico desses espaços, uma vez que eles são pouco diversificados socialmente. Isso porque é possível inferir que os laços sociais constituídos a partir destes destinos – sobretudo: o Clube União, o Parcão, o MARGS, o Santander Cultural, a Usina do Gasômetro e a Casa M – tendem a ser, em geral, estabelecidos com indivíduos que ocupam posição social semelhante àquela ocupada por *ego_002*.

Chama atenção, ademais, que a diversidade e a heterogeneidade de pessoas encontradas nos bairros da região central de Porto Alegre e que foram várias vezes ressaltadas como positivas por *ego_002*, acabam não se constituindo em relações sociais mais próximas e constantes (ou seja, mais significativas), conforme indica o padrão homofílico da sua trama relacional construída a partir do gerador de nomes. Pode-se inferir que essa diversidade e heterogeneidade de pessoas percebidas ao longo dos trajetos são visíveis apenas na descrição (na imagem mental) dos percursos, mas permanecem invisíveis na constituição dos seus laços sociais mais significativos. Essa invisibilidade seria, então, reforçada pela segmentação social constitutiva dos espaços frequentados, cotidianamente, pelo entrevistado.

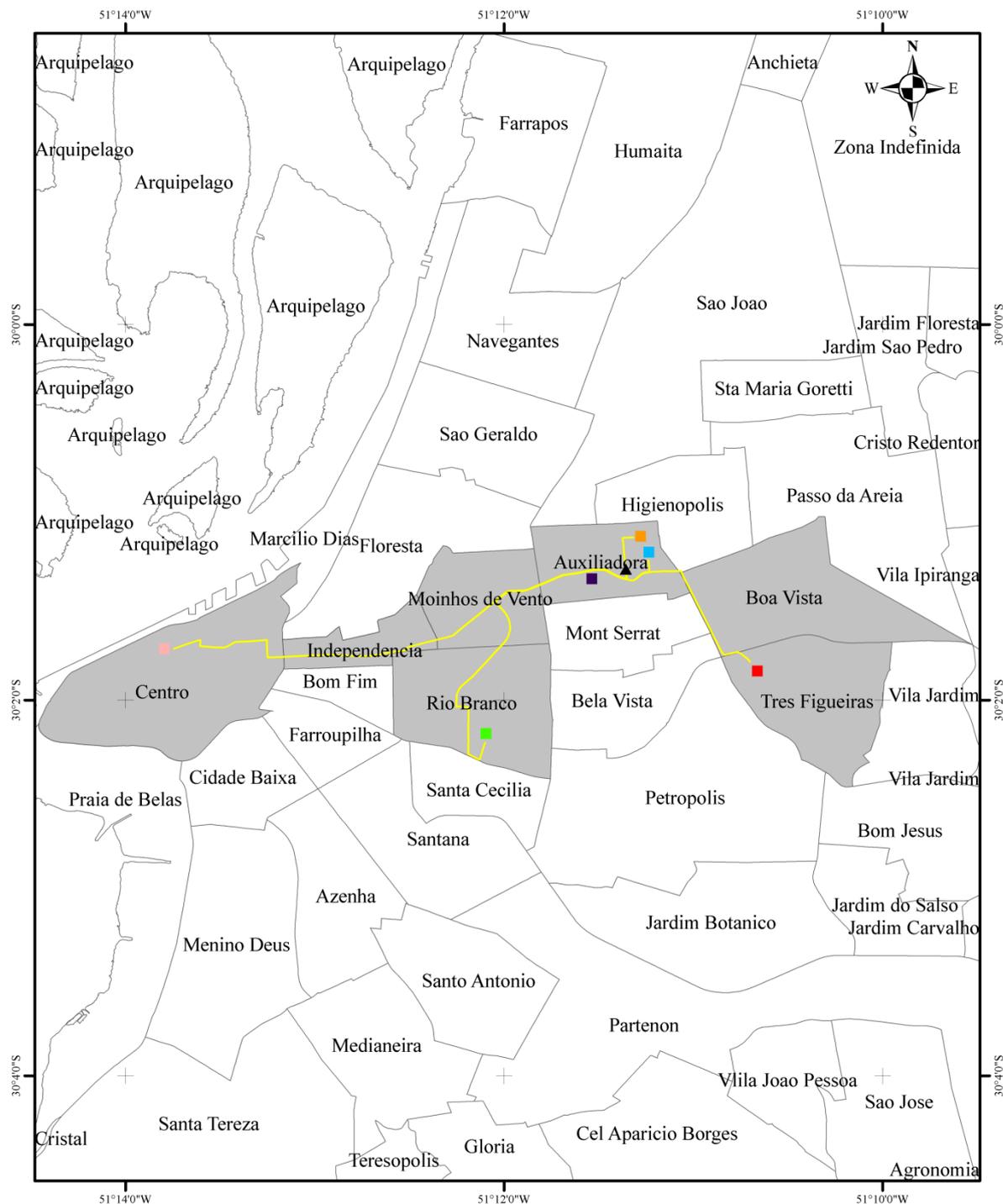
7.1.3 Exemplo empírico 3

A Figura 5, a seguir, mostra os principais deslocamentos realizados por *ego_003* no seu cotidiano. Conforme solicitado no momento da entrevista, foram indicados três destinos mais comuns dentro do bairro de residência e outros três realizados com maior frequência no espaço mais amplo da cidade. De um modo geral, segundo as informações visíveis na Figura 5, pode-se arguir que a entrevistada tende a circular pelos bairros vizinhos ao seu, bem como pela região central da cidade.



<p align="center">Figura 5. Mapa dos deslocamentos urbanos de ego_003 - escala da cidade.</p>	<p>Escala:</p> 	<p>Elaboração: Pontifícia Universidade Católica do RS. Laboratório de Tratamento de Imagens e Geoprocessamento.</p>
<p>Legenda</p> <p>▲ Ponto de partida □ Limite de bairros</p> <p>— Deslocamento</p>	<p>Fontes:</p> <p>- Base Cartográfica: Hasenack et al. (2008). - Trajetos: entrevistas realizadas pelo autor.</p>	

Na Figura 6, abaixo, podem ser observados, em escala ampliada, os deslocamentos de *ego_003* pelo bairro de residência, bem como aqueles percorridos pelo espaço da cidade.



<p align="center">Figura 6. Mapa dos deslocamentos urbanos de ego_003 - escala ampliada.</p>	<p>Escala:</p> <p>0 0,2 0,4 0,8 1,2 1,6 km</p>	<p>Elaboração:</p> <p>Pontifícia Universidade Católica do RS. Laboratório de Tratamento de Imagens e Geoprocessamento.</p>
<p>Legenda</p> <p>▲ Ponto de partida — Deslocamento ■ Destinos □ Limite de bairros</p>	<p>Fontes:</p> <p>- Base Cartográfica: Hasenack et al. (2008). - Trajetos: entrevistas realizadas pelo autor.</p>	

O primeiro deslocamento pelo bairro é feito até um restaurante – o qual está marcado em azul. O segundo percurso tem como destino (assinalado em laranja) a residência da mãe. E

o terceiro caminho é realizado até um centro de estética, marcado em roxo na Figura 6, acima. Os fatos que chamam atenção de *ego_003* nesses trajetos são: 1) a precária infraestrutura de muitas calçadas; 2) o agrupamento de mendigos e moradores de rua; 3) e a algazarra e desordem provocadas por uma boate. Já os pontos positivos estão associados à arborização e aos vizinhos.

O primeiro deslocamento pela cidade é realizado de táxi-lotação no seu início e a pé na sua parte final. Esse trajeto tem como destino o local de trabalho (marcado em cor-de-rosa na Figura 6, localizada na página precedente). *Ego_003* se desloca de sua residência até a região central da cidade, nas proximidades do Mercado Público. Ela qualificou como “horrível” tal deslocamento, sobretudo em relação ao tráfego de automóveis na Rua Vinte e Quatro de Outubro e na Avenida Independência. Já o trecho final, realizado a pé, foi considerado como mais “tranquilo”.

Um segundo percurso na escala da cidade tem como ponto final (assinalado em verde) um restaurante situado no bairro Rio Branco, mais especificamente, na Rua Dona Leonor. Esse deslocamento ocorre de automóvel e em companhia do marido.

Por fim, o terceiro trajeto pela cidade tem como destino (sinalizado em vermelho na Figura 6) a residência da irmã. Esse deslocamento é realizado a pé, pois, segundo *ego_003*, o percurso pelo bairro Boa Vista é tranquilo, apesar de existirem calçadas em péssimas condições.

A identificação e a análise dos lugares *para onde vai ego_003* nos seus principais deslocamentos revelam que os destinos são, em certa medida, semelhantes entre si. Isso porque, por exemplo, os dois restaurantes identificados estão localizados em bairros que apresentam elevados indicadores socioeconômicos e as residências dos seus familiares também estão situadas em bairros que têm índices socioeconômicos elevados. Infere-se, então, que há uma expressiva tendência de que esta agente social circule por espaços da cidade conformados por indivíduos situados em posição social semelhante a sua. E, assim, os “outros”, desiguais, estariam ausentes e, logo, invisíveis, dos espaços de sociabilidade que configuram o cotidiano relacional e de deslocamentos de *ego_003*.

7.1.4 Exemplo empírico 4

A Figura 7, a seguir, mostra os principais deslocamentos de *ego_004*. São analisados quatro trajetos feitos a pé pelo bairro ou em seus arredores e três percursos que ultrapassam, expressivamente, os limites do bairro. Percebe-se que grande parte dos destinos se localiza

muito perto da sua residência que é também local de trabalho (ambos estão marcados por um triângulo vermelho na Figura 7, abaixo).

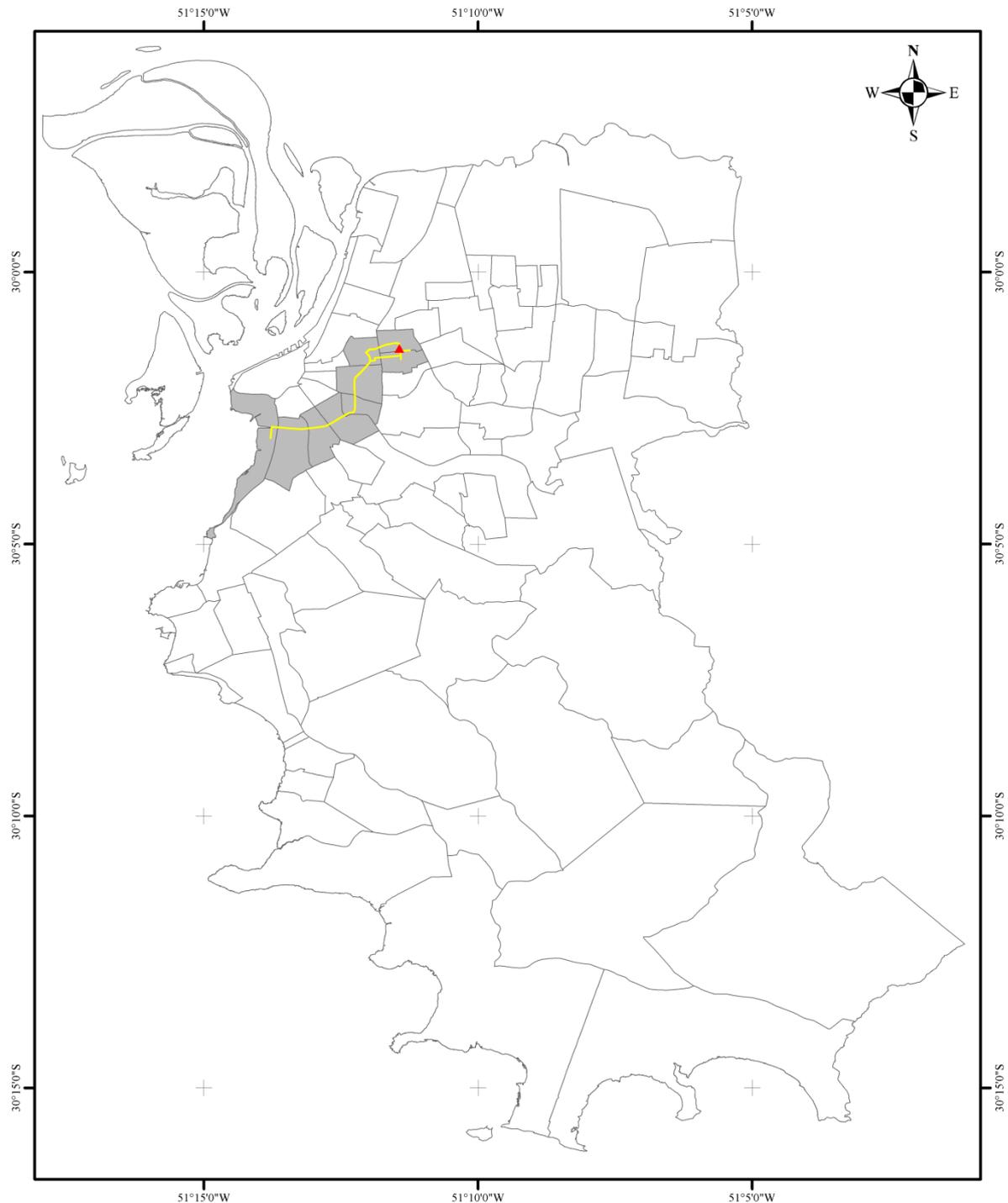
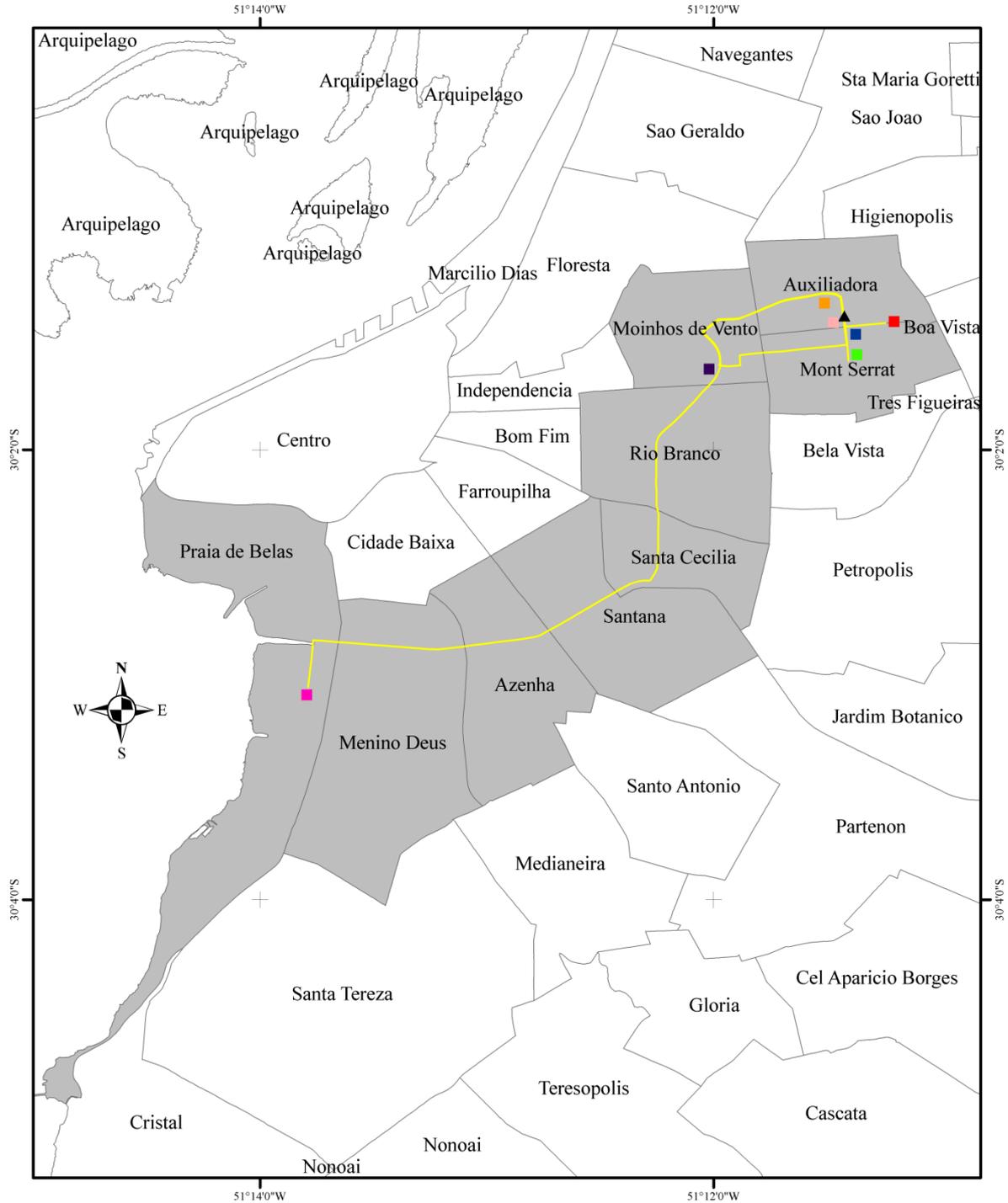


Figura 7. Mapa dos deslocamentos urbanos de ego_004 - escala da cidade.		Escala: 	Elaboração: Pontifícia Universidade Católica do RS. Laboratório de Tratamento de Imagens e Geoprocessamento.
Legenda ▲ Ponto de partida □ Limite de bairros — Deslocamentos	Fontes: - Base Cartográfica: Hasenack et al. (2008). - Trajetos: entrevistas realizadas pelo autor.		

Na Figura 8, abaixo, podem ser visualizados, em escala ampliada, os principais deslocamentos cotidianos de *ego_004*. O ponto de partida dos trajetos está assinalado por um triângulo preto e corresponde à residência e ao local de trabalho do entrevistado.



<p>Figura 8. Mapa dos deslocamentos urbanos de ego_004 - escala ampliada.</p>	<p>Escala: 0 0,2 0,4 0,8 1,2 1,6 km</p>	<p>Elaboração: Pontifícia Universidade Católica do RS. Laboratório de Tratamento de Imagens e Geoprocessamento.</p>
<p>Legenda</p> <ul style="list-style-type: none"> ▲ Ponto de partida ■ Destinos — Deslocamentos □ Limite de bairros 	<p>Fontes:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Base Cartográfica: Hasenack et al. (2008). - Trajetos: entrevistas realizadas pelo autor. 	

O primeiro deslocamento pelo bairro tem como destino (marcado em azul na Figura 8, acima) a residência dos pais. Um segundo trajeto é feito até uma padaria (apontada em cor-de-rosa). O terceiro percurso é realizado para ir à paróquia do bairro. O quarto e o quinto deslocamentos são realizados para ir a dois diferentes supermercados no bairro – um assinalado em vermelho e o outro em verde. Este último trajeto ultrapassa os limites do bairro.

No que tange à imagem construída a partir desses cinco deslocamentos, *ego_004* informou que o bairro está se tornando muito comercial, tendo em vista que as residências estão desaparecendo, dando lugar a grandes edifícios. Além disso, o trânsito e a limpeza são apontados como problemas existentes no bairro, onde há também a proliferação, demasiada, de casas noturnas, as quais causam muitos transtornos aos moradores.

No que tange aos deslocamentos de *ego_004* pela cidade, um deles tem como destino o Parcão, localizado no bairro Moinhos de Vento. Na Figura 8, acima, o Parcão está marcado por um quadrado roxo. O entrevistado indicou dois caminhos, realizados a pé, para chegar a esse parque: um realizado por ruas mais calmas em termos de trânsito, enquanto que o outro é feito por ruas mais movimentadas. Em geral, *ego_004* opta pelo primeiro trajeto, pois é muito mais arborizado, tem menos tráfego de carros, há mais residências, sendo o passeio muito mais tranquilo, ainda mais quando comparado à segunda opção mencionada.

Por fim, o deslocamento mais extenso pela cidade tem como destino (assinalado em lilás) o Parque Marinha do Brasil, no bairro Praia de Belas. Esse caminho é percorrido de automóvel. O entrevistado disse que gosta de ir ao Parque Marinha do Brasil porque ali é possível observar o Lago Guaíba e também porque a arborização é muito expressiva. Ao longo do percurso chama sua atenção o significativo número de automóveis nas ruas. E, quando questionado sobre as diferenças entre os bairros ao longo do trajeto, mencionou a presença de muitos bares na Avenida Goethe.

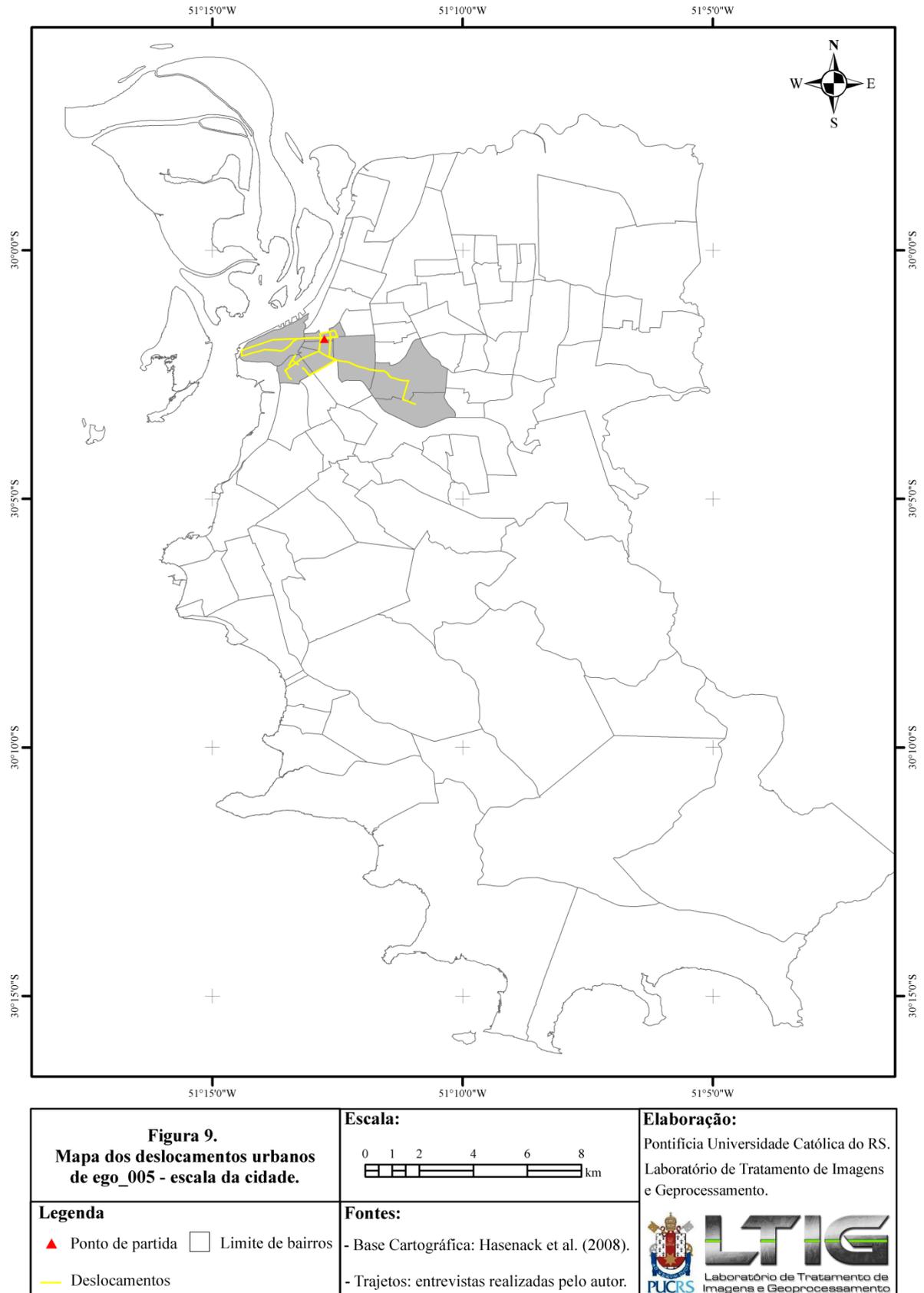
A partir da exploração empírica dos percursos mais comumente realizados por *ego_004*, pode-se inferir que ele costuma se deslocar em direção a destinos relativamente próximos a sua residência e local de trabalho. Com base nas informações construídas nas Figuras 7 e 8, percebe-se que, com exceção de um, os destinos mais frequentes deste entrevistado se reduzem ao bairro de residência e a dois bairros vizinhos, os quais compartilham indicadores socioeconômicos bastante elevados. Por exemplo, esses três bairros integravam, no ano 2000, UDHS que possuíam a primeira e a quinta posições numa escala de IDH que conta com 163 UDHS localizadas na cidade de Porto Alegre. Portanto, *ego_004* circula por espaços bastante homogêneos socialmente, o que tenderia a *ocultar* os desiguais.

7.2 Os exemplos investigados a partir da Associação de Moradores 2 (AM_2)

Nesta seção são explorados os casos empíricos construídos a partir da AM_2. Esses exemplos são apresentados um a um nas próximas quatro subseções deste capítulo.

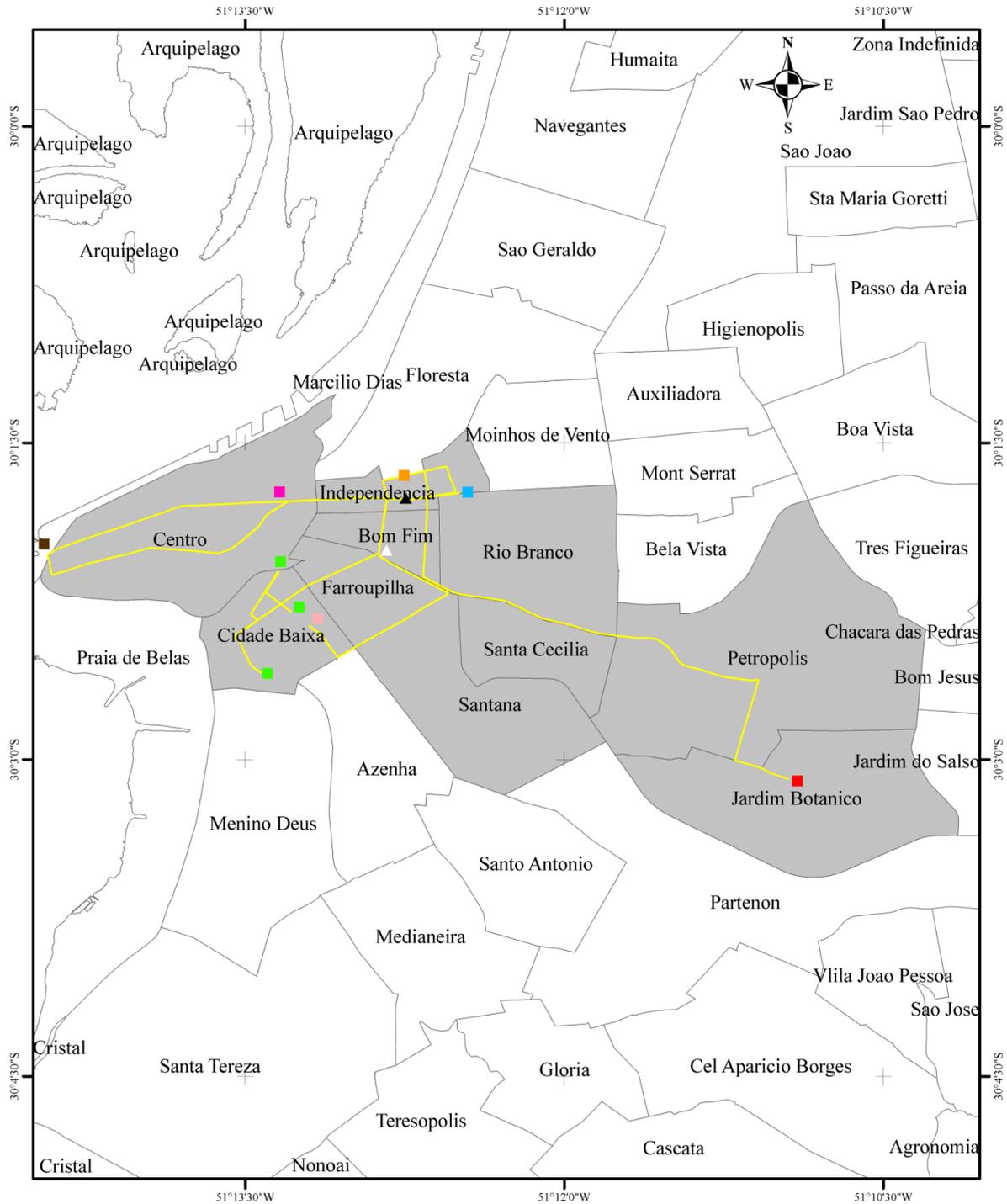
7.2.1 Exemplo empírico 5

Na Figura 9, abaixo, é possível visualizar os seis percursos mais comumente realizados por *ego_005*. Desses deslocamentos, cinco têm como ponto de partida o seu local de trabalho, o qual está assinalado por um triângulo vermelho. Isso porque o próprio pesquisado preferiu assinalar como ponto de partida dos seus trajetos a sua academia de ginástica e musculação e não a sua residência. Os percursos pelo bairro são realizados a pé. Os trajetos pela cidade são realizados, em geral, a pé, de ônibus e, às vezes, de automóvel. Percebe-se, através das informações contidas na Figura 9, que *ego_005* desloca-se com maior frequência pela região central da cidade, sendo que um dos percursos segue o lado oposto dos demais. Esse é o destino mais recente entre aqueles por ele identificados.



Na Figura 10, abaixo, podem ser visualizados, em escala ampliada, os trajetos de *ego_005*. O primeiro deles tem como origem a sua residência (marcada por um triângulo

branco) e o seu local de trabalho (apontado por um triângulo preto) como destino. A partir desse percurso, o ponto de partida passa a ser o local onde se situa a sua academia de ginástica e musculação.



<p>Figura 10. Mapa dos deslocamentos urbanos de ego_005 - escala ampliada.</p>	<p>Escala: 0 0,2 0,4 0,8 1,2 1,6 km</p>	<p>Elaboração: Pontificia Universidade Católica do RS. Laboratório de Tratamento de Imagens e Geoprocessamento.</p>
<p>Legenda</p> <ul style="list-style-type: none"> ▲ Ponto de partida — Deslocamentos ■ Destinos □ Limite de bairros 	<p>Fontes:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Base Cartográfica: Hasenack et al. (2008). - Trajetos: entrevistas realizadas pelo autor. 	

O segundo percurso pelo bairro acontece ao longo da Avenida Independência, tendo dois destinos: 1) a região central da cidade e 2) a Praça Júlio de Castilhos, situada na outra ponta do percurso. Na Figura 10, acima, o primeiro está assinalado em lilás e o segundo em azul. *Ego_005* ressaltou, ao ser perguntado sobre suas impressões sobre o trajeto, a reforma da Igreja da Conceição, as restaurações dos casarios, os reparos (e a provável revitalização) da Praça Dom Sebastião e os problemas causados pelos mendigos e moradores de rua.

O terceiro deslocamento tem como destino a Rua Gonçalo de Carvalho, a qual está apontada por um quadrado cor laranja. Trajeto esse que é realizado por vários caminhos: um pela Rua Santo Antônio, outro pela Rua Ramiro Barcellos, outro pela Rua Tiradentes e outro pela Rua Pinheiro Machado. Quando questionado acerca de tal percurso, informou que a Rua Gonçalo de Carvalho se tornou um dos atrativos do bairro, desempenhando um papel de divulgação das ações e das atividades da AM_2.

Com relação aos deslocamentos pela cidade, o primeiro tem como destino a Usina do Gasômetro – assinalada pela cor marrom. Esse trajeto é realizado, tanto pela Rua dos Andradas, quanto pela Rua Duque de Caxias. Nesse deslocamento *ego_005* passa por diversos locais vinculados a atividades artístico-culturais (museus e cinemas, sobretudo), tais como: a CCMQ, o MARGS, o Santander Cultural, o Solar dos Câmara e o Theatro São Pedro.

O segundo deslocamento pela cidade tem como destino o bairro Cidade Baixa, sendo realizado, tanto pela Rua Venâncio Aires, quanto pelo Parque Farroupilha. Os percursos pela Cidade Baixa estão sinalizados por quadrados verdes na Figura 10, localizada na página precedente. Um dos objetivos específicos deste trajeto é ir ao cinema que se localiza no Shopping Olaria (marcado em cor-de-rosa na Figura 10). Com relação às suas impressões, enfatizou que o bairro Cidade Baixa se transformou em um local com muitos bares e casas noturnas, sendo constituído por um público mais jovem. Para ele, essa área já foi muito mais residencial, mas agora é muito mais comercial.

Por fim, o terceiro, mais recente e mais longo deslocamento tem como destino a Escola Superior de Educação Física da UFRGS, situada na Rua Felizardo, na divisa dos bairros Petrópolis e Jardim Botânico. Na Figura 10, acima, esse ponto de chegada está marcado por um quadrado vermelho. O que chama a atenção de *ego_005* são as moradias e os espaços verdes nas proximidades da Rua Felizardo.

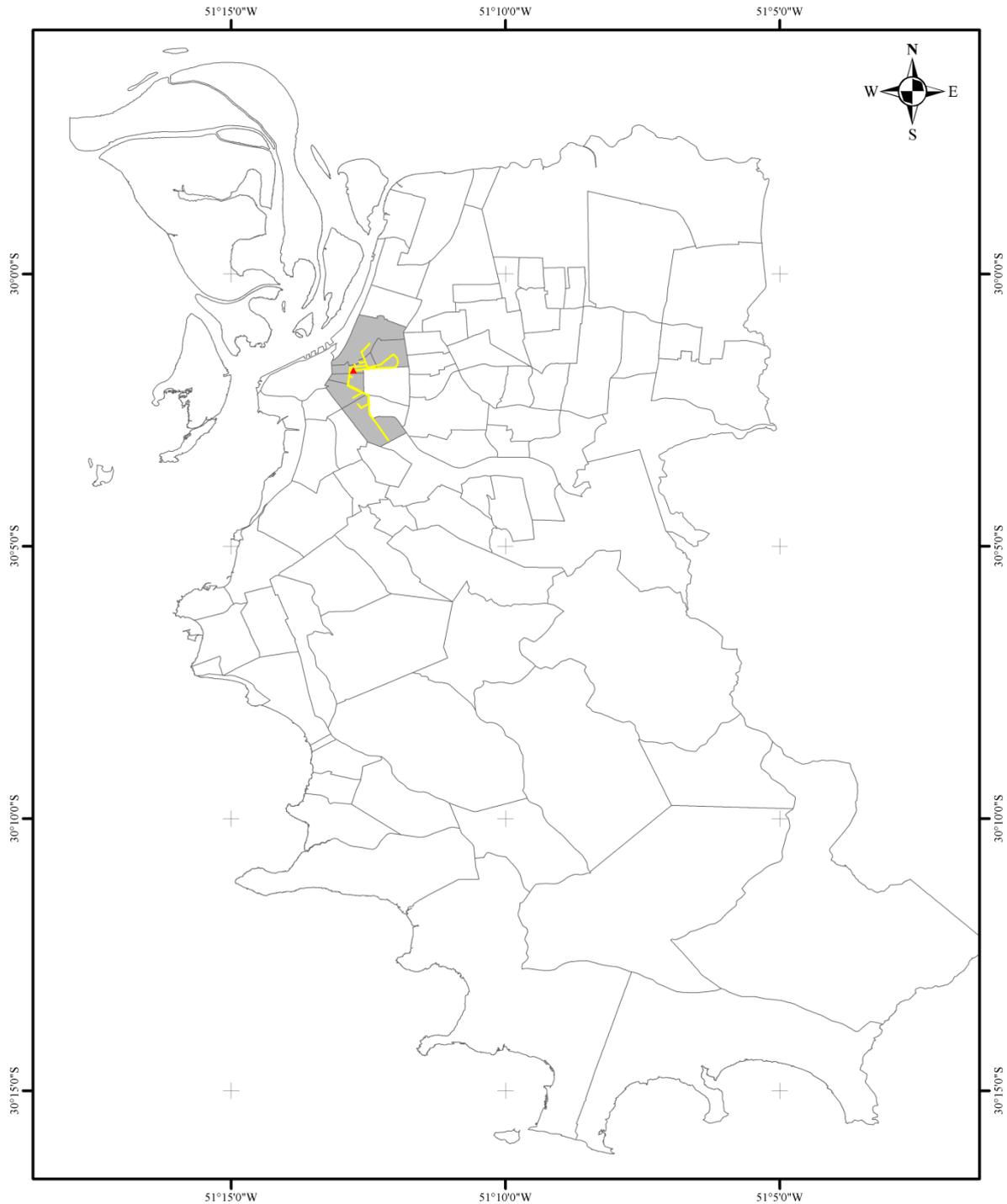
A exploração dos deslocamentos realizados por *ego_005* permite identificar um padrão de trânsito relativamente similar ao observado nos caso empíricos construídos a partir da AM_1: a expressiva tendência à circulação por espaços urbanos marcados pela presença de indivíduos que compartilham a posição social do entrevistado. E, quando os espaços são

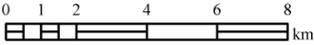
constituídos também por indivíduos que não compartilham posição social semelhante à sua, eles acabam não se constituindo em laços sociais mais próximos e significativos, permanecendo invisíveis no cotidiano relacional do entrevistado. Destaca-se, ainda, que quando os indivíduos em posições inferiorizadas são percebidos nos trajetos, eles tendem a aparecer como “problemas” (mendigos, moradores de rua) a serem resolvidos.

7.2.2 Exemplo empírico 6

A Figura 11, abaixo, mostra os principais deslocamentos realizados por *ego_006*. Esses trajetos têm como ponto de partida a sua residência – referenciada por um triângulo vermelho. Pode-se argumentar que, de um modo geral, esta agente social pesquisada circula por bairros fronteiriços, não muito distantes daquele onde reside.

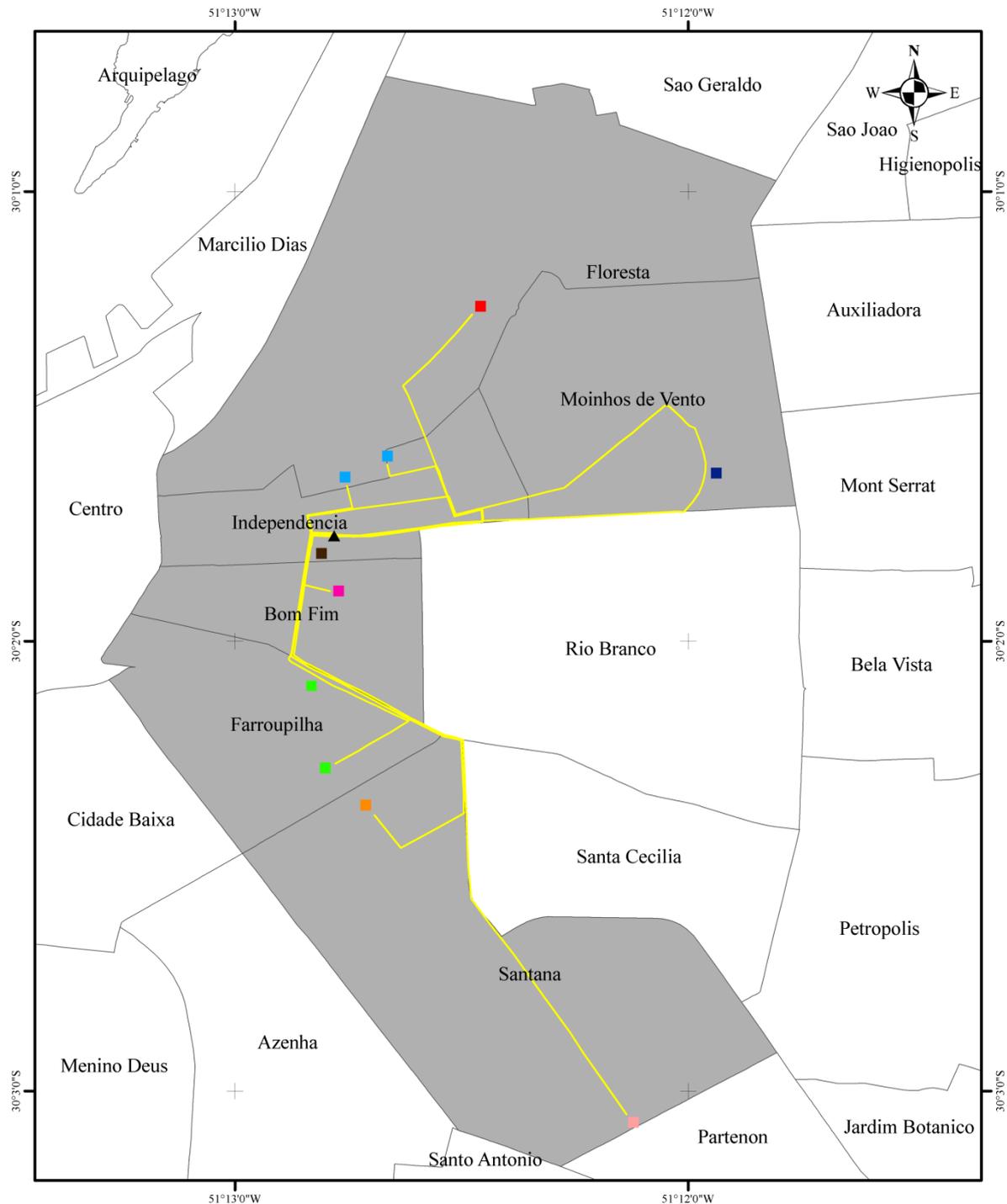
A seguir, serão analisados, primeiramente, quatro trajetos pelo bairro de residência ou pelos seus arredores mais próximos, geralmente realizados a pé e, eventualmente, de carro. E, num segundo momento, serão investigados quatro percursos realizados pela cidade – deslocamentos esses feitos de automóvel.

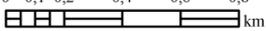


<p align="center">Figura 11. Mapa dos deslocamentos urbanos de ego_006 - escala da cidade.</p>	<p>Escala:</p> 	<p>Elaboração: Pontifícia Universidade Católica do RS. Laboratório de Tratamento de Imagens e Geoprocessamento.</p>
<p>Legenda</p> <p>▲ Ponto de partida □ Limite de bairros</p> <p>— Deslocamentos</p>	<p>Fontes:</p> <p>- Base Cartográfica: Hasenack et al. (2008). - Trajetos: entrevistas realizadas pelo autor.</p>	

O primeiro deslocamento pelos arredores mais próximos tem como destino o Parque Farroupilha, podendo ser ampliado até o Brique da Redenção, na Avenida José Bonifácio.

Esses pontos de chegada estão assinalados na Figura 12, abaixo, por dois quadrados de cor verde, conforme identificação feita pela entrevistada.



<p>Figura 12. Mapa dos deslocamentos urbanos de ego_006 - escala ampliada.</p>	<p>Escala:</p> <p>0 0,1 0,2 0,4 0,6 0,8 km</p> 	<p>Elaboração: Pontifícia Universidade Católica do RS. Laboratório de Tratamento de Imagens e Geoprocessamento.</p>
<p>Legenda</p> <p>▲ Ponto de partida — Deslocamentos</p> <p>■ Destinos □ Limite de bairros</p>	<p>Fontes:</p> <p>- Base Cartográfica: Hasenack et al. (2008). - Trajetos: entrevistas realizadas pelo autor.</p>	

O segundo deslocamento pelo bairro é realizado até a garagem (marcada em marrom na Figura 12) onde *ego_006* guarda o seu automóvel. O terceiro trajeto tem como destino a feira de comercialização de hortigranjeiros, carnes, derivados de leite, frios e embutidos na Rua Irmão José Otão – destino sinalizado por um quadrado lilás. O quarto trajeto tem como ponto final o Shopping Total, situado nas proximidades da Rua Gonçalo de Carvalho. Esse último deslocamento é realizado ou a pé ou de automóvel, sendo que os diferentes acessos ao referido Shopping Center estão apontados por quadrados em azul claro na Figura 12.

No que diz respeito aos deslocamentos pelo espaço mais amplo da cidade, um primeiro e mais frequente está assinalado na Figura 12, na página precedente, em azul escuro. Ele é realizado a pé ou de carro, tendo como destino a Escola Estadual de Ensino Fundamental Uruguai (localizada no bairro Moinhos de Vento), onde estuda a sua filha.

Ainda na escala da cidade, o segundo deslocamento analisado tem como destino (sinalizado em cor laranja no Figura 12) a residência de um primo, localizada na Rua Olavo Bilac, no bairro Santana. O terceiro trajeto investigado tem como ponto final (marcado em cor-de-rosa) a residência de uma amiga que vive no bairro Santana, passando a Avenida Ipiranga sentido centro-bairro. Chamam sua atenção neste percurso o Supermercado Nacional e a Igreja São Francisco.

O quarto deslocamento pela cidade aqui explorado tem como destino um estabelecimento comercial de material de construção e decoração onde a entrevistada faz compras relacionadas ao seu trabalho como arquiteta. Esse estabelecimento está sinalizado na Figura 12, na página anterior, por um quadrado vermelho. O que chama sua atenção é a expressiva presença de comércio na Avenida Cristovão Colombo.

As informações construídas nas Figuras 11 e 12 evidenciam que os destinos dos deslocamentos percorridos por *ego_006* estão, relativamente, circunscritos a um conjunto de bairros localizados nas proximidades daquele onde ela tem sua residência. Além disso, esses bairros apresentam indicadores socioeconômicos bastante semelhantes entre si, uma vez todos eles estão situados em UDHs que possuíam IDH superior a 0,920 no ano 2000. Portanto, observa-se que há uma significativa homogeneidade social nos deslocamentos realizados pela entrevistada, não obstante o fato de que os bairros Floresta e Santana apresentam alguma heterogeneidade socioeconômica, sobretudo quando comparado com os demais bairros onde a entrevistada costuma deslocar-se.

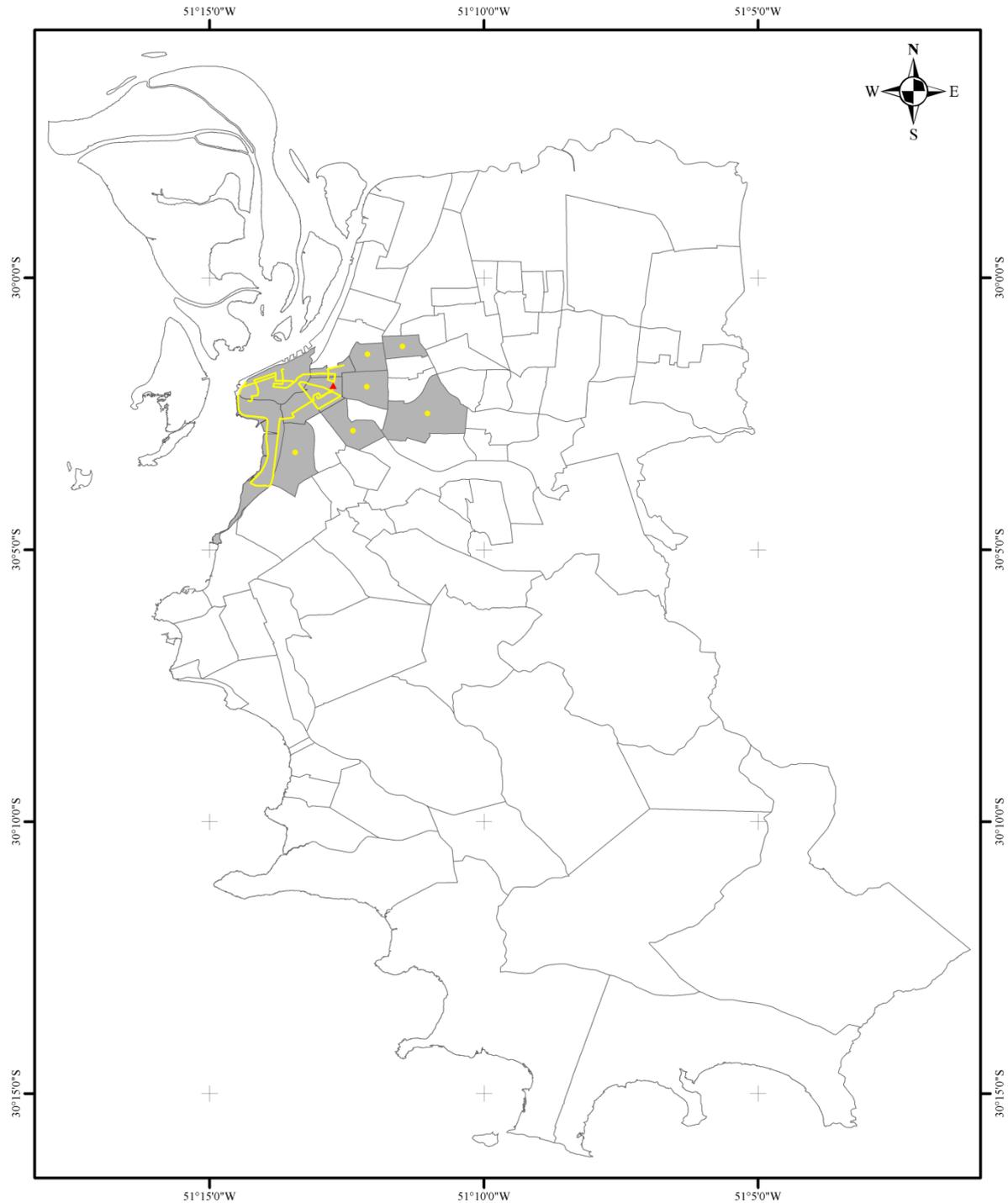
Por fim, a partir da caracterização empírica dos princípios deslocamentos e destinos de *ego_006*, é possível inferir que existe uma significativa tendência de que esses espaços

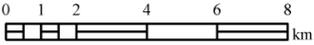
produzam encontros com os seus iguais. Os desiguais, por sua vez, não foram mencionados ao longo da entrevista, permanecendo ocultos e, no limite, invisíveis.

7.2.3 Exemplo empírico 7

Na Figura 13, abaixo, é possível visualizar os principais deslocamentos realizados por *ego_007*. São dois trajetos feitos pelos arredores mais próximos do seu bairro de residência e outros cinco caminhos realizados no espaço mais amplo da cidade. De acordo com as informações presentes na Figura 13, abaixo, pode-se inferir que este indivíduo circula mais frequentemente por doze, dos dezoito bairros localizados nos limites da RP 1⁵¹ – o que se explica pelo seu expressivo envolvimento nas ações e atividades ligadas a este espaço de participação comunitária junto à PMPA.

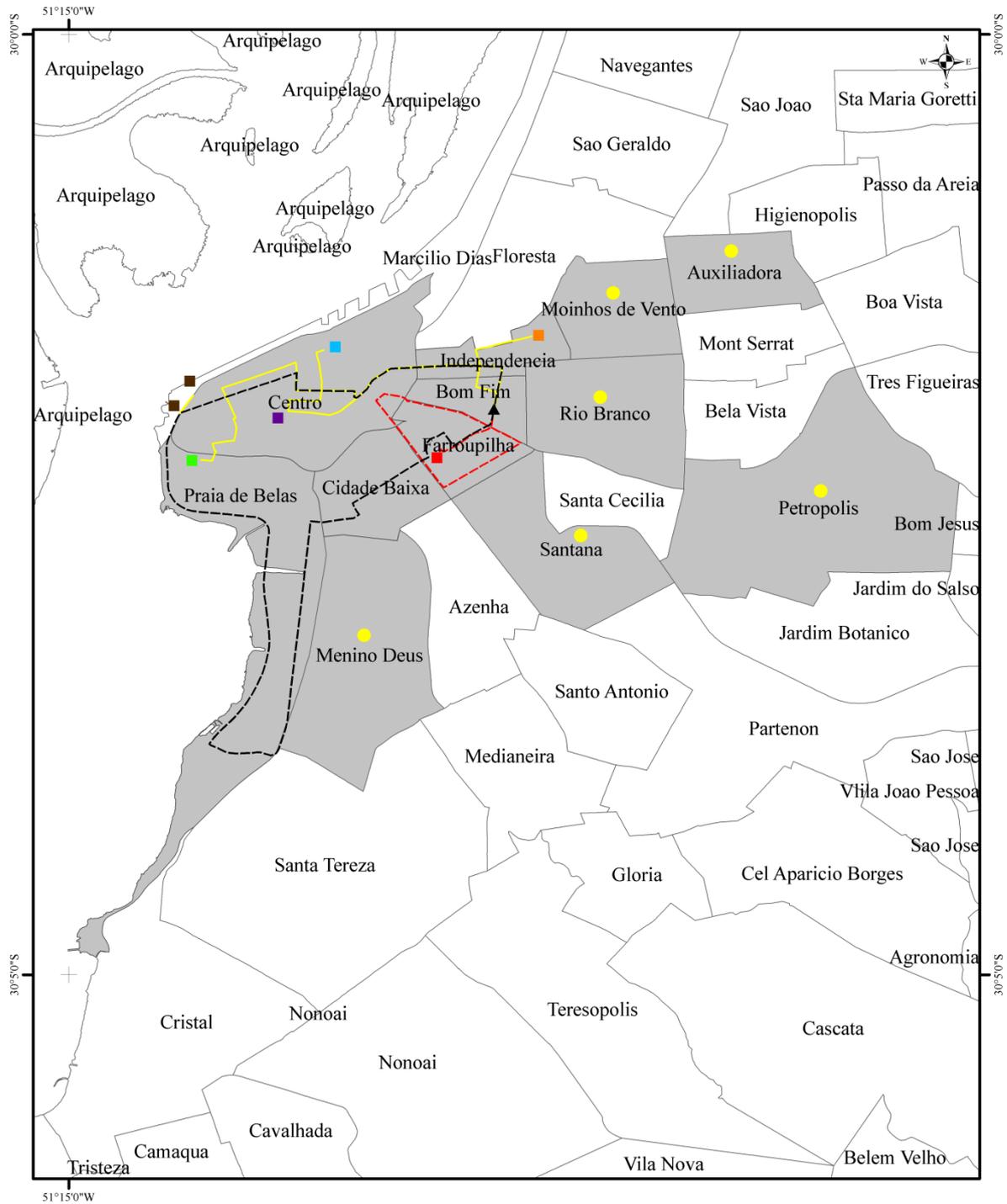
⁵¹ A RP 1 congrega os bairros Auxiliadora, Azenha, Bela Vista, Bom Fim, Centro Histórico, Farroupilha, Floresta, Independência, Jardim Botânico, Marcílio Dias, Menino Deus, Moinhos de Vento, Mont' Serrat, Petrópolis, Praia de Belas, Rio Branco, Santa Cecília e Santana.

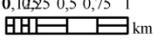


<p align="center">Figura 13. Mapa dos deslocamentos urbanos de ego_007 - escala da cidade.</p>	<p>Escala:</p> 	<p>Elaboração: Pontifícia Universidade Católica do RS. Laboratório de Tratamento de Imagens e Geoprocessamento.</p>
<p>Legenda</p> <p>▲ Ponto de partida □ Limite de bairros</p> <p>— Deslocamentos</p>	<p>Fontes:</p> <p>- Base cartográfica: Hasenack et al. (2008). - Trajetos: entrevistas realizadas pelo autor.</p>	

O primeiro deslocamento analisado é percorrido a pé pelo bairro e tem como destino (apontado em laranja na Figura 14, abaixo) a Rua Gonçalo de Carvalho. Segundo o

entrevistado, há um grupo de moradores que o mantém informado sobre o que está acontecendo na rua, pois é ele quem, em geral, faz as reclamações e solicitações à PMPA.



<p>Figura 14. Mapa dos deslocamentos urbanos de ego_007 - escala ampliada.</p>		<p>Escala: 0,10 0,25 0,5 0,75 1  km</p>	<p>Elaboração: Pontifícia Universidade Católica do RS. Laboratório de Tratamento de Imagens e Geoprocessamento.</p>
<p>Legenda</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Destinos 2 ▲ Ponto de partida ■ Destinos 1 — Deslocamentos □ Limite de bairros 	<p>Fontes:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Base cartográfica: Hasenack et al. (2008). - Trajetos: entrevistas realizadas pelo autor. 		

O segundo trajeto, também realizado a pé, acontece pelo Parque Farroupilha, no qual há um movimento de usuários do parque, contudo, não muito ativo, segundo informou *ego_007*. Tal destino está sinalizado por um quadro vermelho na Figura 14, acima, sendo que o deslocamento realizado pelo referido parque se encontra tracejado em vermelho.

No que concerne aos deslocamentos que ultrapassam, expressivamente, os limites do bairro de residência, o primeiro aqui explorado tem dois destinos. Primeiramente, *ego_007* se desloca de táxi-lotação até a Assembleia Legislativa (sinalizada em roxo na Figura 14), onde são realizadas reuniões entre diversos movimentos da cidade, dentre os quais destacou a Associação dos Moradores do Centro, o Movimento em Defesa da Orla do Guaíba e a Associação Representativa e Cultural dos Comerciantes do Viaduto Otavio Rocha.

Como sequência desse primeiro destino, *ego_007* chega ao Mercado Público (marcado em azul na Figura 14). Ele enfatizou que realiza a pé esse trajeto a fim de conversar com as pessoas, mantendo-se, assim, informado sobre o que acontece na cidade. Ao comentar sobre este primeiro deslocamento pela cidade, mencionou a existência da Associação dos Moradores da Rua 24 de Maio e Adjacências.

O segundo percurso pela cidade está vinculado ao seu engajamento nas questões-problemas da orla do Guaíba. Não há um destino propriamente dito, mas sim um deslocamento de ida e volta. Trajeto esse que parte da Rua João Telles, indo de táxi-lotação pela Avenida Independência e Rua Riachuelo, descendo a Rua Caldas Junior até a Rua Sete de Setembro, seguindo, então, a pé pela Rua do Andradas até a Usina do Gasômetro e Cais do Porto (estes dois últimos estão sinalizados em marrom na Figura 14). Deste ponto, o entrevistado percorre a orla do Guaíba até o Estádio Beira-Rio, voltando pelo Parque Marinha do Brasil e Avenida Borges de Medeiros, passando pelo bairro Cidade Baixa e atravessando o Parque Farroupilha, chegando, por fim, novamente à Rua João Telles. Este percurso está apontado por uma linha preta tracejada na Figura 14.

Um terceiro trajeto que ultrapassa, significativamente, os limites do bairro de residência tem como destino a Câmara Municipal de Porto Alegre – a qual está sinalizada em verde na Figura 14. O caminho é realizado em parte de táxi-lotação e em parte a pé. Segundo enfatizou o entrevistado, ele frequenta seguidamente a Câmara Municipal.

Por fim, no seu quarto deslocamento pela cidade, *ego_007* indicou um conjunto de bairros (os quais estão apontados na Figura 14 por um círculo amarelo) que costuma

frequentar devido ao seu envolvimento na RP 1. São os bairros Moinhos de Vento, Rio Branco (não tem AM⁵²), Auxiliadora, Petrópolis, Santana (não tem AM) e Menino Deus.

Em outro momento da entrevista, *ego_007* informou que circula, eventualmente, por outros bairros, em especial, o Floresta, uma vez que ali havia reuniões relativas ao projeto da Secretaria Municipal de Coordenação Política e Governança Local (SMGL) de instituir comitês de bairro para o 5º Congresso das Cidades. Contudo, o entrevistado ressaltou que não estava mais frequentando as reuniões porque elas não produziam nenhum resultado efetivo.

A análise produzida nos parágrafos precedentes revela, em primeiro lugar, que os principais deslocamentos e destinos de *ego_007* se conformam dentro da RP 1 – sobretudo por aqueles bairros que compartilham indicadores socioeconômicos bastante elevados. Os bairros sinalizados em cinza na Figura 14 integravam, no ano 2000, UDHS com IDH superior a 0,920.

No entanto, os percursos e destinos vinculados ao seu engajamento associativo não se reduzem àqueles identificados através da entrevista sobre deslocamentos urbanos. *Ego_007* informou, conforme explorado no Capítulo 6, que durante o período de mobilização do *Não ao Pontal* visitou e estabeleceu contatos com vilas e bairros populares, “*locais bem pobres, muito pobres: locais até perigosos de ir*”, entre as quais mencionou o bairro Partenon e as vilas Gaúcha e Tronco. Para usar suas palavras: “*eu me meti em muitas*”, enfatizando, em seguida, que são locais onde “*a gente não é acostumado a ir*”.

Contudo, a partir da análise das redes egocentradas (Capítulo 6) e dos trajetos e destinos de *ego_007*, percebe-se que tais idas/visitas às vilas populares mencionadas, por exemplo, não se constituíram em relações significativas (mais próximas e constantes) e em destinos mais relevantes – ou seja, visitados mais frequentemente com o objetivo de obter conhecimento sobre seus problemas e demandas. Pode-se arguir, dessa maneira, que os deslocamentos e destinos mais comumente realizados por *ego_007* são aqueles feitos por bairros que apresentam e dividem indicadores socioeconômicos elevados.

Esses são os bairros e populações visíveis nos seus trajetos cotidianos; são esses bairros e populações identificados como fazendo parte do seu dia-a-dia; são esses bairros e populações que conformam sua trama relacional e seus trajetos e destinos mais significativos (mais próximos e constantes). Aquelas populações e vilas populares, mencionados ao final da entrevista, estão, por sua vez, ausentes da rede relacional e dos trajetos e destinos de *ego_007*; não foram identificados por meio do gerador de nomes, nem através da entrevista sobre

⁵² Segundo informações dadas pelo entrevistado, os bairros Rio Branco e Santana não tinham AM no período da pesquisa de campo.

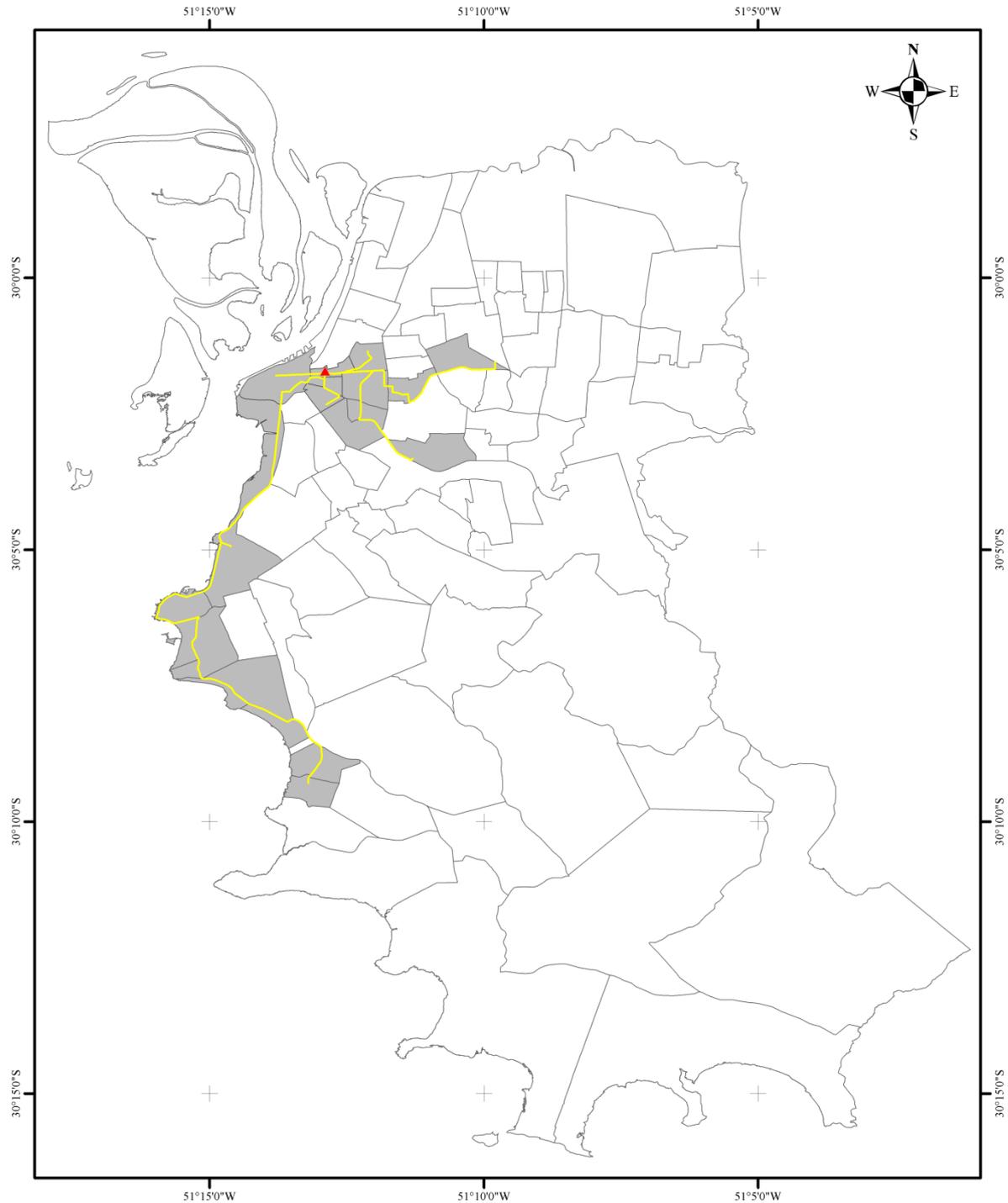
deslocamentos urbanos. Foram, em síntese, invisibilizados na reconstrução do seu cotidiano relacional e de deslocamentos urbanos.

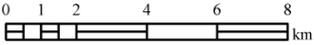
Em segundo lugar, observa-se que *ego_007* se encontra envolvido em importantes espaços onde acontecem reuniões e encontros entre diversas AMs e movimentos da cidade de Porto Alegre. Podem ser mencionados como tais espaços a Assembleia Legislativa e a Câmara de Vereadores: locais em que se reúnem indivíduos e grupos engajados, por exemplo, no Fórum Municipal de Entidades, no CMDUA, Movimento em Defesa da Orla do Guaíba etc. Dessa maneira, é provável que, devido ao seu significativo envolvimento nesses diversos espaços associativos e participativos, identificados como seus destinos frequentes, *ego_007* estabeleça contatos com indivíduos e grupos em situação desigual no espaço social.

Contudo, tais indivíduos e grupos, além de não acessarem a trama relacional de *ego_007*, conforme evidenciado empiricamente no Capítulo 6, não conformam seus deslocamentos e destinos mais frequentes. São justamente aqueles bairros e populações mais próximos em termos socioeconômicos ao bairro onde ele reside que conformam seus deslocamentos e destinos. Ou seja, são visíveis ao entrevistado, enquanto que os desiguais estão ausentes e, no limite, invisíveis na sua trama relacional e nos seus trajetos e destinos.

7.2.4 Exemplo empírico 8

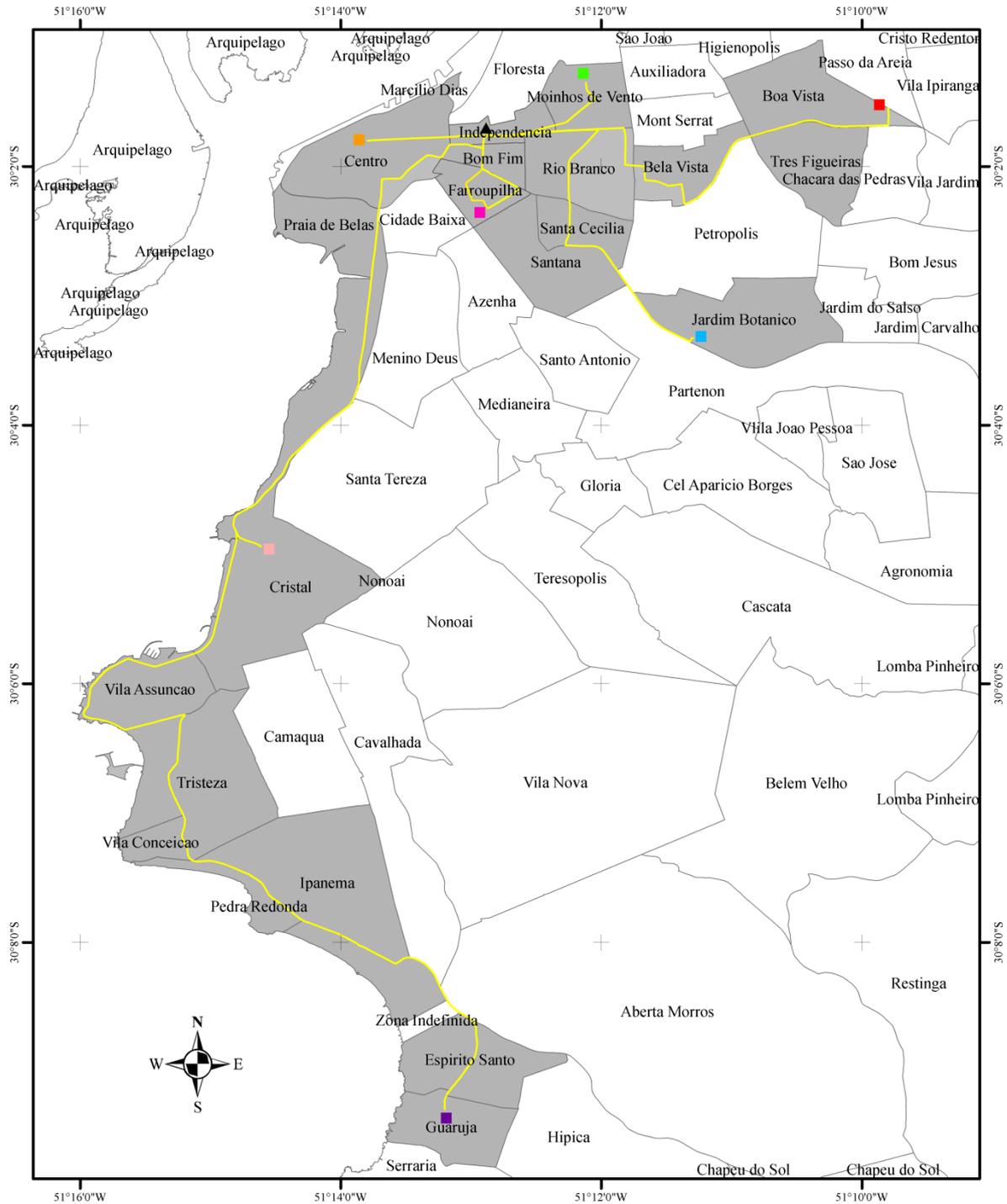
Na Figura 15, abaixo, é possível visualizar os deslocamentos mais frequentes realizados por *ego_008*. O ponto de partida (marcado por um triângulo vermelho) é a sua residência. Dois destinos estão situados nas cercanias do bairro onde ele vive, os outros cinco estão situados em pontos mais distantes e relativamente dispersos da cidade. Os primeiros são realizados a pé; já os segundos são feitos de carro, com exceção de um que é realizado a pé. Em todos esses deslocamentos *ego_008* é acompanhado pela esposa.



<p align="center">Figura 15. Mapa dos deslocamentos urbanos de ego_008 - escala da cidade.</p>	<p>Escala:</p> 	<p>Elaboração: Pontifícia Universidade Católica do RS. Laboratório de Tratamento de Imagens e Geoprocessamento.</p>
<p>Legenda</p> <p>▲ Ponto de partida □ Limite de bairros</p> <p>— Deslocamentos</p>	<p>Fontes:</p> <p>- Base cartográfica: Hasenack et al. (2008). - Trajetos: entrevistas realizadas pelo autor.</p>	

O primeiro deslocamento analisado tem como destino o Shopping Moinhos, o qual está assinalado em verde na Figura 16, abaixo. Por vezes, *ego_008* e a esposa realizam o

caminho de volta pela “calçada da fama” (referência à Rua Padre Chagas). O segundo percurso, apontado por um quadrado cor-de-rosa, é realizado até o (pelo) Parque Farroupilha.



<p>Figura 16. Mapa dos deslocamentos urbanos de ego_008 - escala ampliada.</p>	<p>Escala: 0 0,35 0,7 1,4 2,1 2,8 km</p>	<p>Elaboração: Pontifícia Universidade Católica do RS. Laboratório de Tratamento de Imagens e Geoprocessamento.</p>
<p>Legenda</p> <p>▲ Ponto de partida — Deslocamentos</p> <p>■ Destinos □ Limite de bairros</p>	<p>Fontes:</p> <p>- Base cartográfica: Hasenack et al. (2008). - Trajetos: entrevistas realizadas pelo autor.</p>	

Com relação a esses dois percursos com destinos mais próximos ao bairro de residência, *ego_008* identificou diferenças no perfil das pessoas que os frequentam. Quando se referiu ao Shopping Moinhos, destacou que ali se encontram “pessoas de (outro) nível, de outro perfil”, o qual seria bem distinto daquele dos indivíduos encontrados no Parque Farroupilha. Já, ao comentar sobre este destino, sublinhou que é um caminho mais “democrático” no que diz respeito às pessoas encontradas. Vale ressaltar, ainda, que *ego_008* gosta de realizar ambos os caminhos, não ficando explícita, durante a entrevista, nenhuma valoração negativa ou positiva sobre o perfil do público encontrado neles.

No que concerne aos deslocamentos mais distantes no espaço da cidade, um primeiro que é possível destacar tem como destino o Shopping Rua da Praia (marcado por um quadrado laranja no Figura 16). Na entrevista, *ego_008* identificou esse percurso junto aos dois já analisados, informando que este último seria o mais “democrático” no que diz respeito às pessoas observadas ao longo do caminho. Isso porque, na sua compreensão, com a melhoria do nível de vida dos moradores da periferia, eles têm vindo mais à região central.

O segundo trajeto tem como ponto de chegada o Shopping Bourbon Ipiranga (marcado em azul na Figura 16), sendo realizado pelo menos uma vez por semana. Já o terceiro tem como destino (sinalizado por um quadrado cor-de-rosa) o Barra Shopping Sul. O quarto percurso é realizado para ir ao Shopping Iguatemi – o qual está marcado em vermelho na Figura 16, acima.

Por fim, o quinto deslocamento tem como destino a Igreja Santa Rita de Cássia, localizada no bairro Guarujá, o qual é descrito pelo entrevistado como tendo muitas casas, parecendo uma cidade do interior, bem diferente do bairro onde ele e a esposa vivem. Esse ponto de chegada está assinalado em roxo na Figura 16.

A investigação dos deslocamentos de *ego_008* revela, em primeiro lugar, que os seus destinos estão, em grande parte, associados à Shopping Centers, os quais são voltados (sobretudo nos casos do Shopping Moinhos, Shopping Iguatemi e Barra Shopping Sul) a públicos consumidores de médio para alto poder aquisitivo.

Em segundo lugar, observa-se que, apesar do fato de *ego_008* ter identificado diferenças entre os frequentadores do Parque Farroupilha e do Shopping Moinhos, não há para ele uma clara definição sobre *quem/como são* eles. E, além disso, os desiguais, oriundos da periferia da cidade, surgiram somente quando foi requerido ao agente pesquisado comentar suas impressões sobre seus trajetos e destinos. Sendo que esses desiguais tornaram-se visíveis ao entrevistado por estarem ausentes para ele dos seus outros percursos e destinos, em especial no trajeto até o Shopping Moinhos.

Ademais, pode-se inferir a presença e a operação do mecanismo de invisibilização na medida em que *ego_008* e sua esposa visitaram, algumas vezes ao longo do trabalho de campo, uma creche situada numa comunidade popular de Porto Alegre, conforme explorado no Capítulo 6. Contudo, chama atenção o fato de que o referido destino, relacionado ao significativo envolvimento do entrevistado no Lions Clube, não foi sequer aludido/lembrado durante a entrevista – sendo que na mesma entrevista o Lions Clube foi mencionado quando *ego_008* reconstruiu seu histórico de envolvimento associativo.

7.3 Síntese dos resultados construídos a partir dos deslocamentos dos indivíduos pesquisados

A investigação dos deslocamentos e destinos dos *egos* pesquisados revelou dois importantes “achados” empíricos: um deles relacionado, mais especificamente, àqueles indivíduos que, além de envolvidos na AM do seu bairro de residência, participam de outros grupos associativos e participativos e mobilizações coletivas; o outro está vinculado, mais notadamente, àqueles agentes sociais engajados em termos participativos e associativos quase exclusivamente nas ações e atividades da AM do bairro onde vivem. Em ambos os resultados encontrados empiricamente, há a presença e a operação do mecanismo de invisibilização.

Observa-se, então, que no caso daqueles indivíduos que não restringem seu envolvimento associativo à AM do bairro onde vivem (*ego_001*, *ego_005* e *ego_007*), há uma tendência de que os deslocamentos e destinos produzem, em geral, encontros socialmente classificados. E, mesmo quando tal tendência parece ser rompida, devido ao engajamento destes entrevistados em espaços conformados também por indivíduos e organizações em posições sociais inferiorizadas, estes são colocados mais como fazendo parte daquele espaço do que como constituindo relações significativas e como prováveis deslocamentos e destinos – sobretudo nos exemplos de *ego_001* e *ego_005*.

Ainda com relação aos indivíduos pesquisados que constroem seu engajamento associativo não circunscrito à AM do bairro de residência, podem ser sublinhados os exemplos de *ego_007* e *ego_008*. Ambos mencionaram ter estabelecido contatos e realizado visitas a bairros e vilas em situação de pobreza. Para o primeiro, essas ocasiões estão vinculadas ao seu expressivo engajamento em diversos espaços participativos e associativos da cidade. Para o segundo, essas circunstâncias (mencionadas algumas vezes durante o trabalho de campo) estão associadas ao seu envolvimento no Lions Clube. Entretanto, tais contatos e visitas não se constituíram em relações sociais mais próximas e constantes

(Capítulo 6), nem foram identificadas como deslocamentos e destinos frequentes. Os itinerários e destinos identificados por *ego_007* e *ego_008* são caracterizados, em grande medida, por certa homogeneidade social, uma vez que compartilham indicadores socioeconômicos bastante elevados.

Por fim, no caso daqueles entrevistados que atuam quase exclusivamente na AM do bairro onde vivem (*ego_002*, *ego_003*, *ego_004* e *ego_006*), percebe-se, igualmente, uma expressiva tendência de que os trajetos e destinos conduzem a encontros e cruzamentos socialmente classificados. Fato que parece ser sobremaneira reforçado na medida em que os desiguais estão ocultos e, no limite, ausentes destes encontros e cruzamentos, uma vez que eles não aparecem/surgem nas imagens construídas pelos entrevistados dos seus deslocamentos e destinos. Se os desiguais conformam esses trajetos e pontos de chegada, eles permanecem invisíveis quando os referidos *egos* os reconstroem durante a entrevista. Em alguns momentos, como no caso de *ego_002*, é identificada a *diversidade* entre as pessoas observadas nos deslocamentos, mas não as *desigualdades* entre elas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das redes de relações sociais e dos deslocamentos urbanos dos oito casos explorados e investigados nesta dissertação permite sustentar empiricamente a presença e a importância do mecanismo de invisibilização na (re)produção das distâncias sociais (e, assim, da homofilia) nas redes associativas. De um lado, a invisibilização se expressa na tendência de que indivíduos em posições subalternizadas estejam ausentes dos espaços e das relações que conformam o cotidiano dos agentes sociais pesquisados. Tal ausência diminui (e, no limite, impede) a possibilidade de que relações significativas e duradouras se estabeleçam entre desiguais.

De outro lado, mesmo quando aquela tendência é rompida e os entrevistados interagem com indivíduos e organizações em posições sociais inferiorizadas, observa-se que tal interação tende a não produzir vínculos sociais relevantes (mais próximos e constantes). Nos casos explorados (sobretudo para *ego_001*, *ego_005* e *ego_007*), esses indivíduos e organizações em posições subalternas se colocam mais como parte do “contexto” no qual atuam e menos como sujeitos com os quais os entrevistados estabelecem relações que eles *identificam* como significativas.

Os resultados desta pesquisa parecem sustentar o argumento de que, em contextos de desigualdades extremas como o brasileiro, a invisibilização tende a assumir uma significativa centralidade na produção e na reprodução das fronteiras sociais e simbólicas que inclusive limita a presença/atuação de outros mecanismos de classificação e hierarquização social – tais como: a estigmatização e a distinção, investigados por Elias e Scotson (2000) e Bourdieu (2007). Nos exemplos analisados, é claro, é possível identificar atos de estigmatização e distinção (como nas referências aos moradores de ruas e mendigos como “problemas urbanos”).

No entanto, em geral, observa-se que os subalternos simplesmente “não existem” nos espaços (deslocamentos e destinos) e nas redes relacionais que conformam o cotidiano dos entrevistados e, assim, não se constituem em objeto de suas considerações e ações. Ausência observada empiricamente que também pode ser apreendida pelo fato de que raramente os desiguais “apareceram” nas imagens construídas pelos entrevistados dos seus deslocamentos urbanos pelo bairro de residência e pela cidade. E, quando os “desiguais” se estabelecem como parte das preocupações e atuações destes entrevistados engajados em AMs de bairro (como, por exemplo, no caso de *ego_007* e *ego_008*), eles continuam não integrando de forma

mais relevante (próxima e constante) as tramas relacionais e os trajetos e destinos destes agentes sociais marcados pelo envolvimento associativo.

Este talvez seja um dos principais desafios metodológicos na identificação e análise empírica do mecanismo da invisibilização: como apreender uma ausência? Diferentemente dos casos de estigmatização e distinção, nos quais o “inferior” está presente como desvalorizado/desqualificado, no caso da invisibilização o “inferior” está ausente. Assim, os indicadores da invisibilização e da sua operação são exatamente a falta de referência e a não identificação. É no não dito e no silêncio que se expressa de forma “gritante” a invisibilidade dos subalternos.

Desafio metodológico que se coloca ainda mais complexo na medida em que a presente pesquisa evidenciou que o mecanismo de invisibilização apresenta diferentes dinâmicas de operação. De modo geral, foram identificados dois padrões de operação do mecanismo de invisibilização ligados à forma como se constrói o engajamento associativo e participativo dos *egos* entrevistados. Por um lado, há aqueles indivíduos envolvidos em diversas formas de mobilização; por outro, há aqueles agentes sociais que restringem seu engajamento à AM do bairro onde residem.

Como destacado precedentemente, os primeiros tendem a interagir com os desiguais em outros espaços associativos e participativos além da AM do seu bairro. Mas, mesmo assim, os desiguais tendem a não conformar as tramas relacionais mais significativas e os deslocamentos e destinos mais frequentes dos *egos* entrevistados. Já, com relação aos segundos, os desiguais, em geral, não “acessam” às tramas relacionais dos entrevistados e não “aparecem” nos seus trajetos e destinos, nem mesmo nas imagens construídas deles. Quando são lembrados nas entrevistas em ambos os padrões, são vistos, em geral, como “problemas urbanos”: mendigos, moradores de rua, flanelinhas etc.

O certo é que, a partir dos “achados” empíricos desta dissertação, pode-se inferir a possibilidade teórico-metodológica de construir padrões (talvez, como tipos ideais) de operação do mecanismo de invisibilização. Futuras pesquisas fundamentadas nos resultados da presente investigação poderiam lançar luz sobre elementos muito mais complexos para a compreensão da produção e da reprodução das fronteiras sociais e simbólicas e, conseqüentemente, da homofilia e das desigualdades no associativismo urbano.

Além disso, a apreensão e a explicação da presença e reprodução das desigualdades sociais em redes associativas marcadas pela segmentação e homofilia constitui um desafio teórico e metodológico para o campo de estudos da sociedade civil, na medida em que desafia as concepções dominantes neste campo que sublinham os aspectos e os efeitos

democratizantes e igualitários do associativismo. Ao contrário, os resultados da presente pesquisa suportam os argumentos construídos por Kerstenetzky que afirma:

quando as desigualdades socioeconômicas são “duráveis” e elevadas é bem plausível que se repliquem no interior da vida associativa, bem como entre grupos organizados e não organizados, enfraquecendo a habilidade da inclusão política da participação associativa. Além disso, não parece claro que a intensificação da vida associativa conduza a uma redução das desigualdades sobre as quais se plasma (KERSTENETZKY, 2003, p.132).

Identificar empiricamente os mecanismos através dos quais ocorre esta replicação das desigualdades socioeconômicas na vida associativa constitui um importante objetivo de investigação para a agenda de pesquisa dos estudiosos da sociedade civil. Entre estes mecanismos, conforme analisado nesta dissertação, sem dúvida a invisibilização entre indivíduos desigualmente localizados no espaço social ocupa uma posição de destaque.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Carla Cecília Rodrigues. Sociedade civil, diversificação de atores e de modalidades de ação. **Em Debate**, Belo Horizonte, v.3, n.4, pp.8-13, dez. 2011.

BANTON, Michael. **Social distance**: a new appreciation. pp.169-183, 1960.

BERNARD, H. Russell et. al. Comparing four different methods for measuring personal social networks. **Social Network**, North-Holland, v.12, pp.179-215, 1990.

BIDART, Claire; CHARBONNEAU, Johanne. The contextual name generator: a good tool for the study of sociability and socialization. **Communication presented at the XXVII Sunbelt**, Corfou, 1-6 May, 2007.

BOGARDUS, Emory S. Social distance and its origins. **Journal of Applied Sociology**, v.9, pp.216-226, 1925a.

BOGARDUS, Emory S. Measuring Social Distances. **Journal of Applied Sociology**, v.9, pp.299-308, 1925b.

BOISSEVAIN, Jeremy. Network analysis: a reappraisal. **Current Anthropology**, v.20, n. 2, pp.392-394, Jun. 1979.

BOISSEVAIN, Jeremy. Networks: interaction and structure. In: BOISSEVAIN, Jeremy **Friends of friends**: networks, manipulators and coalitions. New York: St. Martin's Press, 1974.

BORGATTI, Steve P. **NetDraw Software for Network Visualization**. Lexington, KY: Analytic Technologies, 2002.

BORGATTI, Steve P.; EVERETT, Martin G.; FREEMAN, Lin C. **Ucinet for Windows**: software for Social Network Analysis. Harvard, MA: Analytic Technologies, 2002.

BOSCHI, Renato Raul. A nova classe média na política: associações de bairro. In: **A arte da associação**: políticas de base e democracia no Brasil. São Paulo: Vértice, 1987. pp. 61-104.

BOSCHI, Renato Raul. Entre a cruz e a caldeira: classes médias e política na terra da transição. In: LARANJEIRA, Sônia. (Org.). **Classes e movimentos sociais na América Latina**. São Paulo: Editora Hucitec, 1990. pp. 158-175.

BOTTERO, Wendy. **Stratification**: social division and inequality. London: Routledge, 2005.

BOURDIEU, Pierre. Espaço social e espaço simbólico. In: BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 8.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: EDUSP, Porto Alegre: Zouk, 2007.

BURT, Ronald S. Appendix A. Measuring the network. In: BURT, Ronald S. **Neighbor networks**: competitive advantage local and personal. Oxford: Oxford University Press. 2009.

DREIFUSS, René. A. **A conquista do Estado**: ação política, poder e golpe de classe. Petrópolis: Vozes, 1981.

DREIFUSS, René. A. **O Jogo da direita na Nova República**. Petrópolis: Vozes, 1989.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

EMIRBAYER, Mustafa. Manifesto for a relational sociology. **The American Journal of Sociology**, v.103, n.2, pp.281-282, September, 1997.

EMIRBAYER, Mustafa; GOODWIN, Jeff. Network analysis, culture, and the problem of agency. **The American Journal of Sociology**, v.99, n.6, pp.1411-1454, May, 1994.

KERSTENETZKY, Celia Lessa. Sobre associativismo, desigualdades e democracia. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, n.53, v.18, pp.131-142, 2003.

HANNEMAN, Robert A. Los datos de las redes sociales. In: HANNEMAN, Robert A. **Introducción a los métodos de análisis de redes sociales**. Disponível em: <<http://revista-redes.rediris.es/webredes/text.htm>>. Acesso em: 17 de jul. de 2012. sda.

HANNEMAN, Robert A. Grupos y subestructuras. In: HANNEMAN, Robert A. **Introducción a los métodos de análisis de redes sociales**. Disponível em: <<http://revista-redes.rediris.es/webredes/text.htm>>. Acesso em: 17 de jul. de 2012. sdb.

HASENACK, Heinrich et. al. **Diagnóstico ambiental de Porto Alegre**. 1ª ed. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Meio Ambiente, pp.56-71, 2008.

HEDSTRÖM, Peter; SWEDBERG, Richard. Social mechanisms. **Acta Sociologica**, n.3, v.39, pp.281-308, 1996.

LABACHE, Lucette; SAINT-MARTIN, Monique de. Fronteiras, trajetórias e experiências de rupturas. **Educação & Sociedade**, v. 29, n.103, pp.333-354, maio-ago. 2008.

LAGO, Luciana Corrêa do; RIBEIRO, Luiz César de Queiroz. A divisão favela-bairro no espaço social do Rio de Janeiro. **Cadernos da Metrópole**, n.5, pp.30-46, 2001.

LAMONT, Michèle; MOLNÁR, Virág. The study o boundaries in the social sciences. **Annual Review of Sociology**, v.28, pp.167-195, 2002.

LAVALLE, Adrián Gurza. Sem pena nem glória: o debate sobre a sociedade civil nos anos 1990. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n.66, pp.91-109, jul. 2003.

LIN, Nan. Resources, hierarchy, networks and homophily. In: NAN, Lin. **Social capital: a theory of social structure and action**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

LÜCHMANN, Lígia Helena Hahn. Associativismo e democracia no Brasil contemporâneo. **Em Debate**, Belo Horizonte, v.3, n.4, pp.44-51, dez. 2011.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Martins Fontes: São Paulo, 2006.

MCPHERSON, Miller; SMITH-LOVIN, Lynn; COOK, James M. Birds of a feather: homophily in social networks. **Annual Review of Sociology**, n.27, 2001.

MAHONEY, James. Beyond correlational analysis: recent innovations in theory and method. **Sociological Forum**, n.3, v.16, pp.575-593, 2001.

MAHONEY, James. **Tentative answers to questions about causal mechanisms**. Paper presented at the annual meetings of the American Political Science Association, Philadelphia, August 28, pp.1-17, 2003. Disponível em: <http://citation.allacademic.com//meta/p_mla_apa_research_citation/0/6/2/7/6/pages62766/p62766-1.php>. Acesso em: 16 de nov. de 2010.

MARIN, Alexandra; HAMPTON, Keith N. Simplifying the personal network name generator: alternatives to traditional multiple and single name generators. **Field Methods**, v.19, n.2, pp-163-193, 2007.

MARQUES, Eduardo. Redes sociais e instituições na construção do Estado e da sua permeabilidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.14, n.41, p.45-67, out. 1999.

MARQUES, Eduardo. Redes sociais e poder no Estado brasileiro: aprendizados a partir das políticas urbanas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.21, n.60, p.15-41, fev. 2006a.

MARQUES, Eduardo et. al. **Redes pessoais e pobreza em São Paulo**. 2006b. Disponível em: <[http://www.cebrap.org.br/v1/upload/biblioteca_virtual/MARQUES et al_Redess Pessoais e Pobreza.pdf](http://www.cebrap.org.br/v1/upload/biblioteca_virtual/MARQUES_et_al_Redess_Pessoais_e_Pobreza.pdf)>. Acesso em: 25 de out. de 2010.

MARQUES, Eduardo. As redes sociais importam para a pobreza urbana? **Dados**, Rio de Janeiro, v.52, n.2, pp.471-505, 2009.

MARQUES, Eduardo. **Redes sociais, segregação e pobreza**. São Paulo: Editora UNESP; Centro de Estudos da Metrópole, 2010.

MAYNTZ, Renate. Mechanisms in the analysis of social macro-phenomena. **Philosophy of the Social Sciences**, v.34, n.2, pp.237-259, jun. 2004.

MISCHE, Ann. **Partisan Publics**: communication and contention across Brazilian youth activist networks. Princeton University Press, 2008.

MOLINA, José Luis Molina et. al. **Talleres de autoformación con programas informáticos de análisis de redes sociales**. Disponível em: <http://revista-redes.rediris.es/webredes/red_tematica/talleresars.pdf>. Acesso em: 17 de jul. de 2012. sd.

NETO, Arnaldo Lôpo Mont'Alvão. **Deslocamentos urbanos e desigualdades sociais**: um estudo do movimento diário da população de Belo Horizonte. 2009. 134 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

PACHUCKI, Mark A.; PENDERGRASS, Sabrina; LAMONT, Michèle. Boundary processes: recent theoretical developments and new contributions. **Poetics**, v.35, n.6. pp.331-351, december, 2007.

PASTORE, José; VALLE SILVA, Nelson do. **Mobilidade social no Brasil**. São Paulo: Macron Books, 2000.

PARK, Robert Ezra. The concept of social distance as applied to the study of racial attitudes and racial relations. **Journal of Applied Sociology**, v.8, pp.339-344, 1924.

PREFEITURA/SECRETARIA DE COORDENAÇÃO POLÍTICA E GOVERNANÇA LOCAL et. al. **Atlas do desenvolvimento humano da Região Metropolitana de Porto Alegre**. Porto Alegre: 2008. 1 CD-ROM.

SAINT-MARTIN, Monique de; ROCHA, Daniella de Castro; HEREDIA, Mariana. Trocas intergeracionais e construção de fronteiras sociais na França, **Tempo Social**, v.20, n.1, pp.135-162, 2008.

SILVA, Marcelo Kunrath; ZANATA JR. Rui. Desigualdade e associativismo: proximidade espacial e distância social na conformação da sociedade civil. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v.10, n.2, nov. 2010.

SOROKIN, Pitirim A. Espaço social e posição social. In: CARDOSO, Fernando Henrique; IANNI, Octávio. **Homem e sociedade**: leituras básicas de sociologia geral. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973. pp.223-230.

TILLY, Charles. Social boundary mechanisms. **Philosophy of the Social Sciences**, v.34, n.2, pp.211-236, jun. 2004.

TILLY, Charles. Ties that bind... and bound. In: TILLY, Charles. **Identities, boundaries, and social ties**. Paradigm Publishers, Boulder/London, 2005. pp.3-10.

VEHOVAR, Vasja et. al. Measuring ego-centered social networks on the web: questionnaire design issues. **Social Networks**, v.30, pp.213–222, 2008.

ZANATA JR. Rui. **Desigualdade e associativismo**: um estudo comparativo sobre capital social e participação política com duas associações de moradores de Porto Alegre. 2009. 67 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Sociologia) – Departamento de Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

WELLMAN, Barry. Network analysis: some basic principles. **Sociological Theory**, v.1, pp.155-200, 1983.

ANEXOS

Anexo 1 – Questionário de ARS aplicado na AM_1.

Roteiro de entrevista: análise de redes sociais.

Mapeando as redes sociais dos/as entrevistados/as:

Data da entrevista: _____

Dados pessoais do/a entrevistado/a:

Nome e sobrenome (ou somente as iniciais): _____

Idade: _____

Gênero: masculino () feminino ()

Escolaridade: _____

Profissão/Ocupação: _____

Local de residência (endereço): _____

Desde quando participa da associação de moradores do bairro: _____

1) De tempos em tempos, a maioria das pessoas conversa sobre assuntos importantes com outras pessoas de sua inteira confiança. Estes assuntos importantes podem variar de pessoa para pessoa ao longo de uma variedade de temas, tais como: **trabalho, educação, lazer, viagens, religião, família, amizade, dinheiro, política, relacionamentos etc.** Desse modo, nos últimos seis meses, quem são as pessoas com quem você conversou sobre esses assuntos importantes?

Nome e sobrenome (ou somente as iniciais): _____

2) Com quem você costuma conversar sobre as principais questões e os principais problemas do seu bairro de residência (as **algazarras noturnas**, a **segurança**, as **grandes construções e edificações** – as “torres” –, o **trânsito**, os **mendigos**, a **infra-estrutura/organização** etc.) e da cidade de Porto Alegre?

Nome e sobrenome (ou somente as iniciais): _____

Anexo 2 – Questionário de ARS aplicado na AM_2.**Roteiro de entrevista: análise de redes sociais.****Mapeando as redes sociais dos/as entrevistados/as:**

Data da entrevista: _____

Dados pessoais do/a entrevistado/a:

Nome e sobrenome (ou somente as iniciais): _____

Idade: _____

Gênero: masculino () feminino ()

Escolaridade: _____

Profissão/Ocupação: _____

Local de residência (endereço): _____

Desde quando participa da associação de moradores do bairro: _____

1) De tempos em tempos, a maioria das pessoas conversa sobre assuntos importantes com outras pessoas de sua inteira confiança. Estes assuntos importantes podem variar de pessoa para pessoa ao longo de uma variedade de temas, tais como: **trabalho, educação, lazer, viagens, religião, família, amizade, dinheiro, saúde, política, relacionamentos etc.** Deste modo, nos últimos seis meses, quem são as pessoas com quem você conversou sobre esses assuntos importantes?

Nome e sobrenome (ou somente as iniciais): _____

2) Com quem você costuma conversar sobre as principais questões e os principais problemas do seu bairro de residência (a **segurança, a limpeza urbana, a arborização, o trânsito, o comércio, as praças, as calçadas, os mendigos, os projetos culturais e artísticos, a infraestrutura/organização etc.**) e da cidade de Porto Alegre?

Nome e sobrenome (ou somente as iniciais): _____

Anexo 3 – Questionário sobre as informações sociodemográficas dos *alters* (name interpreters).

Para cada indivíduo citado anteriormente complementar com as seguintes informações:

Nome e sobrenome (ou somente as iniciais): _____

Gênero: masculino () feminino ()

Profissão/Ocupação: _____

Escolaridade: _____

Local de residência (endereço): _____

Cônjuge () Irmão () Filho () Parente () Amigo () Colega de Trabalho ()
Conhecido () Vizinho () Colega de Associação ()

Participa de alguma associação ou movimento? Sim () Não () Se Sim, qual? _____

Participa de algum partido político? Sim () Não () Se Sim, qual? _____

Anexo 4 – Questionário sobre histórico pessoal no associativismo e sobre deslocamentos urbanos.

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1) Você poderia descrever a sua história de envolvimento e participação no associativismo de bairro de Porto Alegre?

2) Agora, gostaríamos que você marcasse neste mapa [*mostrar mapa do bairro e arredores com os nomes das ruas e avenidas*] **até três lugares** que mais frequentas no seu bairro de residência. Você poderia desenhar as direções do trajeto que fazes quando vai de casa para cada um desses lugares.

3) Por fim, gostaríamos que você marcasse neste outro mapa [*mostrar mapa da cidade com os nomes das principais ruas e avenidas*] **até três lugares** que mais frequentas na cidade de Porto Alegre. Você poderia desenhar as direções do trajeto que fazes quando vai de casa para cada um desses lugares.

Anexo 5 – A construção das sociogramas das redes egocentradas na AM_1 e na AM_2.

Os Sociogramas 1 e 2 foram construídos a partir do seguinte gerador de nomes: *com quais associações de bairro ou rua, entidades, empresas, instituições (públicas ou privadas), movimentos e organizações a AM_1/AM_2 manteve algum tipo de contato ou relacionamento nos últimos seis meses?* Esse questionamento foi respondido pelos atuais presidentes das duas AMs tomadas para investigação. Depois de estabelecida uma primeira lista de nomes, a qual foi lida e conferida pelo entrevistado ao final da entrevista, foi enviado e-mail aos presidentes das AMs pesquisadas para que eles pudessem agregar outros nomes. Nos dois casos, houve retorno com alguns novos nomes sendo acrescentados à listagem inicial.

Desse modo, obtido o rol definitivo de associações de bairro ou rua, entidades, empresas, instituições (públicas ou privadas), movimentos e organizações, foram construídas as matrizes relacionais das duas AMs através do software UCINET 6. Posteriormente, ao se empregar o software NETDRAW 2, foram produzidos os Sociogramas 1 e 2, nos quais é possível, então, visualizar e analisar a trama de relações sociais de cada AM tomada para investigação empírica nesta dissertação.

Neste caso específico, optou-se por construir a rede de relações das AMs pesquisadas, excluindo possíveis contatos com agentes sociais individuais. O foco da investigação recaiu sobre as vinculações existentes com AMs, entidades, empresas, instituições, movimentos e organizações. Dessa maneira, as tramas relacionais construídas são conformadas por *nós* de uma mesma categoria (unidade) analítica, visto que os laços em uma trama relacional podem ser estabelecidos entre indivíduos/indivíduos, indivíduos/grupos e grupos/grupos.

Além disso, não foram exploradas as possíveis relações entre os *nós* elencados pelos presidentes das AMs, visto que o objetivo era apenas identificar os *alters* que conformavam as tramas de relações constituídas no período estipulado. O mapeamento dos *alters* de cada uma das duas AMs, sem a identificação das conexões entre os *alters*, possibilitava atingir o objetivo analítico estabelecido – qual seja: *identificar e analisar o padrão relacional homofílico configurado nas redes de relações das AMs tomadas para análise empírica.*

Anexo 6 – Panfleto do Movimento Não ao Pontal do Estaleiro – 2010.



NÃO

ao projeto Pontal do Estaleiro

O projeto prevê a construção de um complexo arquitetônico (6 prédios) com altura de 43 metros na área do antigo Estaleiro Só.
Cada prédio terá volume semelhante ao nosso Hospital das Clínicas.

1 - Questão Ambiental
Se aprovado, causará grande impacto ao ambiente natural da região. As construções formarão uma barreira artificial impedindo a passagem dos ventos para a cidade e da luz do sol para a vizinhança, além do grande aumento da produção de esgoto cloacal que na região é ligado ao pluvial.

2 - Questão Urbanística
O projeto trará problemas de trânsito pela Av. Padre Cacique, que já terá aumento de fluxo de automóveis pela inauguração do Barra Shopping Sul a partir de outubro.

3 - Vocação da Orla
Lazer e recreação é a vocação de qualquer orla no mundo. A construção do empreendimento inviabilizaria a implantação de um grande Parque, que é um anseio da população, independente de classe social. A Orla do Guaíba pertence a toda população da cidade. As orlas são **Áreas de Proteção Permanente**. Não podem estar acessíveis apenas aos moradores e frequentadores dos estabelecimentos ali localizados, o belo pôr-do-sol e a vista do nosso Guaíba.

4 - Questão Ética e Legal
O empreendedor quando adquiriu o terreno em leilão, pagou um valor mais baixo por estar impedida por lei municipal a construção de prédios residenciais na área. Agora quer que se mude a lei para auferir maiores lucros. Caso a lei seja alterada, o município estará sendo irresponsável com as pessoas que morarão ali, pois é área com risco de enchentes e negligente, anti-ético e desrespeitará a legislação, sacrificando o bem-estar da maioria da população para favorecer a ganância de uma minoria.

Participe! Não permita que alterem a Lei!

*ACAPAN - Associação Católica de Proteção ao Ambiente Natural • Amigos do Rio Gonçalo de Carvalho • AMABI - Associação dos Moradores e Amigos do Bairro Independência • Movimento Viva Gasmetro • Associação Moinhos Vivos • AMBI - Associação dos Moradores do Bairro Ipanema • AMA - Associação dos Moradores da Anziliadora • CCD - Centro Comunitário do Desenvolvimento da Tristeza, Pedra Redonda, Vias Conceição e Assunção • CMVA - Conselho Gestor dos Moradores da Vila Assunção • DEFENDER - Defesa Civil do Patrimônio Histórico • Associação dos Moradores da Orla da Estrela • Associação dos Moradores do Centro de Porto Alegre • ASCOMJIP - Associação Comunitária Jardim Isabel Ipanema • AMOBELA - Associação dos Moradores da Bela Vista • CEUCAB-RS - Conselho Estadual da Urbânia e dos Cuias Afro-Brasileiros do RS • ANSC - Associação dos Moradores do Sétimo Ceu • Movimento Petropolis Vivo • UPV - União Pela Vida • ONG Solidariedade • Movimento Regiões Vivas • AMACAP - Associação dos Moradores do Bairro Chácara das Pedras • Instituto BIOFILIA • InGá Estudos Ambientais • NAT/Brasil - Núcleo Amigos da Terra

Atenção!

Divulgue "boca-a-boca"
O Pontal do Estaleiro não é um projeto isolado, é a primeira manifestação de uma nova lógica de apropriação da cidade. Nela, **poucos ganham e a maioria perde**. O Plano Diretor está em revisão e com sua discussão suspensa. Se os **projetos especiais** forem aprovados e executados, antes da revisão, esta "nova" realidade será o ponto de partida para o planejamento da cidade.

Abrace esta luta!
A cidade é de todos nós. É a cidadania que a constrói e ao "Poder Público" compete servi-la. Exija maiores explicações. Manifeste-se, participe, divulgue, **abrace esta causa**.

O projeto Pontal é só a "ponta do iceberg"

A Lei Complementar 470 veda o uso residencial, a atividade industrial e a localização de depósitos, preservando o espaço para atividades de interesse cultural. Permite a construção até quatro pisos, o que não altera de forma significativa a volumetria do prédio que lá existe. Após anos de abandono da área, sem que o Poder Público exigisse do proprietário o cumprimento da **Função Social da Propriedade** (LC. 312) e nem mesmo do **Código de Posturas** (LC. 12), o empreendedor, BM PAR, requer dos vereadores a alteração desta lei. Alega o empreendedor, que os limites do regime urbanístico instituído pela lei 470, não garante o **lucro necessário**, para que seja um "bom negócio". A alteração proposta para a lei permitirá o uso residencial e comercial, assim como a altura de 43m.

Os prédios, caso a lei seja alterada, serão da altura do morro!

Abaixo-assinado na Internet: <http://www.abaixoassinado.org/abaixoassinados/1571>

PARTICIPE

FÓRUM
MUNICIPAL DE ENTIDADES
Porto Alegre

Endereços eletrônicos: forumpoa@gmail.com - forumpoa@gmail.com

Anexo 7 – A elaboração dos sociogramas das redes egocentradas nos indivíduos pesquisados.

Os oito sociogramas produzidos e analisados nesta pesquisa são conformados por indivíduos, uma vez que se optou por explorar somente as relações indivíduo/indivíduo nas redes egocentradas tomadas para exploração empírica. Desse modo, através do gerador de nomes construído (ver Capítulo 3 e Anexos 1 e 2), foi obtida uma lista dos *alters* de cada indivíduo pesquisado, o qual informou também os vínculos existentes entre os seus *alters*. Essas informações foram inseridas no software UCINET 6, sendo, então, montada uma matriz de relações para cada um dos entrevistados.

Uma matriz de relações é constituída por linhas e colunas, conforme é possível observar na Ilustração 1, abaixo, no exemplo utilizado por Molina et. al. (sd). Os nomes elencados nas linhas são repetidos nas colunas. Nas células onde se entrecruzam os nomes é apontada a existência ou não de conexão entre eles. Ou, conforme resume Hanneman,

los datos de la “red” (en su forma más pura), constituyen una matriz cuadrada de mediciones. Las filas de la matriz son los casos, sujetos y observaciones. Las columnas son el mismo conjunto de casos, sujetos y observaciones – allí está la diferencia clave con los datos convencionales. En cada celda de la matriz se describe una relación entre los actores (HANNEMAN, sda, p.5).

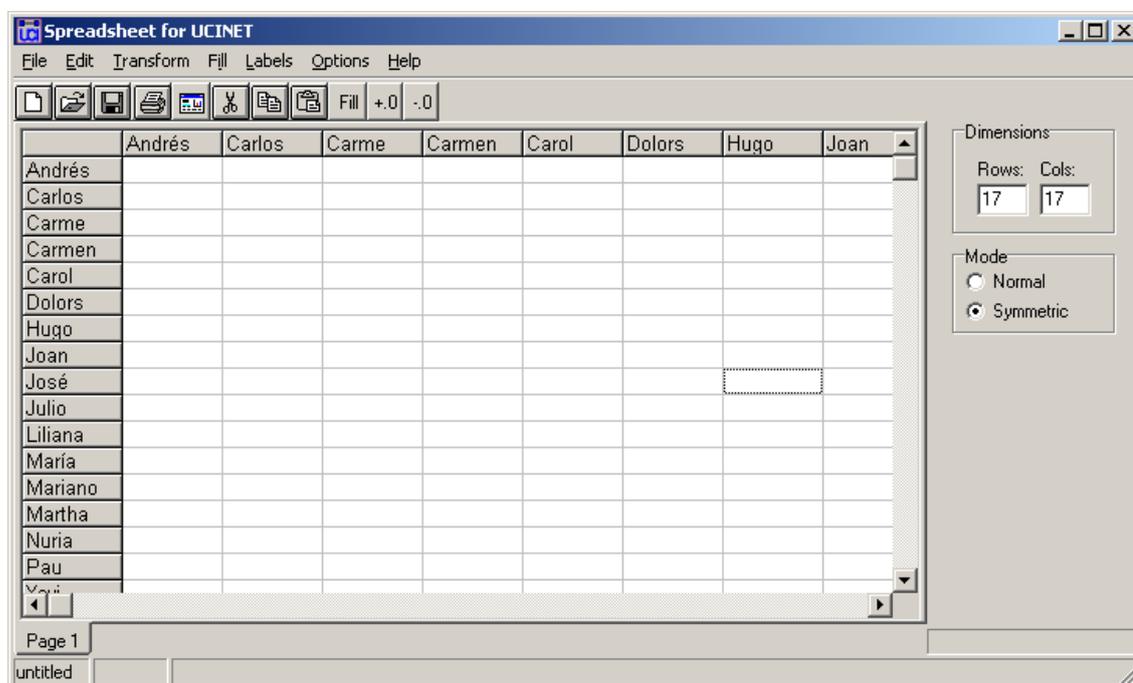


Ilustração 1. Matriz de informações relacionais.

Fonte: Molina et. al., sd, p.27.

Os procedimentos acima descritos foram realizados na construção de cada um dos oito sociogramas explorados. Posteriormente, as informações reticulares produzidas em formato de matriz foram inseridas e trabalhadas no NETDRAW 2. Neste software, foram construídas as representações gráficas (ou seja, os sociogramas) das redes egocentradas investigadas.

Anexo 8 – Clique e “conjunto/grupo de conexões”.

De um modo geral, o termo *clique* se refere a um subconjunto de *nós* que estão mais próximos e fortemente conectados entre si do que com os demais integrantes de uma determinada rede de relações sociais. Nesse sentido, um *clique* seria um subgrupo altamente conectado, mesmo que não haja vínculo direto entre todos os seus membros. Contudo, em sua definição mais restritiva, um *clique* é considerado todo grupo formado por membros que estão todos conectados diretamente entre si (neste caso, se falta um vínculo, deixa de ser um *clique*). Segundo Hanneman, “la definición más fuerte de un clique es un determinado número

de actores (más de dos, usualmente se usan tres), que tienen todos los vínculos posibles presente entre ellos” (HANNEMAN, sdb, p.7). Quanto ao número de *nós* conectados entre si necessários para se identificar um *clique*, a literatura em ARS estabelece, em geral, *três* como número mínimo. Conforme Molina et. al., “los actores que conforman un clique deben ser más de dos, por lo general se trabajan cliques de tres y más integrantes” (MOLINA, sd, p. 44). Nesta pesquisa, adota-se a definição mais restritiva do termo *clique*, definindo-se, então, um mínimo de três *nós* que mantenham todas as relações possíveis entre si para se identificar um *clique* de relações sociais.

O termo “conjunto de conexões” (podendo ser empregado também “grupo de conexões”) relaciona-se, por sua vez, ao *tipo* de laço social estabelecido entre um *ego* e seus *alters*. Um determinado número de *nós* vinculados a um *ego* por manter vínculos familiares com ele, por exemplo, constituem um “conjunto de conexões”, mesmo não estando todos eles conectados entre si nos sentidos geral e restrito do termo *clique* acima discutidos. Um “grupo de conexões” é caracterizado, conforme a sua construção analítica nesta pesquisa, por manter o mesmo tipo de vínculo social com um determinado *ego*.

Em alguns casos, um “grupo de conexões” pode constituir um *clique*, visto que todos os *nós* estão conectados entre si e mantém o mesmo tipo de vínculo com o *ego* analisado. Outras vezes, um *clique* pode estar conformado por indivíduos que representam diferentes tipos de laços sociais para o *ego* investigado. Um “conjunto de conexões” pode, inclusive, ser configurado por vários *cliques* de relações.

Conforme apresentado precedentemente, na construção da técnica de produção de informações chamada *name interpreters*, foram estabelecidas algumas tipologias de vínculos sociais existentes entre o *ego* entrevistado e um determinado *nó* da sua trama relacional. Os tipos de laços mencionados aos entrevistados eram os que seguem: cônjuge, irmão, filho, parente, amigo, colega de trabalho, conhecido, vizinho, colega de associação. A partir de tais categorizações dos laços sociais existentes em uma trama relacional, foram construídas a exploração e a análise das oito redes de relações sociais investigadas nesta dissertação.